



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Psicologia

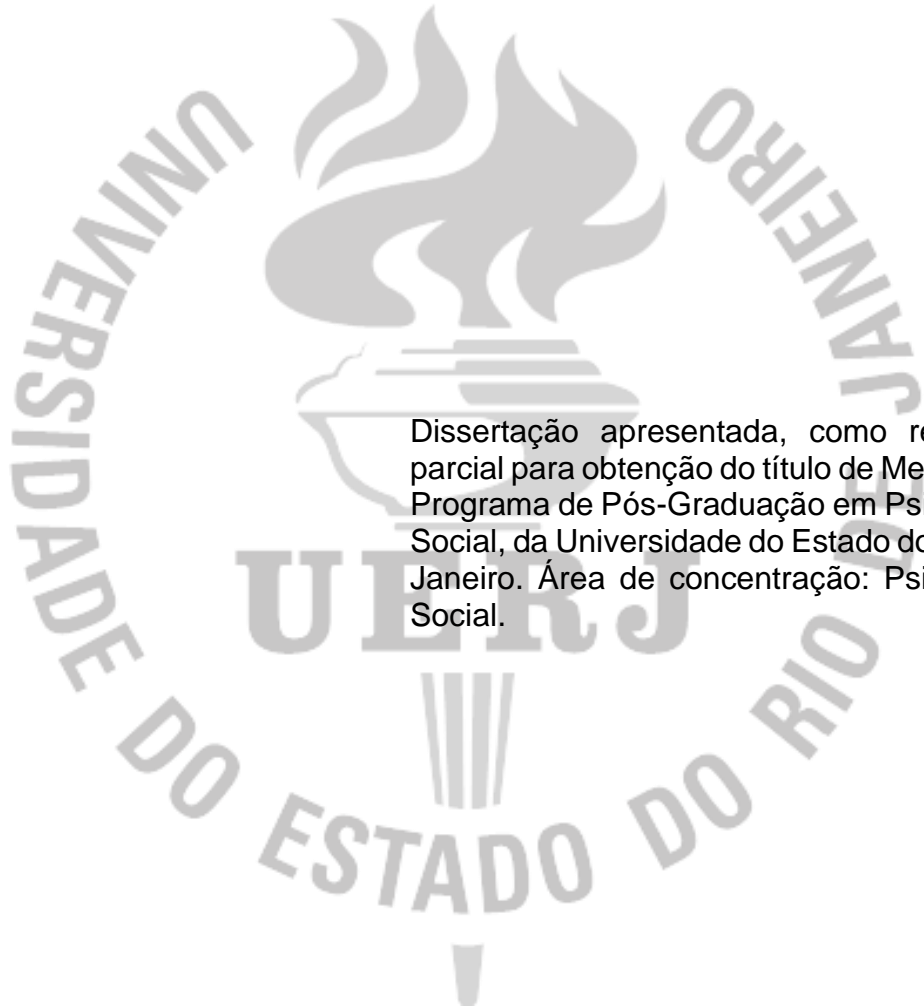
Sonalle Cristina de Azevedo da Fonseca

O Ubuntu na formação em Psicologia

Rio de Janeiro
2024

Sonalle Cristina de Azevedo da Fonseca

O Ubuntu na formação em Psicologia



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

Orientadora: Prof^a. Doutora Alexandra Cleopatre Tsallis

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

F676

Fonseca, Sonalle Cristina de Azevedo da

O Ubuntu na formação em Psicologia / Sonalle Cristina de Azevedo da Fonseca. – 2024.

104 f.

Orientadora: Prof^a. Dra. Alexandra Cleopatre Tsallis

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

1. Psicologia social - Teses. 2. Ubuntu (Filosofia) - Teses. 3. Psicólogos – Formação profissional - Teses. 4. Psicologia – Currículos - Teses. I. Tsallis, Alexandra Cleopatre. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. IV. Título.

ml

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Sonalle Cristina de Azevedo da Fonseca

O Ubuntu na formação em Psicologia

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

Aprovada em 07 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Alexandra Cleopatre Tsallis (Orientadora)
Instituto de Psicologia – UERJ

Prof.^a Dra. Mariana de Castro Moreira
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof.^a Dra. Débora Augusto Franco
Instituto de Psicologia – UERJ

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

A minha avó Guinha (*in memoriam*) por me ensinar a importância da ancestralidade

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus por me sustentar com a sua graça e misericórdia. Lembro-me de quantas supliquei o seu cuidado e o Senhor com sua bondade atendeu minhas súplicas. Eis que se cumpriu o que diz a Sua Palavra em Deuteronômio, 31:6: “Coragem! E sede fortes. Nada vos atemorize, e não os temais, porque é o Senhor, vosso Deus, que marcha à vossa frente: ele não vos deixará nem vos abandonará”.

Aos meus pais, Halverano e Ana Lúcia, por me darem à vida e me ensinarem de forma concreta a máxima do Ubuntu “Eu sou, porque nós somos”. Amo vocês!

Aos meus irmãos, Monique e Matheus, por me ensinarem que com o espírito do Ubuntu conseguimos nos manter unidos mesmo com nossas singularidades. Amo vocês!

A minha avó Guinha (*in memorian*) por seguir me cuidando mesmo em outra temporalidade. A senhora me ensina que se não formos esquecidos, não morremos nunca! Amo você, minha velhinha!

A todos os meus ancestrais por me mostrarem o caminho que devo seguir. Definitivamente o futuro é mesmo ancestral!

À todos os meus professores e professoras que com sua sabedoria e generosidade permitiram o meu desenvolvimento intelectual.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) por todo comprometimento com um ensino público, gratuito e de qualidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ por permitir o desenvolvimento deste trabalho.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por financiar esta pesquisa.

Ao Laboratório afeTAR por me acolher e ensinar que estar em comunidade nem sempre é fácil, mas que é necessário. Obrigada por serem meus parceiros em mudar o mundo com a nossa Ciência!

À minha orientadora, Alexandra Tsallis, pela parceria, cuidado e afeto.

À banca examinadora, Débora Franco e Mariana Moreira por aceitarem o convite e me auxiliarem na construção de um mundo mais plural através deste trabalho!

À suplente Monique Brito, por toda parceria, generosidade e inúmeras contribuições ao longo da minha trajetória acadêmica.

À equipe do COM-POR UERJ Pessoas Negras pela parceria e dedicação no cuidado à nossa população.

Ao Coletivo Negro Neusa Santos por serem comunidade para todas as pessoas negras do Instituto de Psicologia da UERJ.

À minha amiga Angél Siqueira por toda a parceria na vida, por compartilhar as alegrias e dificuldades de ser uma mulher negra e acadêmica. Saber que eu tenho você comigo faz toda a diferença. Te amo!

À Letícia Costa (“Dona Helena”) por todas as orações, cafés, sabedoria e acolhimento. Amiga, ter você na minha vida é incrível. Você é a representação do cuidado de Deus em minha vida. Te amo! Agradeço também ao seu esposo Rodrigo por toda paciência ao me receber na casa de vocês.

À Fernanda Quintanilha, por sua generosidade em forma de amizade e por me dar amigas tão especiais como: Angél, Letícia e Raissa. Através de você sinto o que é ter e pertencer a uma comunidade forte e unida. Te amo!

À Raissa, por sua amizade que adoça a minha vida. Você me faz feliz com a sua presença! Amo a forma como você espalha amor e cuidado em nossas vidas. Ter você como amiga é um presente valioso. Te amo!

À Darckyanne Alencar, minha amiga querida, que com seu cuidado faz com que eu me sinta muito abençoada por tê-la em minha vida. Te agradeço por compartilhar de todos os momentos comigo. Te amo!

À Letícia Mattozinho, minha tenente mais amada, por me inspirar a alcançar voos mais altos. Obrigada por acreditar em mim! Te amo!

À Júlia Leite, minha “Julinha”, por me fazer sorrir de orelha a orelha. Sua amizade faz minha vida mais feliz. Te amo!

Ao Ruan Oliveira, meu amigo amado, que está desde o Pré-Vestibular Social comigo. Obrigada pela honra de compartilhar a trajetória acadêmica com você! Te amo!

Ao Hebert Santos e Loíse Lorena por serem umas das minhas referências de intelectualidade negra. É uma honra compartilhar a jornada acadêmica com vocês!

À Daniele Miranda, minha parceira de mestrado, que fez dessa jornada mais feliz. Obrigada pela parceria!

À Dandara Chiara por todo cuidado e parceria.

À Katiane Alves, por todo o cuidado oferecido à mim através de seu trabalho.
Conseguimos!

À Yasmin Sunbale, por me ouvir e acolher, por me mostrar que o cuidado é capaz de nutrir a alma.

Ao Felipe Uchoa, por todo suporte e cuidado oferecido à mim através de seu trabalho.

À todos aqueles e aquelas que cruzaram o meu caminho.

RESUMO

FONSECA, Sonalle Cristina de Azevedo. **O Ubuntu na formação em Psicologia**. 2024. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Esta pesquisa tem por objetivo acompanhar como a filosofia Ubuntu pode se fazer presente na formação em Psicologia. Para tal, utilizaremos como base metodológica o livro Lições de Sabedoria Ubuntu de autoria de Mungi Ngomane, afim de pensarmos como os ensinamentos podem ser incorporados na formação. Também utilizaremos como metodologia a Teoria Ator-rede (TAR), em que a presença de actantes humanos e não humanos, nos apresentam o caminho metodológico a seguir. O texto vai se desenvolvendo através de uma escrita envolvente, circular, em que presente, passado e futuro coabitam, sendo uma forma também de mostrar a importância da ancestralidade e a noção de temporalidade em perspectiva africana, sendo importantes pistas a serem seguidas para articulação da filosofia Ubuntu e a Psicologia. Apesar de serem proposições metodológicas que se originam de perspectivas diferentes, encontram-se em confluência de saberes, explorados ao longo da pesquisa. Sendo assim, esperamos que com esta dissertação, a importância do Ubuntu possa ser demonstrada, reconhecendo o quanto a formação é potencializada quando é realizada com Ubuntu, inspirando sua incorporação no currículo de ensino de Psicologia.

Palavras-chave: Ubuntu; Formação em Psicologia; Teoria Ator-rede.

ABSTRACT

FONSECA, Sonalle Cristina de Azevedo. **The Ubuntu in Psychology Training**. 2024. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This research aims to monitor how the Ubuntu philosophy can be present in Psychology training. To do this, we will use as a methodological basis the book *Lessons in Ubuntu Wisdom* by Mungi Ngomane, in order to think about how the teachings can be incorporated into training. We will also use the Actor-Network Theory (ANT) as a methodology, in which the presence of human and non-human actants presents us with the methodological path to follow. The text develops through engaging, circular writing, in which present, past and future cohabit, also being a way of showing the importance of ancestry and the notion of temporality in an African perspective, being important clues to be followed to articulate the Ubuntu philosophy and Psychology. Despite being methodological propositions that originate from different perspectives, they are a confluence of knowledge, explored throughout the research. Therefore, we hope that with this dissertation, the importance of Ubuntu can be demonstrated, recognizing how much training is enhanced when carried out with Ubuntu, inspiring its incorporation into the Psychology teaching curriculum.

Keywords: Ubuntu; Training in Psychology; Actor-network theory.

CARTA ABERTA

Primeiramente, gostaria de agradecer aos que possibilitaram que essa dissertação fosse possível, para mim é gratificante fazer dessa jornada algo compartilhado. Para mim, é muito gratificante ter mulheres negras tão incríveis comigo nesta jornada. É o Ubuntu em ação!

Em relação ao texto, especificamente, gostaria de pontuar algumas questões. Trata-se de um texto com caráter inovador e complexo, se compreendermos o desafio de pensar novas práticas na ciência para além do eurocentrismo. E também de se pensar em Ubuntu como um modo de vida, que como tal, permeia as nossas relações. Quando falamos com Ubuntu, entendemos que somos parte de um mundo e que também o formamos. Sendo assim, compreendemos a responsabilidade de nossas ações e resgatamos nosso senso de humanidade e pertencimento.

Enquanto embarcava nesse modo de viver tão profundo, muitos desafios foram surgindo. Em alguns momentos, sentia que a minha escrita travava, em outras que seguia em passos lentos, em outros ficava empolgada com os avanços. Foi e está sendo um misto de emoções. Mas tento colocar em prática a sabedoria do Ubuntu e também me lembrar da força do “Eu sou, porque nós somos”. Encerro agradecendo mais uma vez e com o desejo que esta dissertação nos inspire como profissionais, que resgate o nosso elo com a humanidade e com o mundo.

Com carinho,
Sonalle Azevedo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abrapso	Associação Brasileira de Psicologia Social
ANT	Actor-Network-Theory
APA	American Psychology Association
CensoPsi	Censo da Psicologia Brasileira
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CREPOP	Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Política Pública
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
TAR	Teoria Ator-Rede
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	A redenção de Cam de Modesto Bronco (1985).....	44
----------	---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 PASSOS METODOLÓGICOS: COMO UBUNTAR?	23
1.1 Ubuntu: criação de mundos.....	26
1.2 O mundo que eu quero construir: notas para o futuro	34
2 PRECISAMOS FALAR SOBRE RACISMO?	41
2.1 O que é branquitude?	45
2.2 Racismo no Brasil	49
2.3 Racismo acadêmico: como é ser uma mulher negra pesquisadora na pós-graduação?	55
3 POR QUE UBUNTU?	60
3.1 Ubuntu e a formação em psicologia no contexto brasileiro	67
3.2 Com-Por UERJ pessoas negras: Ubuntu como prática coletiva	74
3.3 Ubuntu nas salas de aula: a experiência em estágio docente.....	81
3.4 Nas voltas do tempo: mundos possíveis na pós-graduação em psicologia social	87
CONSIDERAÇÕES ESPIRALARES	93
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

Quem sonha junto, sobe junto (é quente)

Sonha junto, sobe junto (por nós)

Quem sonha junto, sobe junto (é isso)

Ninguém sonha sozinho nesse mundo

Emicida

Começo esse texto sem saber o que escrever. Confesso que enquanto escrevia, pensei “Mas como assim? Você já está fazendo”. Mas em muitos momentos eu sou capturada por esse início e essa sensação de não saber. Só que o meu tempo é outro, não é cronológico, e sim existencial, como nos ensina Nei Lopes e Luiz Simas (2020), respectivamente, homem negro, artista, estudioso das culturas africanas e homem branco, historiador e babalaô. É importante mencionar que as formas de apresentação de autoras e autores presente no texto, segue uma política de nomes, desenvolvida metodologicamente pelo Laboratório afeTAR, que aposta em um fazer científico em que saber quem são as pessoas que nos ajudam a fazer ciência importa. Porém isso não exclui as normas acadêmicas de formatação tradicionais, em que autora(e)s aparecem por meio de seus sobrenomes. Portanto, utilizaremos essas duas formas, para que os nomes transbordem no texto:

Quando os nomes deixam transbordar esta capacidade que o outro enquanto sujeito tem de compor um mundo conosco, os participantes compõem a pesquisa não pela condição de “qualquer um”, mas por suas intensidades e é a partir delas que podemos produzir interesse (Tsallis *et al*’, 2020, p. 188).

Com isso, é importante considerarmos também o gênero de quem compõe esse texto, pois como aponta Monique Brito (2021), mulher nordestina e doutora em Psicologia, a língua portuguesa teve um papel importante na naturalização do uso da linguagem no masculino. Isto nos leva a considerar que, ao ler somente o sobrenome, automaticamente julgamos se tratar de um homem. Quando inserimos o gênero em nossas pesquisas, apostamos em uma pesquisa mais plural, uma ciência localizada, como proposto por Donna Haraway (2005), mulher branca, zoóloga. Também faremos menção em alguns momentos à nacionalidade de autoras e autores presentes no texto. A depender do contexto em que são apresentadas(os) é importante indicar de que lugares vieram.

¹ O texto é composto por quatro mulheres brancas, dentre elas: Alexandra Cleopatre Tsallis, Beatriz Prata Almeida, Rafaelle Cristine Diogo Melo e Tereza de Magalhães Bredariol.

Escolho fazer uma escrita usando o feminino em primeiro lugar, acrescido de outras possíveis flexões de gêneros em palavras utilizadas. Essa escolha também se justifica pelo fato de que a maior parte da categoria profissional em Psicologia é composta por mulheres. De acordo com Censo da Psicologia Brasileira (CensoPsi), realizado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), dos 428.791 profissionais inscritas(os) entre os 23 Conselhos Regionais de Psicologia, apenas 20.207 participaram da pesquisa (Conselho Federal de Psicologia, 2022). Os dados apontam que a maioria de profissionais são do gênero feminino, sendo 79,2% da categoria. Portanto, faz-se necessário lançar mão do feminino nesta escrita, como nos ensina Márcia Moraes, mulher branca, psicóloga e Alexandra Tsallis (já nomeada anteriormente).

Sabemos bem que corremos riscos quando lançamos mão do feminino na ciência. Riscos de que nossas ponderações sejam tragadas pelos dualismos que, sem tréguas, incidem sobre as questões de gênero. Insistimos, porém, na discussão sobre o feminino na ciência, afirmando-o longe de qualquer dualismo (Moraes; Tsallis, 2016, p. 47).

Porém, também é importante mencionar que a política de nomes também fará menção a identificação racial de autoras(es) presentes no texto, utilizando-se da heteroidentificação. É importante mencionar que embora seja relevante a conquista da autoidentificação, em que a própria pessoa identifica-se racialmente, a escolha pela heteroidentificação justifica-se também pela falta da inclusão da raça/cor como categoria importante nas nomeações acadêmicas. Sendo assim, “a escrita na ciência está longe de ser o simples relato dos resultados de uma pesquisa. Ela é antes, uma forma de povoar o mundo. Uma forma de fazer mundo” (Moraes; Tsallis, 2016, p. 44).

O critério de identificação racial por meio da heteroidentificação também se justifica pelo fato de que no Brasil, o racismo ocorre fenotipicamente, ou seja, pela cor da pele, o que o sociólogo branco Oracy Nogueira denomina como “preconceito de marca” (Nogueira, 2007). É necessário apontar que a adesão a esse critério de identificação racial, não significa uma falta de compreensão das limitações da heteroidentificação, mas compreendemos que na ausência da autoidentificação, mostra-se inevitável a adesão a tal critério. As descrições serão realizadas através de imagens coletadas na *internet*. Em casos em que não se consiga fazer essa heteroidentificação, seja por não encontrar imagens disponíveis ou por incapacidade de definir a cor-racialidade, não farei menção a esses indicadores.

Entre as(os) participantes do CensoPsi, 63,9% autodeclaram-se brancas, enquanto pardas e pretas, são respectivamente, 26,1% e 8,5% (Conselho Federal de

Psicologia, 2022). Se adotarmos o critério do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de somar pretos e pardos, agrupando-os em uma só categoria, a negra, não somos metade do percentual de pessoas brancas. Em 2022, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua, apresentou os dados referentes ao cenário da educação no país, que revela as diferenças entre pessoas brancas e negras:

Por cor ou raça, o cenário foi ainda mais marcante, visto que 36,7% das pessoas brancas de 18 a 24 anos estavam estudando, sendo 29,2% no ensino superior, frente a uma taxa de escolarização de 26,2% das de cor preta ou parda, com apenas 15,3% cursando ensino superior. Adicionalmente, 6,0% dos jovens brancos nesta faixa etária já tinham um diploma de graduação, enquanto, entre os pretos e pardos, 2,9% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022, p. 8).

A necessidade de expor os dados acima é compreendida pelo fato de eu ser uma mulher negra e psicóloga. Eu faço parte dos percentuais da população negra que conseguiram criar rupturas em uma sociedade marcada pela desigualdade. Mas para que eu fosse capaz de tal feito, foi necessário que outras pessoas pudessem me sustentar, que a filosofia Ubuntu se materializasse em “Eu sou, porque nós somos”, sendo a máxima em que podemos compreendê-la, segundo Renato Nogueira (2012), homem negro, brasileiro e filósofo.

Tratando-se de uma pesquisa cujo tema é o Ubuntu na formação em Psicologia, o objetivo é propor como tal filosofia pode ser incorporada, vivenciada, abordada em nossa constituição profissional, acompanhando como o Ubuntu articula-se com a formação em Psicologia, o que faz-fazer, nos levando a descrever como é uma formação com Ubuntu. Considero a importância que os vínculos possuem tanto na nossa jornada acadêmica quanto em nossas vidas, pois como aponta Alexandra Tsallis, Arthur Ferreira, Márcia Moraes e Ronald Arendt, pessoas brancas, pesquisadoras(es) brasileiras(os) da TAR (Teoria Ator-Rede): “Vivemos em um sistema de relações. Na teoria ator-rede trata-se de descrever a rede de relações, de avaliar as redes, observar o que elas fazem fazer e como aprendemos a ser afetados por elas” (Tsallis *et al*, 2006, p. 60). É claro que, não é uma tarefa fácil, tampouco rápida. Assim, essa dissertação não se propõe a dar conta do que é o Ubuntu por completo, porque o Ubuntu extrapola esse texto, mostrando-se no cotidiano de quem se permite viver com o Ubuntu, mas seguir e deixar rastros para o caminho de como é possível vivê-lo e praticá-lo na formação.

Me desloco para um outro estado temporal, em que agora alcancei o título de mestra. Daqui, da onde estou, eu tenho uma percepção diferente do caminho, porque

o observo por inteiro. A trilha sonora que me acompanha é a epígrafe desta introdução do rapper negro, brasileiro, Emicida, denominada *Sobe Junto* (2022). Penso em como é isso, relembro quem subiu junto comigo para que eu estivesse aqui. Algumas dessas pessoas eu já mencionei acima, mas ainda virão muitas muitas outras. No Laboratório afeTAR temos como metodologia de trabalho uma escrita científica que se constrói coletivamente, em que o texto é compartilhado através de um recurso chamado *Google Docs* ou Documentos Google que permitem a leitura e comentários de forma simultânea por todas as pessoas que têm acesso ao trabalho, a fim de que possam acompanhar as interações com/no texto.

Esse jeito de fazer ciência nos ensina a desenvolver habilidades metodológicas que permitem que a leitura e os comentários no texto sejam realizados de forma precisa, a fim de que nossas contribuições ajudem no desenvolvimento da escrita. Em um texto construído coletivamente pelo Laboratório afeTAR feito por mulheres, de diferentes idades, localidades, racialidade, esse modo de feitura é expressado:

O trabalho no texto é um processo. Não é exclusivo de um sujeito cognoscente que capta uma realidade dada e passiva, mas um fato fabricado por narrativas que trazem conceitos convocados pelas práticas materiais que as sustentam. A materialidade do vivido participa diretamente da produção atuando em nossa escrita (Tsallis *et al*, 2022, p. 3, tradução nossa).

Dessa forma, com a permissão e generosidade das pessoas que me ajudaram no processo de escrita desta dissertação, farei menção aos comentários originais realizados no Documentos Google, e também aos que foram feitos em espaços acadêmicos de forma compartilhada.

Darei início com o comentário de Angél Siqueira (2023), uma amiga com quem compartilho de maneira mais próxima a jornada da Pós-Graduação desde o início, pois iniciamos o Mestrado no mesmo ano.

Isso me fez pensar em Sobonfu Somé e Malidoma Somé² falando de como na cultura africana tudo que cada um faz é EM comunidade e PARA a comunidade, porque a natureza, comunidade e rituais (penso no sentido cotidiano também) estão intimamente interligados. Então, quando você escreve isso, penso não somente em ancestralidade, mas também no presente, em diáspora, isso que é aldeia territorial, trans-territorial (Siqueira, 2023a).

Algumas vezes é difícil ter ânimo para escrever, deparo-me com uma página em branco e ao mesmo tempo que isso me anima, pois posso preenchê-la de diversas

² Sobonfu Somé é uma mulher negra, de origem burquinesa, que compartilhou suas vivências durante os tempos em que viveu na aldeia Dagara, na África do Sul. Malidoma Somé é um ancião da África Ocidental, autor e professor, que compartilhou os saberes da aldeia Dagara. Retirado de: <https://malidoma.com/main/about/>

formas, isso me assusta porque me parece tão grandioso. Porém eu não escrevo sozinha, mas minha escrita se faz em conjunto. Novamente, Angél (2023b), fez o seguinte comentário:

E aí isso me lembra que para ter força vital que Sobonfu chama de Espírito (que está interligado), precisamos não estar sozinhos, e sim em natureza, comunidade e rituais. A lógica ocidental nos rouba essa sensibilidade, nos fazendo entrar em uma lógica de escrita individualista, e isso é tão solitário e cansativo porque não estamos ligados ao espírito, a força vital (Siqueira, 2023b).

As horas avançam... é hora de continuar com a dissertação. Não quero! Meu corpo pede mais alguns minutos de descanso. Meu coração acelera, com medo de mais uma vez não conseguir. bell hooks (2019), mulher negra, estadunidense, escritora, aponta para o medo como um fator cultural crescente entre os *campi* universitários:

A cultura do medo, que cresce desenfreada na maioria dos campi universitários, tanto dentro quanto fora da sala de aula, enfraquece a capacidade dos estudantes de aprender. Alunos e alunas que se relacionam com base no medo duvidam de sua capacidade de cumprir tarefas. Com muita frequência, são dominados pelo medo do fracasso (hooks, 2019, p. 209).

Por muito tempo o medo me consumiu, fazendo com que eu ficasse paralisada diante das páginas em branco. Temia não ter capacidade para realizar uma dissertação e diante do medo do fracasso, preferia nem me arriscar. Em um desses momentos, abro minha caixa de *e-mail* e tem uma mensagem da minha orientadora Alexandra Tsallis, a qual me refiro de forma carinhosa como Alê. Ela é uma mulher branca, de origem francesa e agora residente no Brasil. Alê por si só carrega mundos em sua existência, pois é composta de vários. Em sua mensagem diz que estava lendo um livro, chamado *Viver uma vida feminista*, e que lembrou de mim e de Loíse, ambas mulheres negras, brasileiras e discentes da pós-graduação em Psicologia Social. Talvez não seja tarefa fácil contar-lhes os vários mundos que mulheres negras carregam, de modo que dê para traça-los. Mas como diria Emicida “Tudo que bate é tambor, todo tambor é de lá, meu coração é o Senhor, tudo é África” (Principia, 2019). Assim, consigo me encontrar entre mundos, sabendo que África é o continente que me formou. Prosseguindo com a mensagem recebida por *e-mail* da Alê, o trecho que gerou essa lembrança foi o seguinte:

E eu diria que as mulheres de cor são, de antemão, etnógrafas das universidades; fazemos parte destas, sim, mas também estamos observando, muitas vezes porque se presume que não pertencemos aos lugares nos quais acabamos trabalhando (Ahmed, 2022).

Mas para que tal sentimento de pertencimento não me preencha por inteira, lembro-me de meus ancestrais que lutaram para pertencerem antes de mim e também por mim. Uma delas, é Neusa Santos, mulher negra, psiquiatra baiana, que é uma de minhas ancestrais no campo “Psi”. Em seu trabalho realiza entrevistas com pessoas negras, abordando como as questões raciais se apresentam em suas vidas. Carmen, uma de suas entrevistadas, no tópico em que se discute a ascensão social, fala sobre como é ser uma mulher negra em espaços considerados brancos: “É um lugar onde tudo é uma prova, onde estão sempre te testando. Justamente por ser negro tem sempre a ideia de um merecimento por você estar ali. A gente tem sempre a ideia de um merecimento por você estar ali” (Santos, 1983, p. 67).

Como é difícil habitar a pós-graduação. Em alguns momentos me questiono se devo abandonar esse lugar, pois para que continuar se está difícil? Porém, logo mudo a pergunta: o que podemos fazer para que a universidade seja um espaço de pluriversidades? A maneira que eu encontro é escrevendo. Uso a minha escrita como forma de pensar outros mundos. Uso-a de maneira em que toda minha vivência como mulher negra e acadêmica possa fazer circular a força vital que povos negros possuem. Escrevo para que quem me suceda possa sentir que por mais difícil que seja, a academia pode ser um espaço em que pessoas negras existem e continuam existindo também por meio da invocação de sua ancestralidade.

Eu escrevi este ensaio por causa das muitas conversas que tive com pós-graduandas negras, que estão em desespero, frustradas, com medo de que as experiências que estão tendo sejam únicas. Quero que elas saibam que não estão sozinhas, que os problemas que surgem e os obstáculos criados pelo racismo e pelo machismo são reais – realmente machucam –, mas não são insuperáveis. Talvez estas palavras tragam consolo, aumentem a coragem delas e renovem seu espírito (hooks, 2019, p.137).

Parece que sempre tenho que estar provando que eu mereço estar neste lugar. Quando penso nessas dificuldades, também penso em outras pessoas que também experimentaram esse sentimento de inadequação, em como conseguiram passar por isso, quais foram as saídas que encontraram, em quê e em quem encontraram forças. É claro, que algumas dessas pessoas nós podemos encontrar em registros escritos e de nossas memórias, mas há tantas outras em que não é possível.

Mas o Ubuntu resgata nossa unidade, ao afirmar através de sua máxima o “Eu sou, porque nós somos”. E isto não compreende só os seres humanos, como também os não-humanos, como as máquinas, os sentimentos, os animais, a atmosfera, entre outros.

Uma vez lendo a Grada Kilomba (2019), psicanalista negra, portuguesa, me deparo com o seguinte apontamento: “Como acadêmica, por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho acerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém não muito científico” (Kilomba, 2019, p. 51). Ser um corpo negro, feminino, fazendo ciência é um estado que demanda muito de nossa energia, que pode nos desgastar física e emocionalmente. Conceição Evaristo (2016), outra mulher negra, escritora, diz “escrever é uma maneira de sangrar” (Evaristo, 2016, p. 107). Penso o porquê de nas experiências de mulheres negras a escrita ser sempre tão difícil. Temo não conseguir gestar essa escrita. Imediatamente me lembro de meus ancestrais e de todas as pessoas que seguiram me gestando para que, hoje, eu possa estar (re)nascendo. Quero com a minha escrita gestar um mundo do qual eu me sinta pertencente e que todas as pessoas também possam se sentir, um mundo em que possamos viver o Ubuntu na prática. Ao ler esse trecho, minha amiga Angél Siqueira (2023c), faz o seguinte comentário: “Porque Ubuntu é prática. O ocidente pensa muito, teoriza, mas existem coisas que não estão na ordem da razão, não se mostra e escreve como sentir, se vive” (Siqueira, 2023c).

Lendo o que Angél escreveu, fiquei pensando em como apresentar o Ubuntu de maneira viva com a minha escrita. Por meses segui com esse comentário em meus pensamentos, mas sem conseguir materializá-lo. Deixei-o de forma aparente na aba de comentários de meu texto, até que quatro meses depois, porém na cronologia africana de tempo, que não é cronológica, mas existencial (Lopes; Simas, 2022), Hebert Santos (2023b), um outro amigo, homem negro, também pós-graduando responde a questão levantada por Angél da seguinte maneira:

Sim, eu sempre digo isso. Ubuntu se aprende com prática. Eu só escrevo de ubuntu porque foi uma filosofia aprendida na prática da dança. A gente, enquanto pesquisadores ocidentais, teoriza sobre a prática, mas não podemos esquecer de como isso reverbera na prática enquanto desenvolvemos a teoria (Santos, 2023b).

Em seu texto, Hebert Santos (Santos *et al*, 2023) destaca como aprendeu o Ubuntu na prática, através da vivência da dança afro, e evidenciando a dimensão ancestral na qual esse ensinamento se perpetua:

Obtivemos o conhecimento do Ubuntu dentro do espaço de dança, e grande parte do que foi aprendido na dança vem de Eliete Miranda. Além disso, aprendemos com a leitura de Ngomane que, por sua vez, aprendeu com seu avô, Desmond Tutu, que aprendeu com seus ancestrais e assim por diante. Destacamos que não estamos aqui para essencializar o Ubuntu como uma filosofia sem percalços e atravessamentos. Os processos têm seus embaraços e construções complexas, mas que, a partir disso, possamos

pensar em soluções mais firmes. Trazer a filosofia para este texto demarca uma aposta na ancestralidade como uma fonte ousada de conhecimentos e aprendizados. O Ubuntu nos convoca a uma implicação maior para com o outro e com nós mesmos, sendo um legado importante de nossa ancestralidade afro-brasileira (Santos *et al*, 2023, p. 8).

Por muitas vezes, estudando sobre a filosofia Ubuntu eu me perguntava como seria colocá-la em prática. Ainda me parece utópico (re)criar um mundo de um outro modo, em que todas as pessoas se sintam pertencentes/ligadas/unidas. Outra vez, Angél (2023d) aparece lançando o seguinte comentário como provocação:

Uma provocação que tem me vindo a alguns dias: Como uma pessoa tão contaminada pelo ocidente consegue viver isso na prática se não existem métodos e receitas para esse algo da ordem do viver desde o nascimento em África? (Siqueira, 2023d).

Encontrei a resposta, meses depois também, lendo *Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança* de bell hooks, que nos apresenta ferramentas para vivermos em comunidade, mesmo estando imersas(os) em um mundo em que a perspectiva Ocidental é hegemônica:

Ao cultivar a consciência e a descolonização do pensamento, conseguimos as ferramentas para romper com o modelo dominador da sociabilidade humana e do desejo de imaginar novas e diferentes formas de as pessoas se unirem. Martin Luther King imaginou uma "comunidade amorosa", criando uma concepção de mundo onde as pessoas se conectariam com base na humanidade compartilhada. Sua percepção permanece. King nos ensinou que o simples ato de se unir fortaleceria a comunidade (hooks, 2021a, p.80).

Quanto mais eu avançava nos estudos, mas eu percebia o quanto no Laboratório afeTAR³ vivemos com Ubuntu. Nesse espaço, nos tratamos com respeito e dignidade, trabalhamos com alegria! Me sinto feliz de fazer parte de uma com(u)idade em que eu possa experimentar uma formação com Ubuntu. Escrevo desta forma, pois em minha escrita o COM se faz presente, pois como Márcia Moraes (2010) aponta, uma pesquisa é feita COM e não sobre os outros. Dessa forma, estou em com(u)idade em todo momento, pois essa é formada COM os outros e também com si própria(o). Nesta direção, Alexandra Tsallis (2014), também descreve o impacto que o COM tem em sua proposição teórica-metodológica:

Em particular, entendo que entre as duas há uma possibilidade de cultivar ressonâncias, o que torna o pesquisarCOM, proposto por Marcia Moraes, uma forma de habitar diversas fronteiras. Estar nesse lugar me recrutou a pensar que, diante de certas situações, precisarei fazer ressoar por muito

³ “O laboratório afeTAR é um projeto desenvolvido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em colaboração com estudantes de graduação e pós-graduação e se refere a um modo singular de fazer pesquisa inspirado na Teoria Ator-Rede (TAR), tal como propõe Latour (1994, 2001, 2012) e seus colaboradores, pela experiência segundo Bondía (2002) e na proposta de afetação desenvolvida por Favret-Saada (2005)” (Tsallis *et al*, 2022, p. 3, tradução nossa)

tempo o COM. Creio que, quando fazemos isso, aprofundamos ainda mais o viés político dessa opção teórico-metodológica, ou seja, o cultivo das sucessivas ressonâncias faz o COM se tornar COM-UM. O lugar do COM-UM exige a negociação de diferenças, a coragem de partilhar o cotidiano que testemunhamos como pesquisadores (Tsallis, 2014, p. 123).

Nesse partilhar o cotidiano como pesquisadores no qual Alexandra Tsallis (2014), me inspirei na forma como Hebert Santos (Santos *et al*, 2023) usa o parênteses na palavra Corp(o)ralidade:

A palavra Corp(O)ral é propositalmente escrita assim, devido aos movimentos da dança costumarem ser circulares. Nesse sentido a letra “O” segue em maiúsculo, protegida pelos parênteses e conectando corpo e oralidade enquanto marcas do saber ancestral (Santos *et al*, 2023, p. 10).

Ao utilizar a grafia dessa forma, em que o parênteses ganha também uma função metodológica em sua pesquisa, pois tem a função de conectar o corpo e a oralidade, me inspiro para grafar com(u)idade, em que o parênteses é usado de forma a conectar o com e a unidade, pois fazer parte de uma com(u)idade é ser com sem fazer com a nossa unidade se perca, porém conectando com as demais.

É claro que não é uma tarefa fácil, mas o Ubuntu nos apresenta caminhos para construir essa com(u)idade, permitindo que tenhamos um modo de viver que nos leve a essa prática, pois como aponta bell hooks (2021a):

Construir comunidade exige uma consciência vigilante do trabalho que precisamos fazer continuamente para enfraquecer toda socialização que nos leva a ter um comportamento que perpetua a dominação (hooks, 2021a, p. 80).

O Ubuntu possibilita que com as nossas diferenças e singularidades, encontremos o que nos conecta com todos os outros seres, fazendo com que nos tornemos no presente um Eu, mas que também tem consciência de que só pode ser porque tem um Nós. Vale explicitar que esse Eu e Nós são interespecies, ou seja, abarcam todas as vidas, sejam humanas ou não.

Nós aprendemos que o eu existia em relação, era dependente, para sua própria existência, das vidas e das experiências de todas as pessoas; o eu não como “um eu”, mas a junção de “muitos eus”, o eu como a incorporação de uma realidade coletiva passada e presente, família e comunidade (hooks, 2019, p. 79).

Dessa forma, ao longo dos capítulos desta dissertação, apresentarei como concebo o Ubuntu na formação em Psicologia. No primeiro capítulo: Passos metodológicos: como Ubuntar? abordo como o Ubuntu conflui com a Teoria Ator-Rede, apresentando as condições de feitura de minha pesquisa. O Ubuntu pode fazer

com que pensemos estratégias para lidar com o curso da vida e em como podemos criar outros mundos possíveis.

No segundo capítulo: Precisamos falar sobre racismo? discuto as bases em que o racismo se estrutura, apresentando o conceito de branquitude como lugar de poder, que concede privilégios a algumas pessoas em detrimento de outras. Sendo assim, a pergunta com qual início é desenvolvida ao longo do capítulo, evidenciando a importância de abordarmos o racismo como prática contrária ao Ubuntu, a fim de criarmos ações antirracistas.

No terceiro capítulo, retorno com o questionamento: Por que Ubuntu? a fim de demonstrar a importância de incorporá-lo em nosso modo de vida, especialmente na formação em Psicologia, em que destaco como a proposição “Eu sou, porque nós somos” se reafirma através da ancestralidade.

Sendo assim, ao pensarmos em uma formação com Ubuntu estamos abertas/os/es ao diálogo, nos colocamos à disposição e na posição de transformação do mundo. A minha orientadora Alexandra Tsallis, mulher branca, professora de Psicologia, destaca sempre em nossos encontros que estamos juntas/os/es para criar um mundo em que caibam todas as pessoas. Isto nos é tão valioso se formos pensar que o nosso trabalho, assim como demarcado pelo código de ética profissional, “[...] promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e coletividades, contribuindo para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (Conselho Federal de Psicologia, 2005, p. 7). Como faremos isso sem nos unirmos? É só porque estamos juntas/os/es que somos capazes de reunir forças para construir um mundo com Ubuntu (Ngomane, 2022)

O ubuntu nos ensina que, juntas, nossas forças podem ser uma potência voltada para o bem, e há um poder enorme em reconhecer o valor de nossa união, principalmente se quisermos fazer do mundo um lugar melhor. Isso é ubuntu. Pense na mudança que você gostaria de ver no mundo. Muitas vezes, as pessoas se reúnem quando têm um objetivo em comum. Em um mundo ideal, o que você gostaria que acontecesse de maneira diferente? (Ngomane, 2022)

1 PASSOS METODOLÓGICOS: COMO UBUNTAR?

Então eu vou no passo da formiga, faço
figa

Compro a briga desde as antiga

Humilde no passinho de formiga, hã

E o coração diz siga

Emicida

O que é ir no passo de formiga? O que é fazer figa? Para nos ajudar a caminhar como formigas, vou chamar alguns actantes, humanos e não-humanos, para nos ensinar a dar os primeiros passos. O primeiro, é Bruno Latour (2012), antropólogo francês, homem branco, que com o seu livro *Reagregando o social* nos aponta um novo modo de fazer ciência. É importante demorar-me um pouco na explicação de como Latour (2012) define quem ou o quê são importantes nesse processo de feitura, pois é necessário que saibamos reconhecê-las(os) quando apresentam-se no caminho.

Para o antropólogo, há algo ou alguém, que é capaz de provocar movimento, de nos fazer-fazer, de provocar uma ação, e para designá-los utiliza o termo *actante*. Segundo ele, os actantes seriam definidos por: “[...] O segredo é definir o ator com base naquilo que ele faz – seus desempenhos – no quadro dos testes de laboratório. Mais tarde, sua competência é deduzida e integrada a uma instituição. Uma vez que, em inglês, a palavra actor (ator) se limita a humanos, utilizamos muitas vezes ‘actant’ (atuante), termo tomado à semiótica, para incluir não-humanos na definição” (Latour, 2001, p. 349). Mas quem são esses não-humanos? Por que incluí-los? Porque fazemos parte de um mundo que não se limita apenas à habitação de humanos, mas que é coabitado por seres diversos. Latour compreendeu isso, mas é preciso falar também de outros povos, como os africanos, os indígenas e quilombolas, por exemplo, que em sua concepção de mundo, afirmam a importância de considerarmos todas as existências, sem exceção, pois somos seres interligados, ou como Latour (2012) aponta em rede.

Nesse caso, as formigas são importantes, para o fazer pesquisa, mas também para o fazer mundos. E para ajudar nessa ligação, sim, pois é preciso, porque a formiga e eu, apesar de vivermos em compartilhamento, como Nêgo Bispo nos ensina e que abordarei mais adiante, temos as nossas próprias particularidades. É nesse caminho, que encontro mais uma actante para me auxiliar, Jackeline Aires (2019),

mulher nordestina, mestre em Psicologia, que ao estudar formigas da espécie Saúvas, diz:

Elas precisam umas das outras para a sobrevivência de todo o sistema. As operárias jardineiras são um pouco menores e cuidam dos fungos; as operárias-generalistas são um pouco maiores e cuidam, além dos fungos, de levar lixo para fora e escavar o solo; as operárias-cortadeiras, um pouquinho maiores, já cortam as plantas e transportam, cavando também o solo; e existem as operárias-soldados, que além das funções anteriores cuidam da defesa da colônia. Por fim, as rainhas, que são as maiores, ficam a maior parte do tempo debaixo da terra, colocando os ovos e gerando novas formigas. Saem apenas para o voo nupcial, onde guardam, em bolsinhas, o material que fecunda os ovos; nesta etapa, os bitus, os únicos machos, que comem e vivem subterrâneos, saem para o voo e logo após morrem, caindo por terra (Aires, 2019, p. 12).

Nos passos de formiga muita coisa é movimentada e faz-movimentar, e assim foi essa dissertação. Dei passos lentos em que, muitas vezes, não sabia dimensionar os impactos que teriam, o que moveriam. Latour (2012) também evoca as formigas em seu trabalho, utilizando a terminologia ANT - *Actor-Network-Theory*, que significa formiga em inglês.

Chegado a este ponto, não tente ser esperto, não pule, não troque de veículo: se fizer isso, ignore as ramificações e não conseguirá traçar a nova paisagem. Apenas siga as pistas com olhos míopes. Você aceitou ser formiga [ant], você permanecerá ANT! Se teimar na decisão de produzir uma trilha contínua em vez de descontínua, outra cadeia de montanhas começará a se erguer. É uma paisagem que atravessa, cruza e atalha os lugares antigos de 'interação local' e de 'contexto global' (Latour, 2012, p. 256, grifo do autor).

Em muitos momentos, hesitei ser formiga, pois queria seguir uma trilha contínua, tanto que foi um desafio escrever esta dissertação, quando essa me apresentava outras coisas pelo caminho, porém como aponta Latour (2012), o social não é algo dado, mas que está em constante reagregação. O sociólogo ao fazer tal afirmação, aponta-nos para o fato de que o social não é algo abstrato, estático, mas que se constrói por meio das relações que construímos:

[...] Longe de ser uma hipótese atordoante, essa é na verdade a experiência mais comum que podemos ter face ao aspecto enigmático do social. Uma nova vacina está sendo preparada, uma nova descrição de tarefa está sendo oferecida, um novo movimento político está sendo criado, um novo sistema planetário está sendo descoberto, uma nova lei está sendo votada, uma nova catástrofe está ocorrendo. A cada instante, precisamos reformular nossas concepções daquilo que estava associado, pois a definição anterior se tornou praticamente irrelevante. Já não sabemos muito bem o que o termo 'nós' significa; e como se estivéssemos atados por 'laços' que não lembram em nada os vínculos sociais (Latour, 2012, p. 23).

Dessa forma, penso em como o campo é vivido por nós, e o quanto também é vivo em nós. Dentro desse nós, aparecem actantes humanos e não-humanos (Latour,

2001), que nos fazem-fazer, como aponta Ronald Arendt (2008), homem branco, e um dos mais importantes pesquisadores brasileiros desta teoria:

Na terminologia da ANT, fala-se então de actantes, de humanos e não humanos articulados em redes. Assim, o termo coletivo torna-se mais adequado que o de sociedade, pois inclui uma combinação heterogênea de humanos e não humanos, nunca concebidos em si, só adquirindo sentido quando articulados, vinculados em função do coletivo em que estão inseridos. Neste coletivo, um ator não age, simplesmente, mas é levado a agir, ele é superado por sua ação. Em outros termos, ele não apenas faz, a rede o faz-fazer (Arendt, 2008).

Assim, a minha dissertação intitulada Ubuntu na formação em Psicologia, foi reagregada por diversos actantes que se apresentam ao longo deste caminho, mostrando-me que o meu pesquisar se faz a partir desta união. Sendo uma formação proposta com Ubuntu, é permeada por sentidos e relações que só se constituem quando consideramos todos os seres.

Assim, o projeto inteiro daquilo que pretendemos fazer juntos se torna duvidoso. O senso de integração entrou em colapso. Mas para registrar a percepção da crise e acompanhar as novas conexões, outra noção de social tem de ser descoberta: *bem mais ampla* do que a usualmente chamada por esse nome e, ao mesmo tempo, estritamente limitada à busca de novas associações e ao esboço de seus agregados. Este é o motivo pelo qual definirei o social, não como um domínio especial, uma esfera exclusiva ou um objeto particular, mas apenas como um movimento peculiar de reassociação e reagregação (Latour, 2012, p. 25).

Dessa forma, considero que a Psicologia também pode ser definida assim, pois ao propormos a incorporação do Ubuntu na formação, estamos fazendo o movimento de reassociação e reagregação. É importante mencionar que embora Latour, segundo Tsallis *et al* (2006) aponta, tenha concedido em seus trabalhos um papel coadjuvante à Psicologia e considerando-a como um produto de uma ciência moderna, mesmo assim seguimos estabelecendo o diálogo entre a teoria proposta por Latour e a Psicologia, apostando nas práticas em Psicologia para seguir as pistas deixadas por actantes.

E através destas pistas, ousou ir além, e promover um diálogo entre a ANT, ou como é denominada no Brasil, Teoria Ator-Rede (TAR) e o Ubuntu, sendo fruto dessas reassociação e reagregação o Ubuntar, em que a filosofia Ubuntu se junta com a TAR. É importante mencionar quem me auxiliou com essa nova terminologia, sendo fruto de uma parceria de trabalho com a minha orientadora Alexandra Tsallis.

Para empregar um slogan da ANT, cumpre 'seguir os próprios atores', ou seja, tentar entender suas inovações frequentemente bizarras, a fim de descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboraram para sua adequação, quais definições esclarecem melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer (Latour, 2012, p. 31)

E seguindo os atores, ou melhor actantes, que o Ubuntar me apresentou no caminho, foi possível seguir com esta dissertação. É importante destacar alguns aprendizados que o Ubuntu nos ensina, pois como nos aponta Mungi Ngomane (2022), mulher-negra, sul-africana e neta do arcebispo Desmond Tutu⁴, o Ubuntu é um modo de vida no qual todas/os/es nós podemos aprender. Nesse sentido, como também aponta Noguera (2012, p. 149): “Com efeito, ubuntu como modo de existir é uma re-existência, uma forma afroperspectivista de configurar a vida humana coletivamente [...]”. Considero que o Ubuntu, ao ser designado dessa forma, dialogue com o que a TAR aponta sobre a importância das reagregações, sendo também necessário para compreender o Ubuntu seguir os actantes envolvidos neste modo de vida.

Dessa forma, nesta pesquisa, eu também assumo o papel de actante, pois narro em 1º pessoa a incorporação do Ubuntu em meu modo de vida, apresentando como se deu a associação com a TAR, gerando o Ubuntar e de como essa junção, foi gerando outras reagregações, até nos depararmos com os saberes do líder indígena Ailton Krenak e do quilombola Nêgo Bispo. Nesse caminho, é importante mencionar também que:

Na ANT (metaforicamente) não se circula em linha reta, mas através de desvios, de linhas curvas, pequenos caminhos que abrem para outros tantos caminhos e assim sucessivamente. Um fim pode sempre ser modificado em função de desvios, através de *mediações* imprevisíveis. (Arendt, 2008).

Foram esses desvios, que foram me gerando outros, me fazendo perceber o quanto o Ubuntu se associa a TAR, assim como os conceitos a serem apresentados posteriormente. Sendo assim, convido-os para embarcar comigo nestas linhas circulares, a fim de compreendermos como é o Ubuntu na formação em Psicologia. Escrevo-o dessa maneira próxima, utilizando-se da escrita em 1º pessoa, pois é uma forma de afirmação da metodologia Ubuntar, que permite nos associarmos com/no mundo.

1.1 Ubuntu: criação de mundos

O desafio que proponho aqui é imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação (Krenak, 2022).

⁴ Desmond Tutu foi um arcebispo sul-africano importante na luta contra o *Arpatheid* e na reestruturação da África do Sul após esse período, sendo fundador da Comissão da Verdade, organização atuante no julgamento de casos ocorridos durante o *Arpatheid*.

Abro este capítulo com a citação acima, de autoria de Ailton Krenak, líder indígena brasileiro. Enquanto escrevo, recordo-me do fato colonialista curioso, de datar o descobrimento do Brasil em 1500, com Pedro Álvares Cabral, um líder expedicionista português que pelos cursos das águas adentrou o país. Os povos indígenas já existentes nesta terra foram desconsiderados, tratados como parte desse tal descobrimento. Mas como nos ensina Krenak (2022): “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui”.

Essa mesma água que compõe o mundo, nosso corpo, é capaz de nos ensinar a fazer nascentes, que assim como no rio, promovem um novo curso d’água, que é capaz também de dar origem a um novo mundo. Com a minha escrita, eu lanço-me as águas de nossa existência, para que, essas sejam capazes de nos mostrar o que já estava aqui, um modo de vida diferente do que já estamos acostumados. Se em 1500, alguns seres humanos, tiveram a chance de construir um futuro ancestral e a desperdiçaram por sede de ganância, que agora, possamos fazer diferente e retornamos as águas de nossa existência para aprendermos que só há uma perspectiva de futuro, a ancestral, que nos ensina que para caminharmos para frente, temos que respeitar todos os seres já existentes nesta Terra, a fim de nos fundirmos como um só ser.

“Estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis” (Krenak, 2022). Mas de que terra Krenak nos fala? Seria o planeta ou um tipo de solo mais arenoso? Considero que a terra que Krenak nos chama a mergulhar é toda aquela que seja capaz de gerar vida, não só a própria, como também coletiva, pois somos seres que coabitam esta Terra.

A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial. Em vez de ficarmos pensando no organismo da Terra respirando, o que é muito difícil, pensemos na vida atravessando montanhas, galerias, rios, florestas. A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é só uma palavra. (Krenak, 2020a)

Essa concepção que o autor aponta é muito bonita, pois nos faz perceber que a vida extrapola nossas definições sobre ela. Confesso que fiquei sem palavras para descrevê-la, pois tudo o que me vem à mente é movimento, e isso é difícil de se pôr

em palavras, que geralmente nos parecem estáticas, mas que em minha escrita elas precisam ser vivas, capazes de gerar vida, à quem for ler.

Eu quero a palavra que expresse a vida! A palavra. Escrevo, com lápis mordiscado, em que estão impressas as marcas de meus dentes ansiosos. No ângulo superior de meu caderno escrevo com a força permitida a meus pulsos já fragilizados. Passo a ponta do lápis várias e sucessivas vezes para que a escrita impressa se torne imune à borracha. Eu quero a palavra que expresse a vida. Valendo-me de meu imperativo, talvez, meu querer-palavra-que-expresse a vida possa de alguma forma ser atendido. Não quero a palavra formada por sílabas ocas e esvaziadas de suas possibilidades de força e expandir o que já está traçado, os itinerários conhecidos. (...) A palavra é livre, cai no mundo nas mãos de tantos, com seus usos diversos, mas a palavra sempre escapa pois sabe ser inventiva, ela se mantém viva na circularidade que descreve. Eu queria a palavra que, em sua expressão, expressa a vida, isso que pertence a todos, para qual o próprio nome vida é insuficiente. Busco a palavra mutável, transformável que expressa a vida (...). (Vitor Freitas, mensagem enviada por *Whatsapp* ao Laboratório afeTAR, 18 de março de 2019) (Tsallis *et al*, 2022, p. 2, tradução nossa)

Eu também quero essa escrita viva. Porém estando na academia, onde muitas vezes o produtivismo impera, as palavras vão perdendo vida. Nos preocupamos muitas vezes em preencher o vazio das páginas, mais do que preencher os vazios que nossas palavras podem acarretar. Escolher uma escrita viva, não é uma tarefa fácil, para mim essa escolha acarretou em muitas dúvidas, angústias, tristeza... Teve momentos em que meu corpo me forçava a parar e as palavras não conseguiam correr livremente em sua potencialidade pelas páginas. Eu só me preocupava com o número de páginas, pois ao consegui-las, eu conseguiria finalizar esse mestrado. Enquanto escrevo, recordo-me de um trecho de um livro da Conceição Evaristo (2017) que conta a história de Tio Totó, um personagem que teve sua história atravessada por um rio ou um rio atravessado por sua história, fazendo com que Totó travasse uma disputa de movimentos com a correnteza daquelas águas, em que no final mesmo conseguindo chegar à outra margem do rio, não chegou vencedor, pois no meio do caminho Totó teve que entregar o que tinha de mais valioso, o que fez com que chegasse à outra margem “São, Salvo e Sozinho” (Evaristo, 2017). O rio que me atravessou ou o rio em que atravessei, foi o da minha própria existência. É um rio cujas correntezas são tão fortes que podem devastar tudo o que estiver no caminho. Um rio que se encontra com/em outros rios, que têm sua fonte em todos os seres que coabitam esta Terra.

Eu não quero chegar “Sã, Salva e Sozinha”, pois como eu poderia escrever esta dissertação, que fala sobre o Ubuntu na formação em Psicologia, sem que sentisse verdadeiramente que não estou sozinha, mas que a minha existência é

interligada à outras? Eu não quero entregar uma dissertação que sirva apenas para preservar a minha própria existência, mas quero que a minha escrita possa preservar outras. A travessia é um lugar de angústia, medo e desespero, sobretudo quando se é negra/o/e. Fomos tirados de nossas terras à força e obrigados a realizar uma travessia para um lugar que não conhecíamos e nem queríamos ir, muitos de nossos antepassados não chegaram à margem “são, salvo e sozinho”, alguns ficaram no meio do caminho, outros perderam o que tinham de mais valioso. Quero que todas as pessoas, especialmente as negras, não tenham que chegar às outras margens do rio de sua existência, sem serem vencedoras, pois para que pudessem chegar, tiveram que abrir mão do que possuíam de mais valioso para si.

Sabemos que esse lugar foi profundamente afetado, virou um abismo, mas estamos dentro dele e não vamos sair. É uma questão que incomoda, mas é preciso estar nessa condição para poder produzir uma resposta em plena consciência. Consciência do corpo, da mente, consciência de ser o que se é e escolher ir além da experiência da sobrevivência. Uma operação de resgate tem como intuito salvar o corpo que está sendo flagelado e levá-lo para um outro lugar, onde será restaurado (Krenak, 2020a).

Desde os nossos ancestrais aprendemos a força da união para a nossa existência. Com isso não quero esvaziar a experiência devastadora que a colonização teve em nossa história, nem romantizar esse período, mas como diz Krenak (2019, p. 14): “vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos”. Estas manobras me servem como inspiração e força para seguir em frente. Desta forma, quando escrevo com Ubuntu, quando proponho uma formação com Ubuntu, também realizo uma manobra que aprendi com Nêgo Bispo, líder quilombola, homem negro brasileiro, que é a confluência. Utilizando-se da sabedoria da natureza, ele aponta os movimentos feitos pelas águas, que se juntam a outras e assim formam mais rios.

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a confluência, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso (Santos, 2023a).

Recordo-me que em momentos em que eu queria desistir do mestrado, por estar me perdendo de mim mesma, tentava me reconectar com os meus antepassados, com a minha ancestralidade, para que eu pudesse resistir aos impactos que ser uma mulher negra e acadêmica me causavam. Eu não queria me afogar nos rios de minha existência, mas também não queria chegar “Sã, Salva e

Sozinha”. Nesse momento foi importante compreender que eu poderia estar em confluência e assim o Ubuntu fez com que os cursos das águas da minha existência se encontrassem à outras, realizando uma afroconfluência.

Não fizemos os quilombos sozinhos. Para que fizéssemos os quilombos, foi preciso trazer os nossos saberes de África, mas os povos indígenas daqui nos disseram que o que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro. Nessa confluência de saberes, formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos indígenas (Santos, 2023a).

Nessa afroconfluência, pude experienciar o Ubuntu em diversas situações, que me ajudaram a me sentir pertencente, como a vez em que fui à Universidade vestida com a camisa do Bangu, tradicional bairro da zona oeste do Rio de Janeiro, no que ao pegar o elevador, a ascensorista me disse – “Camisa do Bangu” – ao que respondi perguntando se ela morava lá, no que ela responde que morava próximo. Ter alguém que também compartilhava de um lugar de proximidade, fez com que eu me sentisse mais forte, mais encorajada a permanecer neste espaço.

O recurso mais poderoso que qualquer um de nós pode ter enquanto estudamos e ensinamos em ambientes universitários é a completa compreensão e apreciação da riqueza, da beleza e da importância de nossas origens familiares e comunitárias. Ter consciência das diferenças de classe, nutrir vínculos com pessoas pobres e da classe trabalhadora que são nossos parentes mais íntimos, nossos companheiros na luta, transforma e enriquece nossa experiência intelectual (hooks, 2019. p. 177).

Marielle Franco (1979-2018), mulher negra, socióloga, ex-vereadora da cidade do Rio de Janeiro, que, infelizmente, foi brutalmente assassinada, redigiu uma carta para o coletivo “Bastardos da PUC”, formado por discentes bolsistas/moradores da periferia do Rio de Janeiro, em que conta as suas estratégias de resistências para permanecer em um espaço em que sua existência era desqualificada pelas demais. Em seu relato, ela conta que cercar-se de pessoas, sejam colegas de turma, docentes ou funcionários, que possam contribuir para que a vivência na academia possa se dar, mesmo diante de obstáculos, isso foi o que a ajudou a permanecer em sua trajetória acadêmica (Franco, 2017). Cerca-me dessas pessoas que muita das vezes que me encontrava diziam “Não desiste, vai valer a pena” foi o que também me ajudou a formular e me manter disposta a criar um mundo plural.

Mas, para muita gente, na epistemologia ocidental, a ideia de outro mundo é apenas um outro mundo capitalista consertado: você pega este mundo, leva para a oficina, troca o chassi, o para-brisa, arruma o eixo e bota para rodar mais uma vez. Um mundo velho e canalha fantasiado de novo. É uma distopia: em vez de imaginar mundos, a gente os consome (Krenak, 2020a).

O mundo em que estou disposta a criar, é um mundo co-criado, em que nos coloquemos em união com todos os seres que nos integram e que co-habitam esta Terra conosco.

Eu estou interessado é na caminhada que fazemos aqui, na busca de uma espécie de equilíbrio entre o nosso mover-se na Terra e a constante criação do mundo. Pois a criação do mundo não foi um evento como o Big Bang, mas é algo que acontece a cada momento, aqui e agora (Krenak, 2020a).

Essa criação do mundo que Krenak nos fala, me faz pensar na circularidade do tempo, e em como o nosso planeta também é formado, de forma circular. Enquanto escrevo, os pensamentos circulam em minha cabeça. Fico brigando comigo mesma, pois tenho que terminar esta dissertação, tenho que colocá-la no mundo, buscando um equilíbrio entre o meu mover no mundo e a constante criação do mundo. Isso é difícil, pois eu fui atravessada por um pensamento colonialista em que a linearidade se impõe. Quando nos movemos em forma linear, não há um mundo redondo, em que possamos viver de forma circular: “O mundo é grande e tem lugar para todo mundo. O mundo é redondo exatamente para as pessoas não se atropelarem” (Santos, 2023a). Lembro que quando eu li essa frase, pensei imediatamente, que se o mundo fosse linear, não seria coabitado, pois tudo e todos se atropelariam. Não haveria essa movimentação que faz criar, pois é preciso que possamos nos movimentar com/no mundo.

Noguera (2019), aponta que entre os idiomas que partilham do tronco linguístico bantu, a comunidade possui 3 dimensões: os ancestrais, os que estão vivos e os que ainda nascerão. Compartilho dessa dimensão de comunidade, pois o Ubuntu indica para uma genealogia existencial viva e concreta, ao mostrar que “Eu sou, porque nós somos”, e é por isso, que outras pessoas também poderão vir a ser, porque esses nós produzem. Nesse movimento circular, lembro que o tempo também é compartilhado por 3 dimensões: passado, presente e futuro. Não acho que seja mera coincidência partilhar da mesma quantidade numérica, se prestarmos atenção a como é representada essa numerologia. O número três, representado em algarismo arábico, é dessa forma “3”, o seu formato é circular, terminando em um espaço aberto. O círculo não se fecha. Considero que é nessa abertura, que podemos fazer com que a circularidade se expanda e a ancestralidade possa adentrar.

O mundo é um só enquanto coexistência, mas a interpretação dele é variada. Não temos mil mundos. E não temos um mundo único. Isso seria recair no mesmo erro. Cada cultura produz o eu mundo juntamente ao mundo das outras culturas. Até ontem podíamos pensar cada mundo em seu lugar, o que era uma perspectiva curiosa, ainda que ingênua. Hoje em dia, ao contrário, é

nos dado a tarefa de pensar não apenas as fronteiras dos mundos, mas suas encruzilhadas, isto é, não no limite deles, mas onde eles se encontram e se misturam. (Não podemos, isto sim, pensar o mundo de maneira unívoca, pois seria trair a experiência tanto das estruturas quanto das singularidades). A Ancestralidade é capaz de adentrar nesse terreno, pois dele é fruto. Desde a ancestralidade desbordamos, então, não é uma teoria do conhecimento, nem uma política, nem uma estética das artes, nem uma religião, nem uma moral, mas uma ética (Oliveira, 2012, p. 42)

A temporalidade e a comunidade, se fundem não só no algarismo, mas também com/na vida. O que dá origem a vida, é a água, como a cantora Luedji Luna, mulher negra brasileira, baiana, canta em seus versos “a vida está na água, rapaz” (Enquanto..., 2022). Neste momento as águas escorrem pelos meus olhos, pois temo me afogar nisto que faz parte da minha existência, que é o processo de virar mestra. Não quero mais brigar com as águas, mas quero aprender com a sua sabedoria. Em uma perspectiva africana a água é importante pois também faz nascer um mundo novo:

Presente desde o nascimento do indivíduo – ou a seu retorno como membro ancestral ao grupo familiar –, o elemento água possui papel relevante em todos os ritos propiciatórios, sejam eles de nascimento, iniciação e morte. Podemos dizer que este é o primeiro elemento que os seres humanos possuem contato, ainda em fase embrionária, no interior do corpo de suas mães, e não, por isso, este deverá estar presente também nos momentos finais quando a vida despede-se deste mundo (Mandarino; Gomberg, 2009, p.145).

O que me dá forças é pensar que o mundo está sempre se criando e que eu posso ajudar nesta criação, mas para tal é preciso nos fundir, ou melhor dizendo, tendo uma relação orgânica com a vida (Santos, 2023a). Nessa perspectiva, todos os actantes são necessários, como nos aponta os autores:

Enquanto o povo da cidade se sentia muito importante, eu, por minha vez, me sentia necessário. Eles, porém, não me viam como alguém necessário, me viam como alguém útil. Para eles eu era um servidor, um serviçal. Eu era útil, mas poderia ser substituído porque não era necessário. Percebi que o povo da cidade tinha relações de utilidade e importância, mas não tinha relações de necessidade. Para nós, a pessoa que é importante não é quase nada. É aquela pessoa que se acha ótima, mas não serve. O termo que tem valor para nós é necessário. Há pessoas que são necessárias e há pessoas que são importantes. As pessoas que são importantes acham que as outras pessoas existem para servi-las. As pessoas necessárias são diferentes, são pessoas que fazem falta. Pessoas que precisam estar presentes, de quem se vai atrás. (Santos, 2023a)

Embora eu seja uma pessoa que veio da cidade, pois nasci e fui criada aqui, a ancestralidade foi capaz de adentrar nesse terreno, pelas águas não só da minha existência, mas também de outras “As cidades são estruturas colonialistas. Nem todos os povos da cidade são povos colonialistas, mas a cidade é um território colonialista” (Santos, 2023a). Dessa forma, interligo meu ser à outros, e a força dessa conexão faz com que eu tenha a certeza que por mais que eu chegue “sã e salva”, eu nunca estarei

“sã, salva e sozinha”, pois o mundo me carrega e eu carrego o mundo em mim. Enquanto escrevo, estou ouvindo uma música da cantora negra, brasileira, Liniker, chamada “Psiu” que por mera confluência, não coincidência, diz assim em seus versos:

Pra quem não sabia contar gotas
 Cê aprendeu a nadar
 O mar te cobriu sereno
 Planeta Marte
 Sem ponto, sem virgula, sem meia, descalça
 Descascou o medo pra caber coragem
 Sem calma, sem nada, sem ar (Psiu, 2021)

É a escrita que me permitiu aprender a nadar e é por meio dela, que eu poderei chegar a outra margem do rio, “sã, salva e acompanhada”. As minhas músicas, a minha escrita, o cosmo, as autoras e autores que aqui se fazem presente, entre outros actantes humanos e não-humanos me acompanham até à margem. “Destá maneira, água e vida, ancestralidade e descendência se misturam em um contínuo vai e vem de possibilidades, cujo simbolismo encontra-se revelado nas águas límpidas dos rios e córregos” (Mandarino; Gomberg, 2009, p. 148).

Chegando à margem, o perigo é de sermos marginalizados. A margem não é um lugar seguro, engana-se quem pensa que não possui correntezas. Grada Kilomba (2019), utilizando da concepção de margem e centro usados por bell hooks, em que estar na margem é ser parte do todo, mas fora do corpo principal. Isto por si só, não faz sentido em uma perspectiva africana, pois quando fazemos parte, também somos esse Todo.

Nesse contexto de marginalização, ela argumenta, mulheres *negras* e homens *negros* desenvolvem uma maneira particular de ver a realidade: tanto de ‘fora para dentro’ quanto de ‘dentro para fora’. Focamos nossa atenção tanto no centro como na margem, pois a nossa sobrevivência depende dessa consciência (Kilomba, 2019, p. 68).

A autora prossegue dizendo que a margem pode ser um lugar de resistência e possibilidade, mesmo sendo vista como um espaço de privação e perda, pois a “margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos” (Kilomba, 2029, p. 68). Grada prossegue expondo que não quer romantizar a opressão, mas que bell hooks nos aponta para a complexidade dual da margem, que também pode ser um local de repressão quanto um local de resistência. Neste sentido, inspirada pelos saberes de Nêgo Bispo (Santos, 2023a), utilizo palavras para contracolonizar:

Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da

cosmofobia. Vamos dizer que a cosmofobia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento”. Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nós trouxemos a biointeração; para a coincidência, trouxemos a confluência; para o saber sintético, o saber orgânico; para o transporte, a transfluência; para o dinheiro (ou a troca), o compartilhamento; para a colonização, a contracolonização... e assim por diante (Santos, 2023a).

Escolho utilizar a palavra repressão de forma contracolonial, compreendendo-a não como algo que se reprime, se prende, mas como algo que contém uma força tamanha, que é capaz de se romper como as barragens de uma represa. Certa vez, em uma de nossas reuniões de bancada no Laboratório afeTAR, uma amiga da pós-graduação chamada Daniele Miranda, mulher branca, psicóloga e palhaça contou sobre um dos aprendizados que teve em uma disciplina da pós-graduação, ministrada pelo professor Fernando Pocahy, homem branco, que fala sobre a sabedoria das infiltrações, que são cursos d’água que encontram pequenas brechas entre as paredes para seguir seu caminho. Dani comentando sobre o meu trabalho, disse que o Ubuntu também podia ser compreendido como um curso d’água, pois é capaz de romper com a dureza da academia e da branquitude. Na hora em que ouvi isso achei lindo, pensei em como é bom ter uma formação com Ubuntu, pois permite que o nosso fazer ciência em Psicologia seja feito de forma coletiva.

Recordando-me dessa situação, percebo a sutileza desse encontro, pois Dani é uma mulher branca e eu uma mulher negra. Ambas possuem modos distintos de vida, marcados especialmente pela pele, mas são capazes de se encontrar em confluência “Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito” (Santos; 2023a). Pelos cursos d’água foram capazes de confluir, mostrando o quanto o Ubuntu pode criar mundos, em que o compartilhamento seja realizado com respeito, em que cada ser possa presentear o outro com aquilo que tem de mais valioso em si. Dessa forma, pretendo que com esta possa inspirar à todas/os/es aquelas(es) que me lêem a construir mundos. Que possamos aprender com o nosso tempo circular, que se não soubermos como construí-lo, que nos coloquemos como crianças que imitam os adultos em seus fazeres cotidianos (Santos, 2023a). Até que nessa roda que é a vida, sejamos “Enquanto ancestral de quem tá por vir, eu vou”.

1.2 O mundo que eu quero construir: notas para o futuro

“A esperança em um futuro melhor pode ajudar a fazer com que nossas dificuldades atuais pareçam passageiras” (Ngomane, 2022). Fui convidada para participar de um evento no Instituto de Psicologia da UERJ, organizado pela equipe da Clínica Transdisciplinar em Afroperspectiva, coordenado pela professora Débora Franco, intitulado I Jornada da Consciência Negra. A mesa de debate em que participei era sobre Arte, Ubuntu e Quilombismo, junto a Deborah Medeiros e Renato Gama. Éramos três gerações ali, que viveram diferentes momentos na UERJ.

Deborah Medeiros é uma mulher negra, psicóloga, que se formou na UERJ na década de 80. Ela inicia sua fala compartilhando o quanto é significativo para ela poder estar na Universidade em que se formou. Renato Gama, é um homem negro, fundador do Coletivo Negro de Psicologia Neusa Santos. Ele iniciou a graduação muito depois que a Débora. Eu, Sonalle Azevedo, sou uma mulher negra, também psicóloga, que sucedeu essas pessoas. Três gerações presentes que carregam a cronologia do tempo em seus corpos: passado, presente e futuro.

Momentos antes de iniciarmos a temática discutida, Renato me convidou para fazer parte dessa circularidade temporal, juntamente com a Débora. Ele queria discutir como organizaríamos as nossas falas, até que sugeriu que eu comesse primeiro, pois segundo ele, o Ubuntu abriria caminhos para as seguintes falas. Na hora eu não tinha entendido, mas agora posso perceber o quanto o “Futuro é ancestral” realmente faz sentido. Eu estava iniciando a minha fala com quem anteriormente me iniciou

Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo (Santos, 2023a).

Começo agradecendo as/os que vieram antes de mim. Pois como poderia falar sobre o Ubuntu, sem que explicitasse mais uma vez o “Eu sou, porque nós somos”. Eu não seria, se não tivesse quem fosse. Habitamos o mundo de maneira compartilhada. Com Krenak, aprendi que o futuro não é algo distante, porém que está aqui e agora. O futuro já estava acontecendo naquele momento. Decidi contar histórias, como aprendi com a minha orientadora Alê (Moraes; Tsallis, 2016), mas que também é uma prática comum entre povos africanos e afrodiáspóricos⁵:

⁵ AFRODIÁSPORA. Publicação editada a partir de janeiro de 1983 pelo Instituto de Pesquisas Afro-Brasileiras (Ipeafro) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a direção de Elisa Larkin e Abdias Nascimento. Definiu-se como “revista quadrimestral do mundo negro” (Lopes, 2011. p. 63).

DIÁSPORA. Palavra de origem grega que significa “dispersão”. Designando, de início, principalmente o movimento espontâneo dos judeus pelo mundo, hoje aplica-se também à desagregação que, compulsoriamente, por força do tráfico de escravos, espalhou negros africanos por todos os continentes. A Diáspora Africana compreende dois

No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos. Na cidade grande, contudo, só tem valor o que vira mercadoria. Lá não se contam histórias, apenas se escreve: escrever histórias é uma profissão. Nós contamos histórias sem cobrar nada de ninguém, o fazemos para fortalecer a nossa trajetória. E não contamos apenas as histórias dos seres humanos, contamos também histórias de bichos: macacos, onças e passarinhos (Santos, 2023a).

Contei-lhe o que é o Ubuntu, subvertendo a ordem natural da academia, de falar a partir de conceitos e referências escritas. Ngomane (2022) diz que o Ubuntu é um presente da África do sul para o mundo e eu queria compartilhar o que recebi quando o aceitei em minha vida. Dessa forma, compartilhei com o público a minha trajetória, em que chego na UERJ com uma consciência racial enfraquecida e o quanto que foi necessário encontrar pessoas, como o Renato, que me reconheceram como uma parte delas também. Quando eu passava pelos corredores do Instituto de Psicologia, ele sempre vinha me cumprimentar de uma forma mais próxima, chamando-me de irmã. Naquela época, o meu entendimento sobre essa palavra abarcava somente uma perspectiva cristã, mas com o passar do tempo fui entendendo que quando Renato me chamava assim, ele queria mostrar que temos uma relação de união, de organicidade, em que somos seres que confluem. A nossa existência não se dá de forma individual, mas compartilhada “Chegamos como habitantes, em qualquer ambiente, e vamos nos transformando em compartilhantes” (Santos, 2023a).

Ao compartilhar com o público o que eu vivi, eu também estava compartilhando de certa forma um sonho, de que todas as pessoas possam se sentir pertencentes, mesmo em espaços que insistem em reproduzir uma lógica que não é baseada na comunidade.

Mesmo que entrem na universidade em níveis semelhantes de capacidade e habilidade, não se espera que a sala de aula seja um lugar comunitário onde essas habilidades naturalmente conduzam os estudantes à excelência total. A competição arraigada nas práticas desumanizantes de humilhação, de rituais sadomasoquistas de poder, impossibilita o comunalismo e impede a formação de comunidade. Se alunos e alunas entram em uma turma compartilhando habilidades e capacidades semelhantes – e, portanto, laços comuns –, devem ser empregadas estratégias de distanciamento e de separação para romper efetivamente esses laços orgânicos. Em vez de serem ensinados a se ver como camaradas, são educados para ver uns aos

momentos principais. O primeiro, gerado pelo comércio escravo, ocasionou a dispersão de povos africanos tanto pelo Atlântico quanto pelo oceano Índico e mar Vermelho, caracterizando um verdadeiro genocídio, a partir do século XV – quando talvez mais de 10 milhões de indivíduos foram levados, por traficantes europeus, principalmente para as Américas. O segundo momento ocorre a partir do século XX, com a emigração, sobretudo para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais. O termo “diáspora” serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram. Ver DESAFRICANIZAÇÃO. (Lopes, 2011, p. 492).

outros como adversários competindo pelo prêmio de pessoa inteligente o suficiente para dominar os demais (hooks, 2019, p. 207-208).

Nesse compartilhamento segui falando o quanto queria que pudessem compreender o Ubuntu como uma prática, não só de forma conceitual. Gostaria que pudessem aceitar o Ubuntu na formação em Psicologia. Sendo assim, compartilhei algumas lições importantes dessa filosofia como a **Lição 8: Procure maneiras de se conectar**, incentivando a união com as pessoas, pois não precisamos viver a Universidade de um jeito solitário, porém encontramos forças quando estamos em união **Lição 2: A força está na união**. Relembrei uma disciplina ministrada nos períodos iniciais da graduação denominada Grupos e Instituições, que ensina os modos de funcionamento/criação de grupos e instituições, e de como existe uma relação entre esses, em que um vai formando o outro e vice versa. O meu objetivo era mostrar o quanto o Ubuntu se fazia presente durante a formação, mesmo que não fosse denominado. Conte-ihe de como o que estávamos vivendo ali, foi um futuro sonhado pelo nossos ancestrais, o Coletivo Negro Neusa Santos e por quem se juntou a nós na luta antirracista.

Em 2015, ano que iniciei a graduação, o Coletivo Negro de Psicologia Neusa Santos, inicia seus primeiros passos institucionalmente. No começo as reuniões aconteciam, propositalmente, no hall dos elevadores do 10º andar, onde fica localizado o Instituto de Psicologia da UERJ. O intuito de ficarmos ali, era o de chamar à atenção das pessoas que circulavam naquele espaço, a fim de que soubessem da existência concreta de pessoas negras na Psicologia. Depois de muitos embates e luta frente às questões institucionais, conquistamos em 2019 uma sala para coletivo, no mesmo corredor em que as aulas da graduação são ministradas, sendo nomeada como Sala Dr^a Maria Aparecida Silva Bento, mulher negra, psicóloga, fundadora e diretora executiva do Centro de Estudo das Relações de Trabalho e Desigualdades. O evento ocorreu com a presença da Dr^a Maria Aparecida Silva Bento, também conhecida por Cida Bento, sendo uma forma de homenagear e prestigiar nossa ancestralidade ainda em vida.

Em meados de 2015, discentes negras/os/es, através de cartazes, questionaram sobre a ausência de docentes negras/os/es no instituto de Psicologia da UERJ. A partir disso, mais denúncias foram sendo colocadas, como a falta de autores e autoras negros/as/es na ementa das disciplinas, assim como o silenciamento pertinente no que tange as relações racias seja nas discussões em

sala de aula, no conteúdo oferecido, nas discussões e produções de cuidado em saúde mental, resultando em um não cumprimento da resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 18/2002⁶ (Conselho Federal de Psicologia, 2002).

Assim, surgiram no Instituto de Psicologia, através do Coletivo Negro de Psicologia Neusa Santos e de professores compromissados com a luta antirracista, ações que pudessem permitir uma formação em que pessoas negras não fossem invisibilizadas, sejam nas ementas, no cuidado em saúde mental e outros.

Contei-lhes que os frutos dessas ações não se estendiam somente na contratação da professora Débora Franco, mas que através dela, outras podiam existir, como a I Jornada de Consciência Negra, evento do qual estávamos participando.

Quando o sonho termina de ser contado, quem o escuta já pode pegar suas ferramentas e sair para as atividades do dia: o pescador pode ir pescar, o caçador pode ir caçar e quem não tem nada a fazer pode se recolher. Não há nenhum véu que o separa do cotidiano e o sonho emerge (Krenak, 2020a).

Quando compartilhei esse sonho concretizado, queria que saíssem da palestra inspirados a construir mundos. Ainda me lembro de enquanto falar, perceber alguns olhares encantados e cheios de brilho ao me ouvirem. Isso me deu ânimo, pois o futuro que eu quero seguir construindo é aquele em que as pessoas se sintam legitimadas a sonhar outros mundos possíveis e de que tenham ferramentas para construí-los “Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar” (Krenak, 2020a).

Um tempo depois, ao compartilhar como foi esse evento com o Laboratório afeTAR, uma pessoa negra me disse o quanto minha fala reverberou na colega dela, que era a sua caloura, e o quanto a mesma saiu com vontade de conhecer mais o Ubuntu. Penso que isso só foi possível, porque como me ensinou Alexandra, explicitarei as condições de feitura do Ubuntu, podendo produzir uma fala que não é sobre, mas que é construída na relação com o mundo.

Nesta relação penso em como o Ubuntu me acompanha, permitindo que eu possa ir me envolvendo cada vez mais com a minha/nossa formação em Psicologia. Falo em envolvimento e não em desenvolvimento, pois como Nêgo Bispo (Santos, 2023a) nos ensinou temos que ter uma relação orgânica com o mundo e não sintética.

⁶ Informações retiradas do projeto de institucionalização do Coletivo Negro de Psicologia Neusa Santos apresentado à direção do instituto de Psicologia.

A Psicologia é um saber é um fazer em que a organicidade se faz presente, pois o nosso trabalho está no envolvimento com as pessoas e com o mundo.

Uma parceira de pesquisa, a Daniele Miranda, me fez uma pergunta que achei complexa de responder naquele momento: Qual é o seu objetivo com este capítulo? O que você quer falar? Eu respondi que naquele momento eu não sabia lhe responder, pois ao compartilhar o meu sonho com o laboratório, ele foi transformando e sendo transformado, de maneira em que não sabia como colocar em palavras. Disse à ela, que se me perguntasse anteriormente, logo assim que pensei nesse capítulo, responderia de uma maneira mais fácil. Pois o sonho era um projeto, que existia só em mim, que tinha como objetivo transmitir à quem fosse me ler, que a partir dos sonhos é possível construir mundos, fazer existir futuros possíveis.

Isso me faz lembrar de quando Loíse Santos (2022b) discute o afrofuturismo em seu trabalho. Para mim, isso é um sonho, mas que se torna real, quando pessoas negras podem existir de forma concreta no mundo. O meu sonho-pesquisa é de que eu possa encontrar outros sonhos por aí, e que desse compartilhamento nos dispusemos a criar um mundo em que haja espaço para tantos outros. Com Mungi Ngomane (2022) aprendi que o conhecimento é como um baobá e que ninguém pode abarcá-lo sozinho. O baobá é uma árvore milenar, imensa, de troncos de grande porte, que é proveniente de regiões semi-áridas do continente africano. A UERJ é enorme e eu costumo dizer que a considero como um grande baobá de concreto. Posso perceber que estando em uma faculdade pública, há actantes e que, em união, podemos abarcar esse grande baobá de conhecimento que é a UERJ, permitindo que sonhos possam se concretizar.

Quero um futuro tão grandioso, em que muitos outros seres interligados, possam abarcá-lo de forma coletiva. Quero que todas as pessoas, especialmente as negras, possam ter seus sonhos concretizados, sem que “até pra sonhar tenha entrave” (Ismália, 2019) como diria Emicida. Eu quero que possamos coabitar em um mundo em que possamos nos respeitar enquanto compartilhantes desta Terra, em que saibamos dialogar com as fronteiras, sem querer colonizar.

Pode ser que, no futuro, como a fronteira é um território movediço, elástico, a gente avance quando eles recuarem, ou pode ser que a gente recue quando eles avançarem, mas sem chegar ao limite. Nós pensamos sempre na circularidade, quebrando o monismo, a dualidade e o binarismo (Santos; 2023a).

Que tenhamos a sabedoria das águas, de poder avançar e recuar quando se faz necessário, de forma que possamos ter uma relação orgânica com o mundo, em

que nossos passos se encontrem na grande dança coletiva que é a vida, sem que nos atrolemos e sim que dancemos com todo o Cosmo.

2 PRECISAMOS FALAR SOBRE RACISMO?

Início esse texto com essa pergunta pairando sobre meus pensamentos. Me questiono se é realmente necessário, não por irrelevância do tema, ou por desconsiderar sua existência, mas porque dói. O racismo é como uma lâmina que nos dilacera a alma, a pele, e que nos faz sangrar. Então, por que, escrever sobre isso? Por que me mutilar? Não seria mais fácil estancar essa ferida?

Essas são perguntas válidas, porém não impeditivas. É necessário que falemos sobre o racismo, porque foi algo que afetou e afeta completamente a nossa sociedade. O antropólogo social Kabengele Munanga (2017), homem negro, congolês, naturalizado brasileiro, aponta que a Unesco considerou o tráfico transatlântico uma das maiores tragédias da humanidade. Wade Nobles (2009), homem negro, psicólogo, com a metáfora do trem descarrilhado, aponta para o efeito nefasto que a escravidão teve na trajetória de desenvolvimento de pessoas negras:

A metáfora do descarrilhamento é importante porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos; o descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam. A experiência do movimento (ou progresso) humano continua, e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento. A experiência vivida, ou a experiência dos vivos, não permite perceber que estar no caminho, seguindo sua própria trajetória de desenvolvimento, proporcionaria a eles uma experiência de vida mais significativa (Nobles, 2009, p. 284).

Desse descarrilhamento, a nossa maneira de viver existir foi impactada de tal modo que, segundo Nobles, é difícil de dimensionar. Se não fosse esse evento nefasto e traumático de minha trajetória enquanto pessoa negra, talvez eu não estaria tendo o desprazer de estar falando sobre racismo. Não teria que reviver essa dor a todo momento. Só me preocuparia com o fato de ser mais um ser humano no mundo, e não um ser humano **negro** no mundo. Escrevo em negrito essa palavra, para que fique evidenciado também a sua tonalidade, que é também uma das maneiras pelo qual o racismo atua, discriminando pelo tom de pele.

É necessário que expliquemos como o conceito de raça surgiu de como o seu uso, indevido, para justificar o projeto colonial desembocou no racismo e na noção de superioridade entre humanos. Munanga em seu artigo, traz uma abordagem conceitual sobre raça e racismo. O antropólogo inicia com a explicação etimológica do conceito raça, originário do italiano *razza*, provindo do latim *ratio*, significando sorte, categoria ou espécie. A sua utilização originou-se, primeiramente na Zoologia e

Botânica, para a classificação de espécies animais e vegetais. O autor nos aponta que, ao longo do tempo, o conceito foi sofrendo modificações, sendo utilizado à maneira moderna pela qual conhecemos, para classificar a diversidade humana, pelo francês François Bernier, em 1684 (Munanga, 2004).

Munanga prossegue nos contando que no séc. XV, o conceito de humanidade foi posto em dúvida, em decorrência do conhecimento por parte da civilização ocidental, de outros seres humanos, que aparentavam ser diferentes em fisionomia e tom de pele, como os ameríndios, os negros, entre outros. Diante disso, iniciou-se uma busca por uma explicação de quem seriam esses outros e se de fato, poderiam ser considerados humanos ou não, passando desde a Teologia, nos séculos. XVI-XVII, até a racionalidade, no século XVIII (Munanga, 2004).

Até o momento, essa breve introdução sobre o conceito de raça, demonstra o quanto a diversidade humana parece causar medo ou uma cosmofofia, como diz Nêgo Bispo (Santos, 2023a), homem negro, quilomba, aos colonialistas “A cosmofofia é o medo, é uma doença que não tem cura, apenas imunidade. E qual é a imunização que nos protege da cosmofofia? A contracolônização” (Santos, 2023a).

Desse modo, os colonialistas ao sentirem cosmofofia, tentam à todo custo por meio de conceitualizações, lidar com essa fobia de outros modos de compreensão do mundo, da existência, e do que é humanidade. Como aponta Munanga (2004, p. 18): “Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido”.

Porém, tais conceitos e classificações, como aponta o autor, serviu como instrumento de hierarquização, em que uma raça seria melhor que a outra, desembocando no racismo “por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça [...]” (Munanga, 2004, p. 24). Vale ressaltar, que o autor ainda apresenta a existência de estudos nas áreas da genética, biologia molecular e bioquímica que apontaram para a inoperabilidade do conceito de raça para explicar a diversidade humana, pois mesmo com a existência de particularidades genéticas específicas, isso não é suficiente para a classificação em raças.

Combinando todos esses desencontros com os progressos realizados na própria ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram a conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito aliás cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-

la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem (Munanga, 2004, p. 21).

Porém, se o autor nos aponta que a raça não existe, por que ainda continuamos a classificar desse modo os seres humanos? Munanga (2004) prossegue nos apresentando que o uso da raça como classificação é fruto do imaginário e representação coletiva de diversas populações. No que refere-se ao uso em textos científicos, o autor aponta:

Alguns biólogos anti-racistas chegaram até sugerir que o conceito de raça fosse banido dos dicionários e dos textos científicos. No entanto, o conceito persiste tanto no uso popular como em trabalhos e estudos produzidos na área das ciências sociais. Estes, embora concordem com as conclusões da atual Biologia Humana sobre a inexistência científica da raça e a inoperacionalidade do próprio conceito, eles justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão (Munanga, 2004, p. 22).

Portanto, quando utilizamos do conceito "raça" em nossos trabalhos, trata-se de um uso político, que tem como finalidade explicitar a realidade de pessoas negras na sociedade. Porém, considero que ao utilizar a raça, também reafirmamos a existência de pessoas – pretas, pardas, indígenas – para além de categoria social que é oprimida.

No racismo, corpos *negros* são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão '*fora do lugar*' e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão '*no lugar*', '*em casa*', corpos que sempre pertencem (Kilomba, 2019, p. 56).

Para compreendermos melhor o racismo, é necessário que saibamos o que é e a forma pela qual opera, pois saberemos como identificá-lo nos espaços sociais, possibilitando a criação de estratégias de cuidado e combate. Munanga nos diz que o racismo pode ser definido como:

Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas (Munanga, 2004, p. 24).

Ou seja, o racismo faz com que seja atribuído a pessoas negras características físicas e morais consideradas inferiores. Há exemplos disso em músicas populares brasileiras que expressam o quanto a população negra é inferiorizada por conta de suas características, como *Fricote* (1985), cantada pelo brasileiro Luiz Caldas "Olha a

nêga do cabelo duro, que não gosta de pentear” ou como a famosa marchinha de carnaval *O teu cabelo não nega* (1930), do compositor brasileiro Lamartine Babo:

O teu cabelo não nega, mulata
 Porque és mulata na cor
 Mas como a cor não pega mulata
 Mulata, eu quero o teu amor
 Tens um sabor bem do Brasil (O Teu..., 1930)

Por outro lado, ser branco é valorizado, pois é compreendido como algo bom, a ser comemorado, almejado, como bem representado na pintura do artista espanhol Modesto Brocos, *A redenção de Cam*:

Figura 1- A redenção de Cam de Modesto Bronco (1895)



Fonte: Reprodução de Brocos (1895 apud Gobbi, 2014)⁷

Sendo assim, falar de racismo, é extremamente necessário, pois ao contrário do que pensam, não é uma ferida cicatrizada, porém aberta e que ainda faz sangrar. Falar de racismo é mais do que expor essas feridas ainda existentes que marcam não só corpos negros, mas a nossa humanidade, é possibilitar que façamos algo com esses ferimentos. Dessa forma, quando exponho as mazelas do racismo, a minha pele ferida também é exposta neste texto, o que me sangra não é só a escrita, mas a condição de ser uma mulher negra em uma sociedade racista. O que busco é que através da exposição dessas feridas, iniciem-se de fato ações antirracistas:

⁷ **Descrição:** À esquerda, uma idosa negra de pele retinta, com as mãos levantadas para o alto, em forma de agradecimento pela criança ter nascido branca. Ao centro da representação, uma mulher parda com uma criança branca no colo. À direita da imagem um homem branco de pernas cruzadas.

Afinal, o racismo, de maneira diferente, está tanto para as pessoas negras quanto para as brancas. O que nos interessa é criar espaços de fortalecimento em rede que possibilitem que uma pele coletiva seja composta (Santos *et al*⁸, 2022, p. 227).

Pensar em uma pele coletiva, apesar de ser um conceito proveniente da negritude, formulada a partir do COM-POR UERJ Pessoas Negras, permite que pensemos em como pessoas brancas, ou reconhecidas como tal, podem fazer uso de sua pele para dismantelar o racismo. O *rapper* negro, Emicida, em sua canção Ismália (2019) diz: “80 tiros te lembram, que existe pele alva e pele alvo”. Dito em outras palavras, é a pele negra que é vista como a pele alvo, sofrendo ataques racistas. É necessário que possamos repensar essa associação, para que pessoas brancas conscientizem de sua responsabilidade racial, expondo a sua pele na linha de frente da luta antirracista. É necessário que vocês, pessoas brancas, não vivam da exposição da pele negra, mas que exponham a sua, para que, a pele não machucada de pessoas brancas, possam atenuar as feridas da população negra. Então, o que esperamos de vocês, pessoas brancas, é que assumam sua responsabilidade por algo que vocês criaram e que criem ações que promovam o antirracismo, a reparação. Neste sentido, juntamente com Letícia Guimarães, mulher negra e estudante de Psicologia e Alexandra Tsallis, apresentei no 22º Encontro Nacional da Abrapso (Associação Brasileira de Psicologia Social) um trabalho que discutia a partir da proposição levantada por Emicida de pele alva e pelo alvo, como poderíamos inverter as associações, em que a pele branca é vista como alva, e a negra como alvo, a partir do reconhecimento por partes de pessoas brancas dos privilégios que a cor de sua pele concede e de como poderiam usá-los para se tornarem pele alvo na luta antirracista.

Como pessoas brancas podem ter práticas antirracistas? O primeiro passo é reconhecer seus privilégios, reconhecer que a cor de sua pele o fez atravessar a vida em sociedade com mais facilidade. A partir desse reconhecimento poder usar sua pele alva a favor de outros grupos, servindo de barreira/escudo contra as violências sofridas (Guimarães *et al*, 2023).

2.1 O que é branquitude?

A psicóloga e pesquisadora negra Maria Aparecida Bento (2022), umas das nossas maiores referências nos estudos sobre as questões raciais no Brasil, aponta que a branquitude pode ser definida como: “De fato, branquitude, em sua essência,

⁸ O texto é composto por Loíse Lorena do Nascimento Santos, mulher negra, psicóloga e mestra em Psicologia Social. Há também mais duas autoras: Daniele Miranda, mulher branca, psicóloga e Sonalle Fonseca, mulher negra e também psicóloga.

diz respeito a um conjunto de práticas culturais que são não nomeadas e não marcadas, ou seja, há silêncio e ocultação em torno dessas práticas culturais” (Bento, 2022, p. 48).

Isso nos aponta para uma característica que a branquitude tem, que é a de se manter oculta, mesmo que os efeitos de sua presença possam ser sentidos. Como aponta Edith Piza, pesquisadora da área de Psicologia:

Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais para uns, e a neutralidade racial para outros. As consequências dessa visibilidade para negros são bem conhecidas, mas a da neutralidade do branco é dada como “natural”, já que ele é o modelo paradigmático de aparência e de condição humana (Piza, 2002, p. 72 apud Schuman, 2012, p. 24)

Isso pode ser traduzido pelo o que Bento (2022) nos aponta ao afirmar que muitos estudiosos do campo, definem a branquitude não como uma identidade racial, e sim um sinônimo de opressão e dominação. Sendo assim, uma pista para compreendermos essencialmente o que é a branquitude, é se atentar para práticas de opressão e dominação racial, como aponta a pesquisadora, mulher branca, Lia Vainer Schucman (2012, p. 23):

Portanto, para se entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram. Por isso, é necessário entender as formas de poder da branquitude, onde ela realmente produz efeitos e materialidades.

Bento (2022), segue nos trazendo apontamentos sobre a branquitude, ao falar que vários estudiosos destacam três ondas que pairam sobre o contexto de estudos sobre o tema. Essas informações nos auxiliam na investigação e compreensão da branquitude como prática social:

A 1ª onda seria a descrição e o questionamento acerca da supremacia branca nos Estados Unidos. A partir disso, a branquitude tem sua fundação histórica nas obras do autor Du Bois, homem negro, sociólogo, que tem como objeto de análise a constituição social dos Estados Unidos, tendo como base o preconceito racial racismo institucional e supremacia branca.

A 2ª onda segue os estudos de Du Bois, sobre supremacia branca e racismo institucional, mas o foco é na análise das instituições legais e suas práticas sociais que garantem benefícios a quem é considerado branco.

A 3ª onda é associada às reações comportamentais de pessoas brancas diante do aumento do contato com pessoas negras em espaços sociais que antes eram frequentados só por brancos.

Essas três ondas nos dão uma dimensão mais concreta do comportamento da branquitude frente àquelas e aqueles que diferem de si, que é de tornar inferior e negar acesso às práticas sociais que permitam que pessoas negras possam ter sua dignidade preservada:

A história do Ocidente com a expansão das civilizações greco-romanas, os descobrimentos ibéricos, a formação dos grandes impérios coloniais e, hoje, a mundialização explícita o modo imaginário como posições de inferioridade para o aprisionamento do outro foram construídas (Bento, 2022, p. 22).

A pesquisadora chama atenção para a colonização como um processo que corroborou para a constituição da branquitude, pois os europeus, brancos, forjaram uma identidade comum para si que contrastava com a dos africanos, negros. Como fruto desse processo, a branquitude estipulou significados sobre si e para os outros, conforme os seus desígnios, assim como para justificar seu lugar de poder (Bento, 2022).

Isso nos aponta para o quanto a humanidade de pessoas negras é negligenciada, tendo efeitos nocivos à sua saúde mental. Quando mencionamos o racismo e a sua capacidade de fazer com que nos tornemos esse “Outro”, é porque só se tem um referencial de humanidade: a branquitude, como aponta Grada Kilomba (2019, p. 215), mulher negra, portuguesa e psicanalista:

O trauma, no entanto, raramente é discutido dentro do contexto do racismo. Essa ausência indica como os discursos ocidentais, e as disciplinas da psicologia, e da psicanálise em particular, negligenciaram amplamente a história da opressão racial e as consequências psicológicas sofridas pelas/os oprimidas/os. As/os psicanalistas tradicionais não reconheceram a influência das forças sociais e históricas na formação do trauma (Bouson, 2000; Fanon 1967). Contudo, os dolorosos efeitos do trauma mostram que as/os africanas/os do continente e da diáspora foram forçadas/os a lidar não apenas com traumas individuais e familiares dentro da cultura branca dominante, mas também com o trauma histórico coletivo da escravidão e do colonialismo reencenado e reestabelecido no racismo cotidiano, através do qual nos tornamos, novamente, a/o ‘Outra/o’ subordinado e exótico da branquitude (Kilomba, 2019, p. 215).

A citação acima nos fornece uma informação importante acerca do racismo que é a pouca discussão do trauma que é gerado por ele. O psiquiatra negro, antilhano, Frantz Fanon (2008), aponta para os traumas que são gerados em pessoas pretas, que as fazem desenvolver mudanças significativas em sua estrutura psíquica:

Qual a nossa proposição? Simplesmente esta: quando os pretos abordam o mundo branco, há uma certa ação sensibilizante. Se a estrutura psíquica se revela frágil, tem-se um desmoronamento do ego. O negro cessa de se comportar como indivíduo acional. O sentido de sua ação estará no Outro (sob a forma do branco), pois só o Outro pode valorizá-lo. No plano ético, ou seja, valorização de si. Mas há algo mais (Fanon, 2008, p. 136).

Esse trauma, embora em maior proporção atinja aqueles(as) que são oprimidos(as) racialmente, também atinge pessoas brancas. Porém, no caso dessas, não é um trauma que gera sofrimentos psíquicos, porém consequências psicológicas que afetam o seu comportamento, fazendo com que pessoas brancas continuem perpetuando ações racistas por conta do trauma do período escravocrata.

É fundamental o reconhecimento e debate sobre essa herança por parte dos brancos. Em minha tese de doutorado, apareceram frequentes relatos da vinculação da situação do negro na atualidade, com o legado de seu passado de escravizado. Mas o grupo branco “desapareceu” do contexto, como se não fosse parte desse passado e não trouxesse nenhuma herança dele (Bento, 2022, p. 24).

A autora prossegue nos contando o caso de uma entrevistada em sua pesquisa, uma mulher branca, chamada Mara, que estando em uma praia de Salvador pediu para que um homem negro pegasse um coco para ela. Ela diz que o homem não vai, porque está com preguiça e que nem mesmo ser pago é capaz de mudar tal comportamento. Mara, finaliza, dizendo que a questão da preguiça vem desde a escravidão (Bento, 2022).

Ao observador atento não escapa, entretanto, uma manifestação do legado de sinhazinha que, mesmo deleitando-se na praia, não pôde se ocupar de providenciar, ela mesma, uma água de coco, tendo que se valer do serviço de um negro (Bento, 2022, p. 25).

A branquitude, por sua característica, exerce um lugar de privilégio, pois nem sequer pensamos sobre eles quando falamos da escravidão. Quer dizer, falamos dos efeitos da escravidão, de seu *modus operandi*, mas falamos pouco sobre o grupo responsável. É fundamental que se inclua mais as pessoas brancas dentro dos debates acerca das questões raciais, pois esses também são racializados, porém “a brancura, neste caso, é vista pelos próprios sujeitos brancos como algo “natural” e “normal” (Schucman, 2012, p. 24). Pois quando não o fazemos, continuamos reproduzindo o lugar que a branquitude reserva aos que consideram os “Outros”, que é o de se sujeitar a permanecer nos seus ideais.

Sempre colocado como ‘*Outra/o*’, nunca como ‘Eu’. ‘O que mais isso poderia ser para mim’, pergunta Fanon (1967, p. 112), ‘senão uma amputação, uma excisão, uma hemorragia que respinga meu corpo inteiro com sangue *negro*?’ Fanon utiliza a linguagem do trauma, como a maioria das pessoas *negras* o faz quando fala sobre experiências cotidianas de racismo, indicando o doloroso impacto corporal e a perda característica de um colapso traumático, pois no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter. Tal separação é definida como um trauma clássico, uma vez que priva o indivíduo de sua própria conexão com a sociedade inconscientemente pensada como *branca* (Kilomba, 2019, p. 39, grifo do autor).

Nesse sentido, a autora nos alerta para o quanto a população negra adquire o rótulo de ser a Outra/o/e, fazendo com que deixem de ser vistas como humanas, como pessoas. Isso é importante para compreendermos o conceito de raça a partir das relações raciais, pois apesar da raça não ser um conceito que se sustente biologicamente, opera a partir de um discurso racista “O racismo não é biológico, mas discursivo. Ele funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação se tornam equivalentes [...]” (Kilomba, 2019, p. 130).

Porém temos que ir no sentido contrário a essas associações, recordando-nos de que a branquitude como lugar de poder opera-as, fazendo com que criemos categorias que nos separam ao invés de resgatar nosso senso de pertencimento enquanto humanos “A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os “*Outras/os*” raciais diferem. Nesse sentido, não se é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação (Kilomba, 2019, p. 75, grifo do autor). Dessa forma, que possamos encontrar e criar estratégias, como o Ubuntu nos ensina, que resgate o nosso senso de união.

2.2 Racismo no Brasil

Para entender completamente a magnitude de nossos problemas atuais, precisamos reabrir os livros sobre os eventos da escravidão. Nosso objetivo não deve ser chorar lágrimas pelo que houve no passado, nem reacender velhos ódios por injustiças passadas. Em vez disso, devemos procurar esclarecer nosso caminho de hoje, entendendo melhor onde e como as luzes foram apagadas ontem (Akbar, 1996, p. 6).

A citação acima do psicólogo negro, estadunidense, Nai'm Akbar, nos indica um ponto para compreendermos nossas questões que é se voltar para os processos de escravidão. Para entendermos o racismo no Brasil, é necessário que nos voltemos ao processo histórico de formação do país, que foi pautado na escravidão de pessoas negras.

Bento (2022) nos aponta para o papel que os escravizados tiveram para o desenvolvimento do país, sendo o motor principal da economia, tanto da metrópole quanto da colônia.

Essa realidade é uma continuidade de seu lugar histórico de trabalho no país, no qual o escravizado foi o motor da economia da metrópole e da colônia, e a partir de seu trabalho nos diferentes ciclos econômicos, do açúcar, do café e do ouro produziu riquezas e possibilitou a consolidação da classe dominante brasileira, protagonizando ainda o enriquecimento europeu. O tráfico foi o negócio mais importante do Brasil na primeira metade do século XIX, e foi a escravidão nas colônias que proporcionou o desenvolvimento do capitalismo industrial nas metrópoles (Bento, 2022, p. 25).

No Brasil, um dos últimos países abolicionistas, a abolição da escravidão ocorreu em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, que é considerada o marco legal da extinção do sistema escravocrata. Entretanto, mesmo após Abolição, as condições em que as pessoas negras se encontram, de desigualdade social e econômica, ainda se mantém desde a escravidão.

Podemos observar essa questão em outra normativa, a Lei de Terras, que influenciou fortemente a propriedade fundiária e o povoamento do país, pois fez com que a obtenção de lotes passasse a ser feita por meio de compra e venda e não mais por posse, dificultando o acesso à pequena propriedade rural, e, ao mesmo tempo, estimulando a expansão dos latifúndios em todo o país, impedindo a democratização do solo. A monocultura para exportação e a escravidão, articulada com a forma de ocupação das terras brasileiras, pelos portugueses, definiram as raízes da desigualdade social que teve seu início no século XVI e perdura até os dias atuais (Bento, 2022, p.28).

A citação acima nos aponta um outro elemento para compreendermos como o racismo manifesta-se no Brasil, que é por meio da constituição da nação brasileira. À população negra, não foi dado nenhum recurso, enquanto para população branca foram dados todos os possíveis, incentivando até mesmo a sua imigração. Como aponta o Tau Golin (2014), homem branco, historiador:

Nos ambientes sociais, invariavelmente, escuto descendentes de imigrantes condenarem a política de cotas. São ignorantes ou hipócritas. A parte rica do Rio Grande do Sul e de outras regiões do Brasil é o presente de cotistas do passado. As políticas de colonização do país foram as aplicações concretas de políticas de cotas. Aos servos, camponeses, mercenários, bandidos, ladrões, prostitutas da Europa foi acenado com a utopia cotista. Ofereceram-lhes em primeiro lugar um lugar para ser seu, um espaço para produzir, representado pelo lote de terra; uma colônia para que pudesse semear o seu sonho (Golin, 2014).

Mas quando falamos do racismo no Brasil, há algo que o diferencia, que o torna peculiar, é nisso que se encontra a dificuldade para compreendê-lo (Munanga, 2017). Embora saibamos que o benefício a terras foi concedido a população branca, isto não foi explicitado como algo que tivesse origem na raça, de forma legal. Foi compreendido como uma forma de mera substituição da mão de obra escravizada, pois não poderiam mais praticar a escravidão. O mascaramento da discriminação racial no país, dificulta que se assumam o seu racismo, pois:

Na Alemanha nazista e no regime do *apartheid*, praticou-se um racismo do Estado. No Brasil, ao contrário, o racismo é implícito, de fato, e nunca institucionalizado ou oficializado com base em princípios racialistas de pureza de sangue, de superioridade ou de inferioridade raciais. Por causa da ausência de leis segregacionistas, os brasileiros não se consideram racistas quando se comparam aos norte-americanos, sul-africanos e aos alemães nazistas (Munanga, 2017, p. 38).

Porém, se analisarmos esmiuçadamente a sua história, perceberemos que o país teve sim um racismo estatal, comprovado pelas políticas de imigração do país, e

também por todos os benefícios que a escravidão propiciou para pessoas brancas, como aponta Bento (2022):

Todas as outras classes, até as mais pobres, também se beneficiaram da elevação de padrão de vida, do desenvolvimento econômico e da transferência do trabalho pesado para as colônias, o que corroborou com a perspectiva de raça e classe desenvolvida por W. E. B. Du Bois nos estudos sobre branquitude, ou seja, mesmo os brancos pobres e a classe trabalhadora se beneficiam do legado da opressão racial (Bento, 2022, p. 23).

O psicólogo negro, brasileiro, Lucas Veiga (2019, p. 245), também aponta para o fato de que “Vivemos num país antinegro, e isto tem efeitos nocivos sobre as subjetividades negras”. Desta forma, ao atacar diretamente a população negra em seu âmago, ou seja, na forma como se constitui como ser humano, o racismo experienciado no Brasil aponta para a característica que possui “um crime perfeito”, como aponta Munanga (2017, p. 40): “É nesse sentido que sempre considerei o racismo brasileiro “um crime perfeito”, pois além de matar fisicamente, ele alija, pelo silêncio, a consciência tanto das vítimas quanto da sociedade como um todo, brancos e negros”.

Sendo assim, no país a discriminação sofrida por pessoas negras é ocultada, pelo silêncio e negação de sua prática. E também pelo fato de que com o aumento da imigração europeia, originou-se um processo de miscigenação entre a população. Daí, atribui-se ao fato de que como haverá de se ter racismo no Brasil, se todos somos miscigenados? E aí surgiu um outro ponto que dificulta a afirmação do racismo no Brasil, que é o mito da democracia racial.

Para se consolidar e tornar-se cada vez mais forte, o mito manipula alguns fatos evidenciados na realidade da sociedade brasileira, como a mestiçagem, as personalidades míticas e os símbolos da resistência cultural negra no país. Ele vai afirmar que somos um povo mestiço - ou seja, nem branco, nem negro e nem índio-, uma nova ‘raça’ brasileira, uma raça mestiça. Quem vai discriminar quem, se somos todos mestiços? (Munanga, 2017, p. 38).

Em 1930, o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, com seu trabalho *Casa-grande e Senzala*, contribuiu para a disseminação do mito da democracia racial. Embora não se utilizasse dessa expressão, difundiu a ideia de uma cultura brasileira que é formada de diferentes raças/culturas convivendo em harmonia. O sociólogo aponta também para o fato de que a casa-grande e a senzala, o senhor e o escravo, formavam um “dualismo complementar”, que provocava o tensionamento racial. Com a união das raças – negros, brancos e índios – não tinha espaços para o questionamento de relações de poder, conflito de interesses e explorações econômicas. Dessa forma, o

seu trabalho contribui para o ideal de democracia racial (Hofbauer⁹, 2007). Nesta direção, Munanga (2017, p. 38) aponta para o fato de que:

O mito proclamou no Brasil um paraíso racial, onde as relações entre brancos e negros, brancos e índios etc. são harmoniosas, isto é, sem preconceito e sem discriminação, a não ser de ordem socioeconômica, que atinge todos os brasileiros e não se baseia na cor da pele.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021) a população brasileira é composta por 47% de pessoas que se autodeclararam pardas, 43% brancas e 9,1% pretas. É necessário ressaltar, que isso ocorreu, por conta da escravidão, que provocou um fluxo migratório forçado de pessoas negras “Entre 1500 e 1900, a colonização europeia movimentou 18 milhões de africanos escravizados pelo mundo” (Bento, 2022, p. 23).

Como podemos observar, o número de pessoas autodeclaradas pardas é alto se comparado ao de pretas, e isso é fruto de uma realidade racial brasileira em que a multiracialidade se apresenta, ou seja, devido à escravização, e às políticas públicas de eugenia, como por exemplo, apontadas por Márcia Pinto e Ricardo Ferreira (2014, p. 259), ambos pesquisadores da área da psicologia:

O processo de imigração fortaleceu a política do branqueamento e a substituição em larga escala da força de trabalho negra pela branca europeia. A preferência do mercado de trabalho pelo branco de origem europeia se sustentava, entre outros argumentos, nas ideias racistas de que o negro tinha menos preparo e capacidade que o trabalhador branco, ajustado ao trabalho livre e às demandas que a sociedade de classes exigia.

As autoras Edith Piza e Fúlvia Rosemberg (2014), pesquisadoras da área de Psicologia, apontam que desde o primeiro censo no país, em 1872, a classificação racial da população brasileira passa por variações nominais, fruto das diferenças regionais e de como é expressada a cor socialmente. A partir do censo de 1950, fixa-se um critério para o quesito cor, tendo estas estabelecidas: branco, preto, pardo e amarelo. Rafael Osório (2003), homem branco, pesquisador da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), aponta que só no censo de 1991, o quesito raça vai ser incorporado, com a adoção de mais uma categoria: a indígena. Atualmente, o IBGE, órgão responsável pela aplicação do censo no país, adota as cinco categorias raciais: branco, preto, pardo, amarelo e indígena.

Ainda segundo as autoras Edith Piza e Fúlvia Rosemberg (2014), a coleta do quesito cor era realizada por intermédio de quem aplicava o censo, ou seja, a pessoa responsável pela coleta de dados era instruída para atribuição de cor de quem

⁹ Andreas Hoofbauer é um homem branco, doutor em Antropologia Social.

declarava uma cor da qual se discorda ou de quem não sabia o que declarar. A partir do censo de 1950, o IBGE adotou um sistema de autoatribuição, ou seja, a pessoa declarante é quem se atribui a categoria racial a qual pertence, sem que se questione o seu pertencimento. Se por um lado, é a própria pessoa que se declara racialmente, cabendo o/a recenseador(a) respeitar a autotribuição adotada, e, portanto, não há o questionamento, por outro esse critério adotado não garante o pertencimento em si. No texto, as autoras apontam que há uma problemática no quesito cor:

O que a problemática do quesito cor parece pôr em evidência é um aspecto ainda não discutido pela literatura brasileira sobre cor e que decorre do desconhecimento que temos sobre proximidade ou distância entre os processos de auto ou heteroatribuição de cor ou pertencimento racial. A cor (ou pertencimento racial) que alguém se atribui é confirmada ou negada pelo olhar do outro (Piza; Rosemberg, 2014, p. 106).

Sendo a cor e/ou o pertencimento racial confirmada ou negada pelo o olhar de outra pessoa, o racismo no Brasil demarca um outro aspecto, que é o fenotípico. Isso implica em mais uma problemática que é a manifestação do racismo no país, pois coloca-o em um lugar que é muito oculto, que é o da percepção que cada pessoa tem sobre quem é negro ou branco, e do que advém disso. Por isso, como aponta o sociólogo brasileiro, Oracy Nogueira (2007):

Onde o preconceito é de marca, como no Brasil, o limiar entre o tipo que se atribui ao grupo discriminador e o que se atribui ao grupo discriminado é indefinido, variando subjetivamente, tanto em função dos característicos de quem observa como dos de quem está sendo julgado, bem como, ainda, em função da atitude (relações de amizade, deferência etc.) de quem observa em relação a quem está sendo identificado, estando, porém, a amplitude de variação dos julgamentos, em qualquer caso, limitada pela impressão de ridículo ou de absurdo que implicará uma insofismável discrepância entre a aparência de um indivíduo e a identificação que ele próprio faz de si ou que outros lhe atribuem (Nogueira, 2007. p. 293).

O sociólogo prossegue dizendo sobre as variações que se tem no quesito racial no Brasil, em que pessoas brancas ou não-brancas, são percebidas como tal em função do grau de mestiçagem, das relações interpessoais, de classe e regionais (Nogueira, 2007).

Elaine Costa e Lia Schucman (2022), professoras de psicologia, apontam reflexões interessantes acerca da categoria pardo para além de um processo de embranquecimento racial do país. Compreende-se que o efeito de ideologias de embranquecimento, tais como as ideias propagadas por Gilberto Freyre, que defendia a fusão das raças para o desenvolvimento da nação brasileira, vigoraram até os dias atuais. Com isso, surge a ideologia do “morenamento”, que trata-se de uma produção social de cor, que representaria a população do país, pois é fruto dessa fusão racial.

As professoras apontam que por ser “o moreno” uma cor mais socialmente aceita, pode produzir identificações positivas, pois produziria um certo alívio à pessoa que se reconhece como tal. Como diria Emicida: “Ela quis ser chamada de morena, que isso camufla o abismo entre si e a humanidade plena” (Ismália, 2019).

Por assim dizer, os efeitos da ideologia do embranquecimento, o fato de os estereótipos negativos estarem diretamente associados à cor e à raça negra e os efeitos da ideologia do morenamento (dessa valorização da morenidade) fizeram com que parte da população com ascendência africana não se classificasse como negra, gerando um grande número de denominações para designar as cores dos não brancos: do moreno à pessoa de cor, do marrom ao escurinho etc. Portanto, essa forma de classificação não raramente eliminou a identificação de mestiços negros com a negritude, como também contribuiu para que permanecessem intactas estereotípias e representações negativas atribuídas aos negros (Costa; Schucman, 2022, p. 473).

Nessa direção, Munanga (2017) traz um apontamento interessante no que diz respeito a como a ideologia do morenamento é usada por pessoas brancas e de como em situações de conflito é deixada de lado, para adotar uma classificação racial mais precisa:

Quando se fala de negro entre branco e negro, o branco prefere dizer “aquele moreno” ou “aquela moreninha”, mas, em contexto de conflito, eles se tornam apenas neguinho (ou neguinha) metido(a) (Munanga, 2017, p. 39).

Isso corrobora para a reprodução e manutenção do racismo no Brasil, pois aponta para um efeito negativo que essas novas categorias raciais apresentam, pois provoca uma desmobilização das vítimas do racismo. Não trata-se de ignorar a identidade racial de alguém, mas de chamar a atenção para suas formas de utilização e do que provocam:

O racismo brasileiro desmobiliza as vítimas, diminuindo sua coesão, ao dividi-las entre negros e pardos. Cria a ambiguidade dos mestiços, dificultando os processos de formação de sua identidade quando, ainda não politizados e conscientizados, muitos deixam de assumir sua negritude e preferem o ideal do branqueamento que, segundo creem, ofereceria vantagens reservadas à branquitude. A figura do mestiço e da mestiça é manipulada na ideologia racial brasileira, ora pra escamotear os problemas da sociedade, ora para combater as propostas de políticas afirmativas que beneficiam os que se assumem como negros (Munanga, 2017, p. 41).

Dessa forma, neste trabalho, consideramos como pertencentes ao grupo racial negro, pessoas que se declaram pretas e pardas, como categoria política advinda do Movimento Negro Unificado, surgido na década de 70, que se propõe a trabalhar na construção de uma identidade negra positiva (Costa; Schucman, 2022). Também se faz pertinente a escolha por esse grupo racial, por assim serem adotados pelo IBGE. Rafael Osório, pesquisador branco do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), afirma que tal junção se dá pelo fato de ambos os grupos terem características socioeconômicas semelhantes e de sofrerem discriminações pela mesma natureza.

Ou seja, é por sua parcela preta que os pardos são alvo de discriminação (Osório, 2003).

2.3 Racismo acadêmico: como é ser uma mulher negra pesquisadora na pós-graduação?

Durante algumas semanas, antes de o Departamento de Inglês do Oberlin College decidir me efetivar como professora, fui assombrada pelo sonho de fugir - de desaparecer -, até mesmo de morrer. O sonho não era uma reação ao medo de eu não conseguir a estabilidade no cargo. Era uma reação à realidade de que eu ia conseguir a estabilidade. Eu tinha medo de ficar presa na academia para sempre. Em vez de ficar eufórica quando fui efetivada, caí numa depressão profunda que me pôs a vida em risco. Visto que todos ao meu redor achavam que eu devia me sentir aliviada, contente, orgulhosa, senti-me "culpada" por meus "verdadeiros" sentimentos e não consegui partilhá-los com ninguém (hooks, 2013. p. 9).

A citação acima de bell hooks representa o meu estado diante da aprovação no programa de pós-graduação. Foram muitas as lutas e desafios enfrentados para que eu pudesse estar aqui. Entre as inúmeras documentações, etapas de processo seletivo, uma bibliografia extensa e ainda a entrada em novo mundo após a pandemia de COVID-19. Lembro que o que me fez querer entrar na pós graduação foi o desejo de escrever. A experiência de ter escrito uma monografia¹⁰ inteira a partir do que era importante para me tornar psicóloga, fez com o que o mundo da escrita desabrochasse em mim. Eu queria seguir escrevendo, e a pós-graduação me parecia o lugar que me permitiria continuar. Mas quando a aprovação do ingresso para o mestrado veio, entre o choro de alegria compartilhado com a minha família, veio um sentimento de tristeza cada vez mais forte. Eu não sabia de quê eu tinha medo, mas só sabia que tinha. Talvez um medo de estar em um lugar que eu nunca sonhei, que eu nunca imaginei estar. Ao contrário de alguns colegas de turma, brancos em sua maioria, que desde cedo sonham em se tornar acadêmicos, eu não sonhava ou não me permitia sonhar com esse lugar. Apesar disso, a minha vida acadêmica foi acontecendo sem que eu necessariamente buscasse por aquilo, entre uma iniciação científica e outra, eu ia me (re)iniciando nesse mundo. bell aponta a constatação que teve ao compartilhar seus sentimentos com a irmã acerca da entrada da pós-graduação:

Quando partilhei meus sentimentos com minha irmã (ela é terapeuta), ela me garantiu que eles não eram nem um pouco impróprios. Disse: 'Você nunca

¹⁰ FONSECA, Sonalle Cristina de Azevedo da. **Tornar-se psicóloga: uma experiência de afetação.** 2021. Monografia (Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021

quis ser professora. Desde quando éramos pequenas, tudo o que você sempre quis foi escrever.’ Ela tinha razão (hooks, 2013, p. 9).

Penso que, no meu caso, eu nunca quis ser acadêmica. Eu sempre quis escrever. Acho que por isso eu fui tomada por um sentimento de tristeza após a aprovação. À medida que ia se aproximando o dia de efetuar oficialmente a matrícula, eu ia me sentindo mais triste. Cheguei a pensar em não fazê-la. O medo de me tornar acadêmica me paralisou. Junto com esse medo veio o sentimento de incapacidade. Como eu, sendo uma mulher negra, moradora de um bairro da zona oeste do Rio de Janeiro, filha de pais sem ensino superior, vindo de uma ancestralidade que foi escravizada, poderia ser uma acadêmica? Antes, se faz necessário abordamos um pouco o conceito de ancestralidade, a fim de que mostremos do que estamos falando. Para isso, Eduardo Oliveira (2012), homem negro, filósofo, que se dedica a estudar a cosmologia africana e filosofia afrodescendente, irá nos ajudar a compreender sua importância:

‘[...] Nesse sentido, a ancestralidade é um território sobre o qual se dão as trocas de experiências: sígnicas, materiais, lingüísticas etc.’ (Idem¹¹). O fundamento dessa sociabilidade é a ética, daí a ancestralidade ser também uma *categoria de inclusão* ‘por que ela, por definição, é receptadora. Ela é o mar primordial donde estão as alteridades em relação. A inclusão é um espaço difuso onde se aloja a diversidade (Idem¹²)’ (Oliveira, 2012, p. 40).

E nessa troca de experiências, que prefiro renomear como compartilhamento, por tratar-se de uma forma de contracolonizar, conceito que abordo mais adiante, é que eu pude encontrar forças para enfrentar tal questionamento.

Durante o processo de matrícula, considerei diversas vezes deixar a Alemanha ou desistir do meu projeto de tese, como alguns colegas e algumas colegas negras/os fizeram na época. Essa situação paradoxal descreve a dinâmica entre “raça” e espaço relatada acima. Eu tenho de sair do país para fazer trabalhos acadêmicos? Ou eu poderia ficar no país, mas fora da academia? Eu conseguiria administrar minha permanência no país e dentro da academia? E quanto ser uma das poucas intelectuais negras dentro dessa maquinaria branca me custaria emocionalmente? Essas perguntas giravam constantemente na minha mente. Alguns anos mais tarde, eu ainda era única estudante negra no meu colóquio, e depois a única docente negra no meu departamento e uma das poucas em toda a instituição. Não posso ignorar quão difícil é para os nossos corpos escaparem às construções racistas sobre eles, dentro da academia (Kilomba, 2019, p.64).

Embora, a autora esteja falando da sua experiência de sair de Portugal para a Alemanha por conta dos seus estudos, ainda sim não deixa de ser uma experiência coletiva, pois se pensarmos que muitos de nós ainda somos levados para locais em que é difícil existir como um corpo negro. Parece que a cisão faz parte da vida de

¹¹ Oliveira, 2007, p. 257 apud Oliveira, 2012, p. 40

¹² Oliveira, 2007, p. 257 apud Oliveira, 2012, p. 40

peças negras, em que temos que escolher entre uma coisa ou outra. No meu caso, percebi muitas das vezes sucumbindo emocionalmente dentro da academia, como se eu tivesse que escolher entre o meu bem-estar ou seguir em minha carreira acadêmica. A sensação de me sentir incompreendida, solitária, fez com que eu quisesse me afastar desse ambiente. Pensava em como eu poderia estudar sobre o Ubuntu, se eu não o sentia, não o vivenciava. Era como se fosse só “eu”, sem o “nós” que me compõe.

A vida nas sociedades complexas em que vivemos está cheia de provações e adversidades, e há muitos livros de autoajuda tentando nos guiar por ela. Nos dizem para meditar e refletir; para procurar as respostas dentro de nós mesmos e que esse é o único lugar onde as encontraremos. A própria noção de autocuidado se tornou um verdadeiro movimento. Sem dúvida, existe tempo e lugar corretos para olhar para si. No entanto, o ubuntu nos ensina também a procurar fora de nós mesmos para encontrar respostas. (Ngomane, 2022)

E nesse procurar fora de mim, para procurar o nós, foi que me lembrei do quanto deve ter sido difícil para meus ancestrais na Psicologia. Lembro que tomada por um sentimento de buscar respostas para o que eu estava sentindo, para o fato de não me sentir pertencente, abri as páginas escritas por Neusa Santos (1983), afim de procurar algo que pudesse me guiar, até que me deparei com as seguintes palavras, advindas de uma de suas entrevistas, ao falar de como é ser uma pessoa negra e estar em ascensão social, em que os espaços são predominante brancos. É necessário dar materialidade ao racismo, falar dos impactos que exerce na humanidade de pessoas negras, mesmo sendo cansativo, exaustivo, doloroso, pois não é só falar, mas sentir. E eu sinto esse sentimento de estar tendo que me provar a todo momento dentro da academia, de me sentir inferior e deslocada. E isso é um sentimento que, infelizmente, nós negras(os) compartilhamos em com(u)nidade.

O sentimento de rejeição existe. A nível da existência, no dia-a-dia. Depois que eu adquiri consciência, eu tentei me impor – pelo lado intelectual, que é um modo de competição. A gente tem duas opções pra não se sentir tão isolada: a gente se integra à comunidade negra – e eu já estou fora dela há muito tempo – ou se integra ao meio de dominância branca que não satisfaz. É um lugar onde tudo é uma prova, onde estão sempre te testando (Santos, 1983, p. 66).

O psicólogo Nai'm Akbar (1996) aponta para o fato de que a escravização gerou marcas em nossa sociedade que pouco foram consideradas por nossos colegas de profissão, apontando para o fato de que somente os historiadores deram a devida atenção para os efeitos destrutivos da escravização, porém tratando como eventos descritivos de um passado. Considera que, se tratando de pessoas negras, muito de

nossas questões sociais e mentais foram um legado deixado pela escravização. Um deles, é o sentimento de inferioridade, que foi forjado para que os/as africanos/as/es aceitassem a condição de escravo¹³.

Ler sobre isso, ao mesmo tempo que gerou um sentimento em mim de alívio, por não se tratar de uma questão individual minha, me gerou raiva, por ter sido forjada em mim. Tendo conhecimento disso, fico buscando forças para que esse sentimento não me destrua, através do cuidado em me manter mais perto daquilo que me fortalece como pessoa e que consiga me trazer energia vital. Isso é uma forma estratégica de usar a raiva, de forma que me seja útil e não prejudicial, como aponta Audre Lorde (2019), mulher negra, lésbica, escritora:

As raivas entre as mulheres não vão nos matar se conseguirmos articulá-las com precisão, se ouvirmos o conteúdo daquilo que é dito com, no mínimo, a mesma intensidade com que nos defendemos da maneira como é dito. Quando damos as costas à raiva, damos as costas também ao aprendizado, declarando que vamos aceitar apenas os modelos já conhecidos, fatal e seguramente familiares. Tenho tentado aprender a usar minha raiva de forma útil para mim e entender quais são suas limitações (Lorde, 2019, p. 166).

Sendo a academia, um lugar em que o intelecto é constantemente exercitado, é comum que associemos com a cabeça. É justamente por esse meio que, se não cuidarmos, acabamos morrendo, como aponta Akbar (1996, p. 11):

A alegoria é vista por toda a natureza de que a maneira mais certa de destruir a vida é cortar a cabeça. Do peru à vaca e ao ser humano, a maneira mais imediata de levar a morte de um corpo é remover a cabeça. Isto é especialmente verdade como um princípio social. Uma das coisas que foram sistematicamente feitas durante a escravidão foi a eliminação do controle de qualquer "cabeça" ou líder emergente. Narrativas de escravos e relatos históricos estão cheios de descrições de atrocidades trazidas contra qualquer pessoa que exemplifique a capacidade real de liderança. Os proprietários de escravos perceberam que seu poder e controle sobre os escravos dependiam da ausência de qualquer liderança indígena entre os escravos.

Para que eu não morra pela minha cabeça, eu lembro que eu não estou sozinha, que apesar de ser um corpo só, eu sou constituída de outros, que eu “Eu sou, porque nós somos”, como diz o Ubuntu, que não só faz parte dessa dissertação, mas que com-põe o meu corpo, escrito em meu pulso esquerdo. É lembrar que existe mais gente comigo, toda vez que eu escrevo esse texto ou olho para o que está tatuado em minha pele, o que faz com que minha energia pulse mais forte. Dito de outro modo, nossas cabeças não poderão ser cortadas, pois temos várias, que podem

¹³ O termo sugere que ser escravo é uma condição natural. Sendo assim, seu uso justifica-se para chamar atenção para o que pessoas negras foram levadas a crer, que seriam escravos porque estas eram suas condições.

ser evocadas a partir da nossa ancestralidade e da nossa união com outros seres humanos.

3 POR QUE UBUNTU?

Uma pessoa só é uma pessoa por meio de outras pessoas.

Provérbio africano

O Ubuntu é “[...] um modo de vida com o qual todos podemos aprender” (Ngomane, 2022). Ainda segundo a autora, o Ubuntu é originário de uma filosofia sul-africana, que abrange um modo de vida de como viver bem e em união. Por isto, podemos dizer que o alicerce dessa filosofia tem como máxima o respeito por si e pelo próximo (Ngomane, 2022). Um ponto central para compreendermos ainda mais sobre o Ubuntu é:

A ideia de ubuntu é melhor representada nos idiomas xhosa e zulu pelo provérbio umuntu, ngumuntu, ngabantu, que significa ‘uma pessoa só é uma pessoa por meio de outras pessoas’. Este provérbio existe em todos os idiomas africanos da África do Sul (Ngomane, 2022).

Outra forma de compreensão também pode ser por sua etimologia, indo nas raízes de sua formação, do porquê se nomeia de tal forma: “Em linhas gerais, ‘ubu’ indica tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em comum. ‘Ntu’ significa a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando (Noguera, 2012, p. 148).

Esses dois modos de compreensão nos apontam para uma dimensão de pessoa que o Ubuntu carrega, em que o que eu **sou** está ligado ao que **somos**, indicando que há uma singularidade e coletividade, manifestada em cada pessoa, sendo formada através de outras. Dessa forma, como Ngomane (2022) apresenta, a pessoa que decide viver o Ubuntu tem que estar atenta às suas formas de existir no mundo, pois seu modo de ser impacta diretamente na formação de outras pessoas. Nessa direção, Leda Maria Martins (2021), mulher negra, poeta, doutora em Letras/Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais aponta para o fato de que:

Nas ricas sophyas que têm o pensamento dos povos africanos como suporte, as noções de pessoa, coletividade, mundo, natureza, cosmos e suas tranças no universo compósito da ancestralidade e da sacralidade são elementos essenciais para sua compreensão. Nas línguas Bantu, a raiz ntu se dissemina em um vocabulário rico e evocativo de uma consciência pen-sante, ligada às divindades criadoras, aos ancestrais, a toda a natureza e à sacralidade que a tudo imanta. O termo muntu designa a pessoa, consciência de pensamento criativo. Segundo Fu-Kiau, o muntu, ‘pessoa’, é ‘um sistema de sistemas, o padrão dos padrões em ser’ o Bantu, plural de muntu, nomeia a coletividade plural, suas relações com a pessoa. Pelo muntu e pelo bantu circula a experiência temporal, determinante de todas as articulações e ações com o seu entorno. O munta, ‘pessoa’ é a cabeça-cabaça, como o é o ori, na

perspectiva Nagô-lorubá, sistema de vibrações, ressonante da energia vital. O pensamento Banto interliga o muntu, 'pessoa', à terra, nsi (ritoto) a tudo e a todos que nela habitam e nela existem e ao universo (nza), postulando a primazia do acolhimento à diversidade dos seres, como realça este belo provérbio: 'Uma floresta de um único tipo de árvore não é uma floresta, é um 'ndima (pomar), não importa quão extensa seja, porque uma floresta é sempre um conjunto na diversidade' (Martins, 2021, p. 56)

O Ubuntu resgata a importância de reconhecermos que vivemos em com(u)nidade e nos convida a atuar em prol da mesma. Escrevo dessa forma, destacando o u entre parênteses, para apontar que o Ubuntu reconhece a unidade de cada pessoa, mas convoca a partilhá-la com os demais. Além disso, faz com que compreendamos que essa unidade, ganha uma força, ao ser transformada em comunidade. Em um primeiro momento, podemos achar uma ideia bonita, porém difícil de pôr em prática no mundo em que vivemos, pois como bell hooks apresenta: “Quando o consumo ganancioso é a ordem do dia, a desumanização se torna aceitável. Assim, tratar as pessoas como objetos não é um comportamento apenas plausível, mas necessário” (hooks, 2020, p.149).

Sendo assim, a ganância ameaça vivermos com o Ubuntu, pois não respeitamos a nossa e a humanidade de outras pessoas. Dessa ganância resultou práticas como a escravização de pessoas negras, por exemplo, que fizeram com que nossa humanidade fosse compreendida isoladamente, humanidade, destituindo a integralidade de pessoas negras. Isso é o contrário de Ubuntu, pois na “[...] na acepção de ubuntu toda a realidade está integrada” (Noguera, 2012, p.148).

Ter o conhecimento de que somos seres integrados, faz com que tenhamos valor enquanto pessoas, e quando há essa destituição do seu Ser, há uma destituição desse valor, tendo efeitos perversos, como a sensação de não se sentir pertencente. Como aponta Lucas Veiga (2019), homem negro, brasileiro:

A saída forçada da África e a vida num país antinegro são elementos que se entrecruzam na produção da subjetividade negra. Chamo de 'efeito diáspora' a sensação de não se sentir pertencente ao ambiente onde se vive, a dificuldade de ser genuinamente acolhido e incluído nas dinâmicas sociais numa posição equânime com os demais membros da sociedade e não numa posição de subalternidade (Veiga, 2019, p. 246).

Esse “efeito diáspora” o qual o psicólogo aponta dificulta a sensação e a vivência do Ubuntu. Embora o Ubuntu também possa ser experimentado dessa forma, é uma filosofia mais ampla, que nos aponta para o valor de nossa humanidade: “Mas ubuntu não deve ser confundido com gentileza. Ubuntu é algo muito mais profundo. Ele reconhece o valor interno de cada ser humano, a começar pelo seu” (Ngomane, 2022).

O sentimento de Ubuntu nos convida a ação, provocando em nós o desejo de união. Estarmos unidos uns com os outros faz com que possamos existir enquanto humanidade, pois o “O ubuntu diz que para nos sentir humanos, precisamos nos sentir conectados” (Ngomane, 2022). Mas como poderemos nos sentir conectados uns com os outros? O Ubuntu nos fornece algumas pistas ao dizer que:

Ubuntu pode ser traduzido como ‘o que é comum a todas as pessoas’. A máxima zulu e xhosa, *umuntu ngumuntu ngabantu* (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. A desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas (Noguera, 2012, p. 148, grifo do autor).

A etimologia da palavra comunidade, têm origem no latim *communitas*, que significa comunidade, de *communis*, sendo o que é compartilhado, comum ou geral. Mas também podemos pensar em uma etimologia outra, unindo-a e separando-a através do hífen: COM-UNIDADE. Uma unidade se faz COM, assim como o COM, se faz com unidade. O hífen traduz essa ponte que o Ubuntu propicia, possibilitando que da união, entre palavras, possam surgir outras que sejam capazes de dar nome à experiência do ubuntu. Jorge Larrosa Bondía (2002), homem branco, aponta para a importância que a palavra possui, pois:

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso (Larrosa Bondía, 2002, p. 21).

Sendo assim, quando falamos de Ubuntu, as palavras se emaranham em outras, provocando-nos à união. É como um convite para também compartilharmos do espírito do Ubuntu: O espírito do ubuntu entra em ação quando estendemos a mão a nossos semelhantes e encontramos laços em comum para curar o que foi rompido e segregado ou para construir novas conexões (Ngomane, 2022).

Apesar da experiência do racismo ter criado Outro/a como uma palavra que retira pessoas negras da humanidade, o Ubuntu se manteve como palavra guardiã, nos lembrando de que temos algo que nos une, que nos faz resistir à práticas de desunião:

No entanto, essa diversidade causa medo em muita gente. Seja a comida que nunca experimentamos antes, a música que não estamos acostumados a

ouvir ou uma crença religiosa que não entendemos, nossa reação às coisas com que não estamos familiarizados ou que não reconhecemos, às vezes, é de afastamento. Inclusive, há momentos em que não gostamos de algo simplesmente porque é 'diferente'. O ubuntu diz para deixarmos de lado as diferenças nacionais ou sociais e nos vemos pelo que somos: seres humanos em união (Ngomane, 2022).

Portanto, quando resgatamos a importância do Ubuntu para (re)pensarmos os nossos modos de existir no mundo, buscamos uma forma de existência que respeite às demais e que não as anule. Queremos que o mundo seja um lugar em que todas as pessoas tenham o seu valor reconhecido e que compreendam que somos seres importantes na manutenção não só da nossa existência, mas de outras que estão por vir. O Ubuntu é um convite à nossa humanidade.

Pensando sobre a minha pesquisa, intitulada “Ubuntu na formação em Psicologia”, algumas indagações me aparecem como: O que esse tema me provoca? O que me mobiliza? O que me levou a pesquisar sobre isso? Respondendo a primeira pergunta, o tema me faz refletir sobre o quanto precisamos uns dos outros em nossa jornada, e de que nossa existência não é individual, porém coletiva. A máxima que pode ser compreendida a filosofia Ubuntu, segundo o professor Renato Nogueira (2012) é a “Eu sou, porque nós somos”, dessa forma o “eu” não existe sem o “nós”. Isso me faz pensar sobre a segunda pergunta, em que posso afirmar que o tema me mobiliza não só como pesquisadora, mas como pessoa, pois me faz acreditar em uma formação que, segundo Márcia Moraes (2010), se faz COM e não SOBRE os outros. Eu não me formo como pesquisadora e como pessoa, de modo isolado, mas a partir de uma existência compartilhada com outros seres humanos e com o mundo (co)habitado por nós. Chegando à terceira indagação, o que faz com que eu queira pesquisar sobre o Ubuntu é pensar que a formação em Psicologia não se faz sozinha, mas que é fruto de uma formação compartilhada, pelas pessoas que nos cercam e pelos nossos ancestrais, que possibilitaram a existência de mais psicólogas(os) ao abrirem caminhos a partir de sua jornada. Isso também é explicitado no modo de trabalho do Laboratório afeTAR em que fazemos ciência de forma coletiva, compartilhando textos com as/os demais integrantes para pensarmos juntas/os e assim construir um mundo mais plural.

Ao pesquisar sobre o Ubuntu na formação em Psicologia, não posso fazer uma dissertação em que as minhas emoções, sentimentos e o que sou como pessoa-pesquisadora, não apareçam. Pois, ao colocá-los no texto, esses fazem com que as

palavras ganhem materialidade, para além de um produto final de uma dissertação que visa alcançar o título de mestra.

A materialidade da minha pesquisa, extrapola o exercício do pesquisar, de redigir uma dissertação, sendo uma experiência do que é viver e de como podemos aprender convivendo uns com os outros. Sendo assim, a minha relação com a pesquisa é uma conexão também com a vida, pois é preciso que me conecte com o que está ao meu redor com as pessoas, para que eu consiga compartilhar no texto. Só posso fazê-lo quando eu aceito que a minha existência é interligada com as demais, de que eu preciso de outra pessoa, para que eu possa ser, assim como essas também precisam do meu “eu” para dar prosseguimento a esses “nós”. Dessa forma, o meu pesquisar é como um emaranhado de linhas, que ganham contornos, a partir da trama da vida. Não sou eu que a componho, de forma soberana, unilateral, mas é o “nós” que me ajudam a compor.

Somos herdeiros das teorias e métodos da psicologia, fizemos ali nossa morada, terra firme, segura. O risco que assumimos, porém, foi pensá-la a partir de referenciais não modernos a partir dos quais nenhuma das teorias que nos servem de referência deveria sair ilesa. Tal como o nadador corajoso, nós descortinamos uma outra margem, mas o seu acesso está ausente de nossos Atlas, isto é, de nossos compêndios, estamos inquietos, enfrentamos um espaço perigoso pleno de possibilidades a serem exploradas na psicologia (Arendt, 2008).

Ao pesquisar sobre o Ubuntu na formação em Psicologia, eu também assumi um risco, posto que minha pesquisa se desenvolve a partir de uma filosofia não ocidental, portanto, que pode ser considerada como um referencial não moderno. Ao produzir minha pesquisa, me sinto com um novelo em mãos, em que há diversas possibilidades de traçar esses fios.

Nas andanças dessas composições, nos vestimos de ancestralidades. Uma gnose poderosa, a ancestralidade, em curvas e ritornelos, se instala e se expande. Princípio mater relacional, interliga tudo o que no cosmos existe e a tudo recobre em ondas de radiação e de transmissão da energia vital que garante a existência ao mesmo tempo comum e diferenciada de todos os seres, nos quais se inclui a pessoa e seus entornos, na variedade e diversidade de sua natureza. Canal da força vital, a concepção ancestral, como um novelo, inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anéis de uma complementaridade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir. No seu âmbito tudo se estabelece em relações interdependentes e mutuamente constitutivas (Martins, 2021, p. 203).

Compreendo que minha pesquisa foi sendo construída, antes mesmo de eu começar a costurá-la com a minha parte. É uma costura coletiva, de várias mãos, que se juntam a minha. A Sonalle pesquisadora, só pôde existir, porque teve outras

peças na Psicologia que ampliaram as linhas de costura da vida. Virgínia Bicudo, mulher negra, primeira presidente do Conselho Federal de Psicologia, foi pioneira na pesquisa sobre as relações raciais no Brasil, fruto da sua dissertação intitulada *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, em 1945. Se hoje, posso pesquisar sobre Ubuntu na formação em Psicologia, a partir da experiência do COM-POR UERJ Pessoas Negras, um dispositivo clínico criado com e por pessoas negras, é porque teve Virginia costurando essa linha. Assim como Neusa Santos, psicanalista negra, que com sua obra *Tornar-se Negro*, em 1983, mostrou os efeitos que o racismo têm na saúde mental da população negra. Como aponta Mungi Ngomane (2022), ao compartilhar uma experiência do seu avô:

Naquela noite, houve uma ameaça de bomba, e o salão da universidade teve que ser evacuado. Quando já era seguro retornar ao edifício, meu avô subiu ao palco para receber seu prêmio. Ele parou para olhar a multidão. Então foi tomado por uma onda de profunda reflexão. A indicação havia acontecido por conta de todas aquelas outras pessoas presentes. Aquele momento cristalizou seu entendimento de que tudo que ele havia conseguido na vida era resultado dos outros e da ajuda deles (Ngomane, 2022).

Sendo assim, agradeço a todas as pessoas que me possibilitaram fazer pesquisa de forma artesanal, em especial as pessoas negras do Laboratório afeTAR. Juntas vocês me mostram a importância que união de nossas forças possui, para costurar um mundo melhor:

O ubuntu nos ensina que, juntas, nossas forças podem ser uma potência voltada para o bem, e há um poder enorme em reconhecer o valor de nossa união, principalmente se quisermos fazer do mundo um lugar melhor. Isso é ubuntu. (Ngomane, 2022.)

Dessa união, pude resgatar a minha paixão pela minha pesquisa, em costurá-la, de resgatar a importância do desejar, dos sentimentos, de colocar mais que palavras, mas de vivê-las. Confesso que estava enfrentando um período de muito desânimo com a minha pesquisa, com a forma que ela estava tomando, pois queria ter conhecimento do seu processo final. Porém, o Ubuntu me faz pensar em um tempo que não é linear, e sim espiralar.

O tempo ancestral não se contém nos limites de uma linearidade progressiva, em direção a um fim e a um páthos inexauríveis, e nem se modula em círculos centrípetos fechados de repetições do mesmo. Em suas espirais tudo vai e tudo volta, não como uma similaridade especular, uma prevalência do mesmo, mas como instalação de um conhecimento, de uma sophya, que não é inerte ou paralisante, mas que cineticamente se refaz e se acumula no Mar-Oceano indeterminado do tempo ancestral, o tempo Kalunga, o tempo de Nzâmbi e de Olorum, um em si mesmo, íntegro e pleno, cuja recheada por instâncias de presente, de passado e de futuro, sem elisão, sem forclusão, sem sobressaltos, sem fim dos tempos. Um tempo espiralar (Martins, 2021, p. 206

É difícil retomar a esse tempo ancestral, quando tudo ao seu redor é de outra ordem de temporalidade. No mundo ocidental, movido pelo capital “Tempo é dinheiro”, o que faz com que apressemos nosso tempo, não na ânsia de vivê-lo, mas de não perder dinheiro. É um tempo em que tudo está associado à produtividade. Na academia, se não tomarmos cuidado, mantemos o *status quo*, ou seja, seguimos a linearidade da linha de produção. Ficamos tão preocupados com os números: Quantos artigos produzimos? Quantas linhas escrevemos em nossas pesquisas? Quantos projetos fazemos parte? Quantas titulações temos? Nos esquecemos de um princípio básico aprendido com a química, a partir da Lei de Lavoisier “Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Nessa retomada a um tempo ancestral, pude aprender a importância de viver de um modo processual, de fazer da minha pesquisa uma linha viva da natureza.

Como resposos, o tempo vai e volta em espirais e nos reinaugura em suas cinesias. Em seus voltejos, somos. Tempo *ntangu*, tempo sol, tempo no vento riscado, no corpo experimentado. Tempo que se refaz em outros tempos, como o tempo de disseminar e o tempo de recolher. Tempo também é *tanga*, escrever e dançar. Escrever é assim inscrever no corpo que dança, vozeia, canta e tamborila, o tempo constituinte das espirais (Martins, 2021, p. 203).

Nas voltas que o tempo faz, lembro de quando eu (re)inicieei essa pesquisa. Durante minha graduação em Psicologia, algo que sempre me despertava o interesse era saber o que me tornaria psicóloga. Durante a minha escrita, fui percebendo que o que me fazia ser, era estar, em união com o mundo, com as pessoas, com a arte, com tudo ao meu redor, sem deixar de estar também em união comigo. Lembro que quando eu desejei fazer o mestrado, pensei no que poderia estudar, e a princípio pensei em estudar sobre o grupo terapêutico COM-POR UERJ Pessoas Negras e de como a experiência grupal propicia uma formação com Ubuntu. Como no COM-POR UERJ atuamos de forma conjunta, essa prática faria com que o aprendizado da Psicologia e o ser psicóloga(o) fosse construído coletivamente, a partir da interação grupal. Porém, enquanto avançava em minhas pesquisas, fui indagando o que a palavra coletiva significava. Lembro que em uma das nossas reuniões de bancada, o Ubuntu apareceu como tema de pesquisa de Hebert Santos (Santos, 2022a; Santos *et al*, 2023). Ao ler sobre, fui me interessando mais por essa filosofia e lembrei do livro que foi usado como base da disciplina Filosofia Ubuntu, em que participei como estagiária docente, chamado “Lições de sabedoria Ubuntu” de Mungi Ngomane. A partir da leitura, da aceitação do Ubuntu como modo de vida, fui aceitando-o também

em minha pesquisa, até compreender que o que eu estava pesquisando era sim uma prática coletiva na formação, mas que se tratava de um modo muito mais amplo. Como aponta Mogobe Ramose (2002), filósofo sul-africano, homem negro:

Filosoficamente, é melhor abordar este termo como uma palavra com hífen, a saber, ubu-ntu. Ubuntu é, na verdade, duas palavras em uma. Consiste no prefixo ubu- e a raiz -ntu. Ubu- evoca a ideia geral de ser-sendo. É o ser-sendo encoberto antes de se manifestar na forma concreta ou modo da existência de uma entidade particular. Ubu- como ser-sendo encoberto está sempre orientado em direção ao descobrimento, isto é, manifestação concreta, contínua e incessante por meio de formas particulares e modos de ser. Neste sentido, ubu- está sempre orientado em direção a -ntu. (Ramose, 2002, p. 2)

Assim, o Ubuntu pode ser compreendido como um modo de vida no qual vamos ser-sendo, ou seja, nos tornamos quem somos e tornamos o que as pessoas são, sendo uns com os outros. É dessa forma que eu vou sendo pesquisadora, na interação com as demais pessoas, em direção a um descobrimento desta pesquisa que se manifesta por meio de formas particulares e modo de ser que orientam.

Nesta filosofia, quem somos está atrelado com quem nos relacionamos, pois só somos uma pessoa através das outras pessoas. Tudo que aprendemos e fazemos está diretamente envolvido pelos outros/as que estão ao nosso redor. O conceito de Ubuntu é construído pelo conjunto de valores de coragem, compaixão e conexão. O cuidado com o próximo ocupa um lugar para além da empatia, e sim do entendimento que nossas ações impactam na vida do outro que conseqüentemente impacta na vida de todos ao redor, incluindo a nossa. No espaço de dança afro, temos esse contato com uma construção de uma atmosfera que seja de todos/as, construído por todos os envolvidos/as. Tudo é compartilhado: pensamos na construção da aula juntos, pensamos os temas, a construção de cada saia, que música queremos dançar, o que estamos vivenciando, sentindo, quais as afetações tivemos nas aulas, o que os passos nos mobilizam etc. Esse aspecto pertencente à dança afro enfatiza a importância de se membrar para além de nossa prática de dança (Santos, 2022a, p. 39).

Dessa forma, também no espaço formativo, como por exemplo, no Laboratório afeTAR, compartilhamos nossos temas de pesquisas, pensamos juntas/os/es, vamos construindo com nossa escrita mundos. Por isso, é importante que possamos incorporar o Ubuntu em nossa formação em Psicologia, enfatizando a importância de nos unirmos com os demais seres que coabitam essa Terra conosco.

3.1 Ubuntu e a formação em psicologia no contexto brasileiro

Considero importante iniciar esse capítulo descrevendo quais caminhos pretendo (re)trilhar. Em alguns momentos a escrita irá se passar, ora no passado, ora no presente, ora no futuro, o que pode soar confuso a quem está lendo, mas que têm

sua fundamentação na noção de tempo de filosofias africanas, em que está tudo interconectado e é experimentado dessa forma:

O tempo, na concepção africana tradicional, é um fenômeno que se realiza em duas dimensões. A primeira é a dimensão que compreende todos os fatos que estão prestes a ocorrer, que estão ocorrendo ou acabam de ocorrer. A segunda é a dimensão que engloba todos os acontecimentos passados, que ligam o início das coisas ao presente desdobramento dos eventos no Universo. De acordo com esta ideia ancestral, o tempo flui mais pela opção existencial do ser humano do que por outros fatores. Assim, é preciso acreditar na existência simultânea do passado, do presente e do futuro. (Lopes; Simas, 2022, p. 24)

O ano é 2023, escrevo de um presente, que vai ser futuro, e logo será passado. Digo isso, porque enquanto escrevo experimento a sensação de uma escrita que ainda está por ser iniciada, percorrida, e que eu não sei para onde irá me levar. Dado o momento dessa leitura para quem está aqui, eu já posso ter realizado esse percurso e ter lançado essa escrita no mundo. Espera-se que no final eu obtenha o título de Mestre em Psicologia. Mas vocês sabem como se tornar mestra? Alguns de vocês poderão me dizer que o caminho é esse: graduação e mestrado. Mas de onde eu venho, o percurso é bem mais longo. É por isso que eu gostaria de fazer um convite: vamos (re)trilhar esse caminho?

“A pessoa é a materialidade do que prevalece na temporalidade agora, habitada de passado, de presente e de um provável futuro, um *em ser* e um sistema no qual incide a ontologia ancestral” (Martins, 2021, p. 63). Esta citação nos ensina sobre um modo africano de conceber o tempo, em que o passado não é desprezado, mas que faz parte da constituição da pessoa que somos no presente. A ideia de futuro é posta como possibilidade, pois não há uma materialidade que o sustente, pois como aponta Noguera (2019, p. 60) “O futuro está fora da arena da experiência, dos acontecimentos e não pode ser considerado. O que importa é o presente e como o passado é capaz de ‘sustentá-lo’”. Então, para que eu possa (re)trilhar esse caminho com vocês, é preciso que eu avance para o passado. Sendo assim, para compreendermos a relação entre o ubuntu e a formação em Psicologia é necessário seguirmos com a noção de temporalidade na concepção africana. É necessário que nos voltemos para trás, para aprender com o passado, assim como representado pelo símbolo adinkra Sankofa, à seguir:

Sankofa é descrito como símbolo da sabedoria e do conhecimento, a ideia de que devemos aprender com o passado para nos erguermos no presente e no futuro. É importante notar que sankofa é a terceira etapa de um processo que começa com sankohwe (retornar para ver) seguida de sankotsei (retornar para ouvir, estudar) (Noguera, 2019, p. 64).

Sendo assim, o passado que devemos recuperar é o dos nossos ancestrais na Psicologia, a fim de (re)aprendermos com esses a nossa força enquanto povo e profissionais que acreditam em um fazer que têm como compromisso a garantia de direitos de toda a população. Para isso é importante que retornemos às três etapas: Sankohwe, Sankotsei e Sankofa.

É importante resgatar a história da Psicologia no Brasil, por ser o país em que eu nasci, e atuo como psicóloga, e também por ser um dos lugares, fora de África, que mais concentra uma população de origem africana¹⁴, para que possamos compreender como era o contexto sócio-histórico daquela época.

Vamos dar um salto na temporalidade e ir pro século XIX no Brasil. O que encontramos nesse tempo? Para nos guiar por esse caminho, contaremos com o auxílio de Marina Massimi (2006), mulher branca e doutora em Psicologia, pesquisadora com ênfase na História da Psicologia, nos conta que o surgimento da Psicologia no Brasil, ocorreu como uma disciplina ministrada em várias áreas de conhecimento, tais como a filosofia, direito, medicina, pedagogia e teologia moral. Especificamente, nos interessa seguir pela Medicina, por ter sido um instrumento importante do poder estatal para o projeto de higiene social do séc. XIX. E também por seu interesse pela psicologia como um meio de controle social e patologização de pessoas, apontando que, em vários tratados médicos, o interesse pela Psicologia ocorria pela busca da compreensão da natureza psicológica de doenças mentais. O médico, incumbido de tratar do estado físico, assume também como responsabilidade o estado moral da população, com ênfase na chamada “Terapia Moral”.

Com a produção cafeeira a todo vapor, o fluxo de escravizados em território brasileiro era alto. Mesmo com as pressões oriundas da Inglaterra para que se abolisse a escravatura, isso só ocorreu legalmente no país em 1888. Bóris Fausto (1994), homem branco, brasileiro e historiador, aponta que entre o período de 1832 e 1888, houve movimentações importantes no processo de abolição da escravatura. Uma delas, em 1835, na Bahia, denominada A Revolta do *Malês*, em que pessoas negras escravizadas ou libertas, africanas, adeptas das religiões muçulmanas, se levantaram em Salvador, promovendo a maior rebelião do país. No livro *Um Defeito de Cor*, da escritora brasileira, mineira e mulher negra, Ana Maria Gonçalves, é

¹⁴ Informação retirada de: <https://www.palmares.gov.br/?p=53773>. Acesso em 06 de junho de 2023.

narrada a história de Kehinde, mais conhecida como Luísa Mahin, que foi uma das pessoas mais influentes envolvidas na Revolta do Malês.

O historiador aponta que após essa revolta, não houve mais rebeliões na cidade. Ainda em *Um Defeito de Cor*, há uma narração dos processos higienistas ocorridos na cidade de Salvador, como a proibição da circulação de escravizados em determinado horário e a preocupação com as práticas sociais em saúde: “[...] as pessoas precisavam se preocupar mais com a limpeza do corpo, principalmente das mãos que levavam comida à boca” (Gonçalves, 2022). “Eu nunca tinha prestado muita atenção àquelas coisas, pois não imaginava que alguns tipos de doenças podiam ser causados pelo que ele chamava de falta de saúde pública” (Gonçalves, 2022).

A jornalista brasileira, mulher branca, Daniela Arbex (2013) aponta um dos possíveis destinos que eram dado às pessoas que eram alvo desse controle social por parte da medicina:

Desde o início do século XX, a falta de critério médico para as internações era rotina no lugar onde se padronizava tudo, inclusive os diagnósticos. Maria de Jesus, brasileira de apenas vinte e três anos, teve o Colônia como destino, em 1911, porque apresentava tristeza como sintoma. Assim como ela, a estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública. Por isso, o Colônia tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos. A teoria eugenista, que sustentava a ideia de limpeza social, fortalecia o hospital e justificava seus abusos. Livrar a sociedade da escória, desfazendo-se dela, de preferência em local que a vista não pudesse alcançar (Arbex, 2013, p. 23).

A colônia a qual a autora refere-se é o Hospital Colônia de Barbacena, localizado em Minas Gerais. Nota-se o fato de que entre as pessoas que ali estavam, as negras se faziam presente. Rachel Gouveia Passos (2018), mulher negra, pós-doutora em Serviço Social e Políticas Sociais, aponta para as semelhanças entre os navios negreiros e os hospitais psiquiátricos brasileiros, no tratamento oferecido à pessoas negras:

Na esperança de seguirmos problematizando a função social do hospício no capitalismo acreditamos ser fundamental (re)construirmos nossas análises e percursos antimanicomiais reconhecendo as particularidades da formação social brasileira. Se for para nos inspirarmos que possamos ampliar a nossa lente e identificarmos que os hospitais psiquiátricos no Brasil são um grande reflexo dos navios negreiros, lugar esse que muitos morreram no anonimato, sem dignidade e impedidos de manifestarem sua existência. Lembremos que os manicômios ultrapassam os muros e se atualizam a todo instante (Passos, 2018, p. 19)

Isso é efeito de um país, que aboliu tardiamente a escravidão de forma legal, apenas em 1888, após pressões políticas e econômicas de outros países “O povo

africano, assim como os povos originários do Brasil, foi considerado inferior pelos colonizadores portugueses. Mesmo com a Abolição da Escravatura em 1888 ainda temos a perpetuação da lógica colonialista, escravocrata e racista expressa [...]” (Passos, 2018, p. 16).

Entretanto, essas práticas, para nós “psi”, podem parecer distantes de nossas atuações. Mas o que devemos nos atentar é como são instaurados certos padrões morais e de comportamento na sociedade para a manutenção do *status quo* com a contribuição da Psicologia. Como aponta Massimi (1990, p. 40):

Um aspecto significativo da utilização dos conhecimentos psicológicos pelo poder institucional, com finalidades declaradamente políticas, é representado pelas técnicas de aculturação propostas no âmbito de projetos legislativos e de fundação ou de reforma de agências sociais, voltados a transformar os indivíduos em cidadãos submetidos ao Estado.

Essas técnicas de aculturação visam destituir a cultura de alguns em detrimento de outras, como por exemplo, de povos indígenas e negros (Massimi, 1990). Isso é contrário ao que o Ubuntu nos ensina como modo de vida, pois não há espaço para a diversidade. “Quando tratamos os outros com dignidade e respeito, temos que tentar evitar rótulos a todo custo, pois eles reforçam preconceitos” (Ngomane, 2022).

Por outro lado, tivemos ancestrais importantes na Psi, que levaram para suas práticas profissionais a ética do Ubuntu, como Frantz Fanon, Juliano Moreira, Neusa Santos e Virgínia Bicudo, que debruçaram-se a desmistificar a patologização do negro:

Qual a nossa proposição? Simplesmente esta: quando os pretos abordam o mundo branco, há uma certa ação sensibilizante. Se a estrutura psíquica se revela frágil, tem-se um desmoronamento do ego. O negro cessa de se comportar como indivíduo acional. O sentido de sua ação estará no Outro (sob a forma do branco), pois só o Outro pode valorizá-lo (Fanon, 2008, p. 136)

O que Fanon nos aponta é sobre as influências que a cultura têm sobre a saúde mental de pessoas negras. Em um mundo colonialista, em que a cultura branca se faz predominante, há de se considerar os efeitos que essa interação provoca, fazendo com que pessoas negras adoeçam mentalmente. Ao considerarmos esse contexto sócio-histórico do colonialismo, compreendemos a importância de termos consciência sobre esses processos, pois ao contrário, continuaremos perpetuando o racismo em nossas análises psicopatológicas.

Vamos dar mais um salto temporal? Permita-me apresentar algumas/alguns das/os ancestrais importantes na história do campo “psi” no contexto brasileiro. Dessa vez estamos em 1873, na Bahia. Nasce um menino negro chamado Juliano Moreira,

que viria a ser um médico psiquiatra. Clélia Prestes (2020), mulher negra, doutora em psicologia social, será nossa guia nesse momento. A nossa guia-autora nos conta que Juliano foi uma figura negra muito importante no chamado campo “psi”, sendo responsável por instaurar uma psiquiatria moderna no país, além de promover a psicanálise. No contexto histórico de seu nascimento, o Brasil ainda não havia abolido oficialmente a escravização, ocorrendo somente em 1888. Em 1876, dois anos antes da abolição da escravidão, Juliano iniciou o curso de Medicina, com apenas 13 anos de idade. Nessa época diversas teorias de cunho eugenista dominam os discursos sobre a população negra, com o intuito de disseminar uma noção de “inferioridade”. Então como foi possível que Juliano entrasse em uma faculdade? Ele contava com o apoio de seu padrinho, o barão de Itapuã, que investiu em cursos preparatórios, e assim, contribuiu para que ele se tornasse médico. Juliano era filho de um casal interracial: sua mãe era uma mulher escravizada, que inclusive trabalhou para o seu padrinho até falecer; e seu pai era um português, funcionário público, que só depois passou a assumi-lo.

Deixe-me recordar de quando mencionei, tempos atrás, o fato de vários tratados médicos já abordarem a natureza psicológica de doenças mentais. Nina Rodrigues, médico, branco e maranhense, que viria a ser professor de Juliano Moreira, proferia em seus discursos e produções científicas que o psiquismo de pessoas negras era inferior e que muitas doenças mentais tinham sua causalidade nesta constatação. Juliano Moreira, agora colega de profissão de Nina, contribuiu muito para que essa concepção fosse desmistificada, ao apontar que as doenças mentais não eram causadas pela raça/etnia, mas por determinantes sociais.

O trabalho de Juliano abriu caminhos para que outras pessoas negras pudessem também ser importantes no campo “psi”. Depois dele, na década de 40, Virgínia Bicudo, pessoa negra importante na institucionalização da psicanálise, sendo a primeira psicanalista não médica no Brasil. Virgínia também foi a autora da primeira dissertação de mestrado, em 1945, sobre a temática racial no campo psi, intitulada “Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”, que 79 anos depois, me permitiu também escrever uma dissertação que trata sobre a temática racial. Outra pessoa negra importante para o campo psi, foi a psicanalista Neusa Santos, mulher negra, e que com a sua também dissertação de mestrado *Tornar-se negro*, tornou-se uma das obras mais conhecidas sobre psicologia e negritude. Como nos aponta a filosofia Ubuntu “Cada interação nos trouxe até onde estamos hoje” (Ngomane, 2022).

Embora essas pessoas tenham contribuído significativamente para o campo “psi”, as suas produções são invisibilizadas nos espaços de construção de saber. A filósofa Sueli Carneiro (2005), mulher negra, brasileira, utiliza-se do conceito de epistemicídio para descrever essa invisibilização, apontando que:

[...] o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (Carneiro, 2005, p. 97).

Porém, quando nós resgatamos os trabalhos dessas pessoas, reafirmamos o seguinte pacto que Conceição Evaristo (2016, p. 107) traz em sua obra *Olhos D’água*: “a gente combinamos de não morrer”. Estas pessoas com seus trabalhos semearam em nós, pessoas negras, a esperança de seguirmos vivas.

A concepção espiralada do tempo funda-se no lugar de privilégio do ancestral que preside, como Presença, as espirais do tempo, habitando a temporalidade transiente, o ilimitado passado, per si composto de presente, passado e futuro acumulados, o pote Kalunga, núcleo da energia vital em movimento. No Brasil, Kalunga também é identificado como o Mar-Oceano, lugar do sagrado, espelhando a divindade, na qual habita o poder da vida, da morte e das travessias. Nessas interfaces e alianças entre a pessoa (muntu), a coletividade (bantu) e os ancestrais, tudo pulsa como elos indissociáveis e complementares de uma mesma cadeia significativa, clivada de ancestralidade, princípio base, ordenador, motor, estrutura e rede de todo o pensamento. Agência da sophya, a ancestralidade funda a cinese, em todos os seus âmbitos e competências, a filosofia, a concepção e experiência das temporalidades curvilíneas, gerenciando todos os processos de produção das práticas culturais (Martins, 2021, p. 58)

Em 2023, em meu 2º ano de mestrado, podemos viver um momento em que Loíse Santos (2022b), psicóloga negra e mestre em Psicologia Social, denomina como o afrofuturismo em ação:

Neste projeto de extermínio, sofremos violências de diversas ordens, não apenas físicas, mas também aquelas que atingem nossa saúde mental. Entretanto, assim como nossos antepassados, criamos ferramentas que nos permitirão repactuar nosso combinado de nos mantermos vivas. O COM-POR é essa ferramenta, é o afrofuturismo em ação. É uma ação política para a existência de pessoas negras. É possibilitar futuros, se unir e fazer viver. Não só pensar em outros futuros, mas possibilitá-los, colocá-los em ação semanalmente. Não é sobre sobrevivência, é sobre continuação da existência (Santos, 2022b, p. 22).

Embora Loíse Santos (2022b) esteja falando do COM-POR, enquanto grupo terapêutico com pessoas negras, essa composição não se esgota aqui, pois se trata de um movimento político de pessoas negras para seguirem existindo juntas. E o que vivemos no dia 10 de Abril de 2023, é o afrofuturismo em ação. Na sala Drª Maria

Aparecida Silva Bento, recebemos uma mulher negra, também doutora em Psicologia, e agora professora adjunta do departamento de Psicologia Social e Institucional da UERJ. Para a Prof^a. Dr^a. Débora Santos poder estar ocupando essa cadeira hoje, foi necessária muita luta, até que o Departamento de Psicologia Social e Institucional (DPSI) abrisse um edital¹⁵ de contratação para este departamento que abarcasse conhecimentos necessários a Psicologia e relações raciais. Neste dia, mais de 50 pessoas negras se juntaram na sala do coletivo para dar às boas vindas a professora Débora. Cada pessoa, através de sua fala, pôde expressar o quanto tê-la conosco representava algo muito profundo e especial.

Tive a oportunidade de poder contemplar a materialidade da minha pesquisa no rosto de todas as pessoas que ali estavam, em suas falas, pude perceber o quanto o Ubuntu se faz presente em nossa formação acadêmica, pois o “eu sou, porque nós somos” estava presente ali. Sonhamos com a existência da professora Débora, e saber que também a formamos, enquanto também estávamos sendo formadas/os/es, é uma alegria imensa. É um sopro de esperança, não só para mim, mas para todas as pessoas negras que estão construindo e sonhando com a carreira acadêmica, como aponta Mungi Ngomane (2022):

Não daquele sonho impossível”, escreveu Stevenson. ‘Não da prevalência do otimismo sobre o pessimismo, mas de uma ‘orientação do espírito’. O tipo de esperança que cria disposição para se posicionar em um lugar cheio de desesperança e ser testemunha, o que permite acreditar em um futuro melhor, mesmo diante do abuso de poder. O tipo de esperança que fortalece a pessoa (Ngomane, 2022).

É esse tipo de esperança que possibilita criar mundos. É o que incita a mudança, fazendo com que haja um deslocamento de uma existência para outra, é o que nos permite saber concretamente que o “eu” existe por conta do “nós”.

3.2 Com-Por UERJ Pessoas Negras: Ubuntu como prática coletiva

Todas as segundas, às 14:20h nos reunimos na supervisão do estágio da professora Alexandra Tsallis. Alê. Nossas questões naquele momento estavam em torno de como seguir com o campo, visto que havíamos tentado implantar um trabalho junto a equipe do setor de ostomizados no Instituto Oscar Clark, porém não conseguimos nos vincular de maneira a seguir com um trabalho nesta parceria. Alexandra tem uma vasta experiência com os dispositivos clínicos e então pensando nas possibilidades de atuação dentro

¹⁵ Edital 2022.37: Psicologia Social - Professor Adjunto - Concurso Docente. Disponível em: https://prossim.uerj.br/carregar_selecao/37.

disso, relembramos sobre a última experiência que aconteceu no Serviço de Psicologia Aplicada da Uerj e em maneiras de driblar os impasses enfrentados pelo grupo na implantação deste dispositivo. Nossa disposição para essa reunião era em volta da mesa, uma mesa proposital, arrumada com uma passadeira feita por Tereza durante seu mestrado no Laboratório afeTAR, muitos artefatos ganhados por Ale e produzido por membros da equipe do afeTAR, organizada para receber nossos biscoitinhos e delícias que trazíamos para todas as supervisões. Enquanto pensávamos em ideias e modos de seguir com algum trabalho que fizesse sentido para o grupo, Alê se dirigiu a nós com um olhar agitado. Ela olhava para cima e seus olhos dançavam com as ideias em sua cabeça. Com um sorriso de expectativa ela propôs criarmos um dispositivo clínico com pessoas negras e sugeriu mais: que na atuação deste dispositivo estivessem apenas as estagiárias negras e o estagiário negro (que na época era apenas um mesmo). O grupo recebeu com ares de "que incrível! como nunca pensamos nisso?". Então nos demos conta de que de fato esse trabalho apesar de inexistente na nossa universidade, era muito possível para nós porque a maioria das pessoas que compunham aquele grupo de estagiárias eram negras. Em nenhum outro estágio que participamos percebemos um número tão expressivo de estudantes negras. No mais, nossas discussões sempre alertavam para as questões raciais e as suas implicações nas nossas áreas de atuação dentro e fora daquela sala, da universidade. Era como se esse trabalho já fosse nosso antes de existir. Uma política de pesquisa e prática de cuidado em psicologia (Santos, 2021).

O ano em que esse relato aconteceu, foi em 2018, após uma série de tentativas de implementar um atendimento em grupo, tanto em uma instituição de saúde, quanto no Serviço de Psicologia Aplicada da UERJ. Recordar esse dia, me emociona, resgata o brilho nos olhos que é o de iniciar um novo caminho, fazendo uma Psicologia que tanto me inspira e me faz vivenciar um sentido para a minha prática profissional. Hoje, rememorando, como aponta Hebert Santos (2022a, p. 23) "Rememorar significa revisitar memórias ancestrais a fim de torná-las vivas no hoje" compreendo o porquê desse trabalho fazer tanto sentido, de ser nosso, antes mesmo de nos darmos conta. O COM-POR UERJ foi um presente dado pelos nossos ancestrais, um trabalho que foi construído e amadurecido constantemente com o tempo, o fato de termos tantas pessoas negras naquela sala, não foi um mera coincidência, ou acaso, foi fruto de muita luta pela garantia de acesso de pessoas negras em nossa sociedade, sobretudo, na Universidade. Sentíamos que era nosso, porque o Ubuntu se fazia presente ali. Não estávamos sozinhas(os), mas entrelaçadas(os) por vários nós. O Ubuntu nos ensina a importância de COM-POR, pois o eu, não existe sem nós. Como diz o rapper Emicida, homem negro, brasileiro "Nóis e nesse nóis, não existe um porém, nóis e se não for nóis, não vai ser ninguém, com nóis é nóis".

Mas assim como nossos ancestrais encontraram estratégias de sobrevivência que nos trouxeram até aqui, o COM-POR UERJ é mais uma resposta de que a população negra nunca ficou satisfeita com o lugar de

subalternidade que nos foi imposto pelo colonialismo. O COM-POR UERJ, mais do que um serviço oferecido para pessoas negras, trata-se de uma estratégia (Santos *et al*, 2022, p. 223).

Mesmo com as dificuldades de ser uma mulher negra na academia, através de um estágio clínico no Laboratório afetar, experienciar o Ubuntu na minha formação através do grupo terapêutico COM-POR UERJ Pessoas Negras. O grupo é desenvolvido pelo Laboratório afeTAR, situado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A origem do nome foi pensada a partir das proposições de Márcia Moraes (2010), com o pesquisarCOM, em que o trabalho não é feito sobre, mas com a pessoa.

O COM-POR UERJ é um grupo terapêutico com e por pessoas negras que acontece desde abril de 2019 com o objetivo de oferecer atendimento psicoterápico para a população negra. É composto exclusivamente por pessoas negras. (Santos *et al*, 2022, p. 223).

Assim, o COM-POR, é feito com e por pessoas negras, que juntas/os/es colocam em prática uma das lições do Ubuntu “a união faz a força”: Com uma equipe composta por aluna(o)s da graduação e pós-graduação negras(os), que juntas(os) apostam na produção de um cuidado que seja coletivo e na (re)criação de vínculos entre nós. “Quando se trata de saúde mental, o ubuntu diz que a união é a nossa maior força” (Ngomane, 2022). “União pode não só nos proporcionar bem-estar mental, mas também causar mudanças poderosas, mesmo contra todas as probabilidades” (Ngomane, 2022).

Essas mudanças já estão sendo experienciadas, se antes, nossos ancestrais, como apontado anteriormente por Grada Kilomba (2019), denunciavam a negligência de uma Psicologia que não se importava em compreender as opressões raciais e os efeitos que isso provocava na saúde de pessoas negras, agora nos unimos em prol de uma Psicologia que atua nas demandas em saúde dessas pessoas.

Desde o seu início, foi proposto que os atendimentos ocorressem com uma equipe, em que todas/os/es atuam juntas/os/es. Isso já configura um passo importante para uma formação com Ubuntu, pois reafirma a importância que cada ser humano possui. Assim, cada pessoa que faz parte da equipe tem um papel fundamental na formação de outras, e, ao mesmo tempo, que é formado, também forma. Ngomane (2022) aponta:

Essa diversidade significava que cada indivíduo contribuía com diferentes habilidades. Cada um tinha seus pontos fortes, mas

também, talvez, seus pontos “fracos”¹⁶. Em conjunto, eles mostraram que um grupo de indivíduos diversos pode ir muito além e alcançar muito mais que quando todos têm os mesmos talentos. No entanto, isso era o que tornava o grupo especial e, de fato, é o que pode reunir qualquer grupo diverso. Permanecer humilde e ver o que as outras pessoas podem oferecer significa que podemos aprender uns com os outros, porque nos vemos como seres iguais” (Ngomane, 2022).

A equipe do COM-POR UERJ já passou por diversas modificações, tendo homens e mulheres, porém, desde o ano passado, a equipe é formada por mulheres. Tendo 1 psicóloga, sendo eu, e 3 estudantes de psicologia.

Com início em 2019, o COM-POR UERJ Pessoas Negras, até o presente momento, formou 9 pessoas. Entre elas, 2 psicólogas formadas, na qual me incluo, que seguiram na Pós-Graduação em Psicologia Social na UERJ (PPGPS/UERJ), desenvolvendo pesquisas sobre o grupo. Loíse Lorena, mulher negra, mestre em Psicologia Social, é também uma psicóloga formada pelo COM-POR UERJ, tendo inclusive permanecido no grupo desde a sua origem. Em sua dissertação de mestrado, abordou como o cuidado produzido pelo grupo é afrofuturismo, pois permite que pessoas negras possam seguir existindo no futuro (Santos, 2022b). Quando aponto que o COM-POR formou todas essas pessoas, parto do princípio da filosofia Ubuntu, que nos ensina que “que apenas somos quem somos graças às outras pessoas” (Ngomane, 2022).

Os encontros são realizados todas às segundas-feiras, no horário de 18:30h às 20:00h. A escolha por esse horário passa pela compreensão da rotina de pessoas negras, que por estarem mais expostas às desigualdades socioeconômicas, possuem boa parte do seu dia com horários preenchidos¹⁷. A oferta do acompanhamento terapêutico em grupo é por meio de divulgação nas mídias sociais do Laboratório afeTAR (@laboratorioafetar). A distribuição de vagas é realizada por ordem de inscrição, as 10 primeiras pessoas inscritas são convidadas a com-por o grupo. Cabe ressaltar que esse número expõe a forma como manejamos o grupo, pois permite que todos possam ser cuidados em grupo. O público-alvo são pessoas que se

¹⁶ A citação original traz a expressão “ponto cego”. A alteração se faz necessária, a fim de se combater as diversas formas de capacitismo.

¹⁷ TRABALHADOR branco ganha por hora 68% mais que pretos e pardos, mostra IBGE. GloboNews e G1. [S. l.], 13 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/11/13/trabalhador-negro-ganha-por-hora-59percent-do-rendimento-do-trabalhador-branco-mostra-ibge.ghtml>. Acesso em: 28 dez. 2022.

autodeclararam negras acima de 18 anos. Ao todo, 63 pessoas já foram atendidas pelo COM-POR até o momento.

As supervisões acontecem semanalmente, às quartas-feiras, de 17h às 19h, sendo um espaço em que podemos colocar nossas impressões sobre os atendimentos, sobre si, sobre o trabalho desenvolvido, de forma coletiva entre nós. Dessa forma, cuidamos do trabalho produzido e de nós que estamos atuando mais diretamente no grupo, através dos atendimentos. Porém, a supervisão também é um espaço formador, em que o Ubuntu é vivenciado por todos que ali se permitem estar.

Quem não gosta de sentir que sabe das coisas, ou que sabe o que é “certo” em uma situação difícil? Todos gostam da sensação de ser a pessoa que tem todas as respostas, a pessoa que consegue se distanciar e fazer um julgamento. No entanto, a filosofia ubuntu nos incentiva a abandonar nossos julgamentos e a abraçar a compaixão e a compreensão. Ele nos convida a diminuir o volume de nossa voz interior (muitas vezes) presunçosa e começar a fazer perguntas pelo bem do outro. Só então poderemos entender o que o outro pode estar pensando. Ou sentindo (Ngnomane, 2022, local. 400).

É importante destacar que o horário escolhido é para abarcar estudantes de ambos os turnos do Instituto de Psicologia (vespertino/noturno) e também faz jus ao legado de pioneirismo da universidade na implementação de cursos noturnos, possibilitando o ingresso e permanência de trabalhadores no ensino superior, como aponta Loíse Lorena (Santos, 2022b), mulher negra, psicóloga e mestre em Psicologia Social:

Apesar do processo de democratização já ter sido iniciado no Brasil e a universidade ainda ser um lugar inacessível para boa parte da população, as políticas de ações afirmativas de reservas de vagas ou cotas trazem um novo cenário para a universidade. Tratando-se especificamente da Uerj, muitos outros fatores contribuem para a mudança desse cenário. Um deles é o fato desta universidade estar distribuída em muitas cidades do estado do Rio de Janeiro e, também, por seu maior campus em tamanho e número de cursos, o Francisco Negrão de Lima, estar localizado em uma região com acesso ao trem, metrô e ônibus para muitas cidades do estado do Rio de Janeiro. O segundo é pela universidade contar com muitos cursos noturnos, o que possibilita que muitos trabalhadores sejam também estudantes da universidade (Santos, 2022b, p. 41).

No meu processo de ser psicóloga, O COM-POR foi para mim um espaço em que eu pude vivenciar o Ubuntu na academia, percebendo que o “eu”, não se faz sem “nós”, como relatado por Loíse Lorena (Santos, 2019), que atuou junto conosco na equipe do grupo:

Este primeiro encontro aconteceu um dia após o feriado de 23 de abril, e uma das questões trazidas pelas participantes foi a de não ter feito nada da faculdade no feriado. Uma revolta abraçada por culpa incomodava todas elas que frequentavam a universidade, ou que já haviam frequentado. Uma das queixas era a sobrecarga, outras o horário das turmas que não permitia que

quem trabalhasse ou morasse muito distante pudesse frequentar. Elas se sentiam obrigadas a dizer não para as oportunidades, quando na verdade o não já estava dito nas disposições das atividades. Foi aí, então, que uma pessoa da equipe de atendimento perguntou como as meninas achavam que seria uma universidade que contemplasse -elas- (no momento em que escrevi "elas" no caderno, parei, risquei e escrevi "a gente"). Nesse instante eu me deparei com a questão de quem seriam "elas" e "nós". Eu me sentia tão contemplada por tudo o que estava sendo dito por pessoas tão iguais a mim/nós que ficou confuso esse lugar. O que eu estava anotando não era só sobre elas(?) era sobre mim/nós todos também (Santos, 2019).

O relato acima aponta para a potência que é estar em grupo, em união com outras pessoas, que apesar de serem diferentes entre si, não é ameaçador, pois reconhecemos que somos compostos dessas interações:

Essa diversidade significava que cada indivíduo contribuía com diferentes habilidades. Cada um tinha seus pontos fortes, mas também, talvez, seus pontos "fracos". Em conjunto, eles mostraram que um grupo de indivíduos diversos pode ir muito além e alcançar muito mais que quando todos têm os mesmos talentos. No entanto, isso era o que tornava o grupo especial e, de fato, é o que pode reunir qualquer grupo diverso. Permanecer humilde e ver o que as outras pessoas podem oferecer significa que podemos aprender uns com os outros, porque nos vemos como seres iguais (Ngomane, 2022)

Se nos formamos como pessoas através da interação mútua, do "eu" com "nós", o grupo também é capaz de produzir uma pele coletiva, a fim de nos proteger enquanto pessoas negras, não só nos espaços acadêmicos, assim como nos sociais.

Afinal, o racismo, de maneira diferente, está tanto para as pessoas negras quanto para as brancas. O que nos interessa é criar espaços de fortalecimento em rede que possibilitem que uma pele coletiva seja composta. Da mesma forma que a pele dá contorno e tem função de proteger o corpo contra agentes externos, o COM-POR UERJ é um cuidado para a população negra e um instrumento contra o racismo. Para além da cor da pele nos atendimentos, nestes espaços importa um trabalho diligente a fim de que estejamos atentas e atentos às sutilezas que abrigam o racismo (Santos *et al*, 2022, p. 227)

A proposta do COM-POR UERJ Pessoas Negras, é resgatar a nossa humanidade, por meio da criação de um ambiente em que o Ubuntu se faça presente. Apostamos em um cuidado coletivo, que se reverbera em todas as pessoas que fazem parte do grupo ou que tenham contato com nossa proposta.

Quem sou eu? Que espaço eu ocupo? Que espaço ocupa o outro? Quem é a pessoa que está na minha frente? Indagações estas que precisam ser feitas a cada atendimento, pois sem elas não nos localizamos — algo essencial para sabermos onde estamos, onde o outro está e que violências podem ser evitadas ou que cuidados podem ser gerados a partir daí (Santos *et al*, 2022, p. 232).

Djamila Ribeiro (2019), mulher negra, filósofa, afirma a importância de reconhecer o seu *locus* social, pois entende-se que todas as pessoas possuem lugares de fala, por estar se falando de localização social (Ribeiro, 2019, p. 85). A autora, apesar de empregar este termo para discutir especificamente as relações

raciais, nos instrumentaliza para a sua aplicação em um contexto também clínico, uma vez que como bem aponta: “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas poder existir. Pensamos num lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (Ribeiro, 2019, p. 64). Dessa forma, quando eu reconheço meu lugar no mundo e o afirmo, eu reivindico uma existência plural e não universal.

Devemos estar atentas/os/es como profissionais de Psicologia, para não reproduzirmos opressões raciais, de gênero, classe, capacitistas, entre outras, para assegurar o cumprimento de nosso código de ética. Há profissionais que acreditam que quando o nosso Conselho se posiciona em defesa de uma coletividade, está promovendo uma divisão, e em suposta defesa da humanidade, uma parte da categoria profissional endossa que “somos todos humanos”, “a psicologia é para todos”. Mas quem são esses humanos e esses todos? Se adotarmos a filosofia ubuntu como ética, saberemos que o “eu” não se faz sem “nós”, que ao apostarmos na defesa de grupos que são discriminados, estamos também nos defendendo. Mas há um certo equívoco em uma sociedade racista, que adota como referencial de humanidade, apenas o que é pautado pela branquitude. No contexto clínico, isso revela-se, pela não compreensão da pessoa como um ser integrado, ou melhor dizendo, como aponta Aza Njeri (2022), como parte de uma teia ecossistêmica, o que faz com que adotemos uma compreensão individualizante de pessoa, fazendo com que todas as questões sejam algo da própria pessoa.

Quando centralizamos o racismo em quem sofre, favorecemos a culpabilização das vítimas pela violência racial que sofreram, focando nossas intervenções em como a pessoa lida com o racismo, e não em combatê-lo. Não estou afirmando que o modo como a vítima lida, não interessa, muito pelo contrário, porém é necessário que ampliemos o foco de nossas intervenções, para que também sejam pensadas estratégias para combater o racismo em nossa sociedade.

Atualmente, a *American Psychology Association* (APA), importante organização no campo da Psicologia, reconheceu o quanto contribuiu para a perpetuação de práticas racistas, reconhecendo suas falhas na luta antirracista. A APA propôs a adoção de medidas, tais como, o reconhecimento de seu papel no desmantelamento do racismo e a sua responsabilização na promoção de equidade em saúde na Psicologia (American Psychology Association, 2021). No Brasil, o CFP, elaborou a resolução nº 018/2002 (Conselho Federal de Psicologia, 2002), além do

material sobre relações raciais do Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP) em parceria com os Conselhos federais e regionais de Psicologia, que visam contribuir com práticas antirracistas. Tais ações são importantes, pois permitem o enriquecimento da formação em Psicologia, com profissionais que se responsabilizam na luta contra o racismo, pois “É importante que profissionais façam a reflexão sobre si próprios, como sujeitos inseridos em uma sociedade cujo imaginário social demarca negras/os/es em um lugar inferior, oprimido e menos valorizado, ocupando subempregos ou restritos a arte e esporte” (Conselho Federal de Psicologia, 2017, p. 115). Que a partir de estratégias como o COM-POR UERJ Pessoas Negras, possamos fomentar a promoção de saúde mental da população negra, e além disso, contribuir como profissionais para um mundo em que não haja quaisquer tipos de discriminação, em que pessoas tenham dignidade em seu existir.

3.3 Ubuntu nas salas de aula: a experiência em estágio docente

“O conhecimento é como um baobá: ninguém sozinho pode abarcá-lo com os braços” (Ngomane, 2022). Estávamos reunidos em uma de nossas reuniões de bancadas, que é um espaço de orientação de nossas produções acadêmicas, em que a cada semana discutimos o texto de cada integrante do Laboratório afeTAR. Enquanto escrevo essa dissertação, penso que essas reuniões poderiam ser descritas como o espaço em que plantamos o nosso baobá, em que cada pessoa dissemina o seu conhecimento como algo que contribuirá para que tenhamos como cuidá-los. É por isso que é importante convidar vocês para se sentarem comigo embaixo desse baobá, para que assim como os griôs, que são as pessoas que disseminam o conhecimento às demais, eu possa contribuir para a germinação da filosofia Ubuntu.

Lembro que antes de pensar em me transformar também em griô, tinha o Hebert Santos (2022a; Santos *et al*, 2023) assumindo tal função, disseminando o que aprendera com o Ubuntu. Hebert é um homem negro, mestre em Psicologia Social, que quando estava construindo sua dissertação, compartilhou com o grupo o livro *Ubuntu. Lecciones de sabiduría africana para vivir mejor*, de autoria de Mungi Ngomane. Lembro de Hebert mostrar o livro para o grupo, dizendo o que estava aprendendo com tais ensinamentos. Não demorou muito para que Alexandra, nossa

orientadora, se animasse para começar tal leitura. Lembro que ela começou a ler, para que pudesse conhecer mais sobre a filosofia e assim auxiliar o Hebert (2022a; Santos *et al*, 2023) em seu percurso de escrita e de se tornar mestre em Psicologia Social. Essa situação me faz pensar na beleza da vida, no que podemos aprender quando estamos em união. Alexandra, como nossa orientadora, poderia ser considerada como a única griô de nosso grupo, pois compartilha seus ensinamentos conosco, para que assim também possamos ser griôs. Isso se pensarmos em uma lógica ocidental, que preconiza a hierarquia como forma de se relacionar. Quando pensamos como os povos africanos, aprendemos que todos podemos aprender uns com os outros (Ngomane, 2022), e que no fio da vida, o importante é que haja harmonia entre os seres.

Segundo o pensamento ancestral africano, no Universo não existe 'grande' nem 'pequeno' e, sim, a harmonia entre as coisas. As relações de grandeza não tem nenhum sentido porque não acrescentam nem diminuem nada (Lopes; Simas, 2020. p. 23).

Dessa forma, pudemos ver o quanto ao cultivarmos uma relação harmônica entre nós, fortalecemos as raízes de nosso baobá, permitindo que mais pessoas pudessem sentar embaixo de suas folhas, para que o conhecimento fosse disseminado. Hebert (2022a; Santos *et al* 2023), talvez, não tivesse noção de que ao compartilhar o livro conosco, mais pessoas pudessem ser alcançadas com tais ensinamentos, como eu estou sendo e tantas outras, através da disciplina Filosofia Ubuntu, ministrada pela professora Alexandra.

Palavras parideiras de pensamentos bagunceiros, daqueles que viram a casa de cabeça pra baixo fazendo aparecer a joia perdida... as coisas não pensadas e não sentidas antes deles. Que bom que ouvi o tambor e segui seu chamado. Que bagunça boa virou a minha cabeça depois daquela tarde. Que barulho bom as pedrinhas fazem ao rolar (Lopes; Simas, 2020, p. 10).

Naquele momento, em que Hebert Santos (2022a; Santos *et al* 2023) com suas palavras pariu pensamentos bagunceiros em mim, não tinha dimensão do quão bagunçada eu ficaria. Pouco tempo depois ingressei no mestrado e em meu 1º semestre, Alê (Alexandra) me convidou para fazer o estágio docente. De início, confesso que estranhei, por estar recém-chegada e ainda me habituando ao ritmo da pós-graduação. Hoje, percebi que era mais um convite para viver a experiência da vida com ubuntu. Comigo, além da Alexandra, havia mais três mulheres, também discentes da pós, que aceitaram esse convite, que foi estendido à turma. Lembro que me questionava sobre como essa filosofia poderia dialogar com a Psicologia.

E o tambor toca, doído, nos lembrando do que esquecemos. Mas a ele não chamamos Filosofia. Ela é branca, grega, francesa ou alemã. Não muito mais

que isso. E deixe quieto. Nada de muito alvoroço que é para não bagunçar as ideias. Há uma lógica, a aristotélica, que já deu conta do raciocínio correto e afasta os enganos. Mas o que é mesmo essa tal Filosofia? Um edifício conceitual pensado nas montanhas geladas, em gabinetes escuros? Um saber enciclopédico para poucos eleitos? Um crivo para selecionar as inteligências superiores? Não, tudo isso é traição à Filosofia (Lopes; Simas, 2020, p.11).

Que bom que o tambor tocou. Pois me sinto um tanto envergonhada por ter duvidado da filosofia Ubuntu. Como pude me esquecer de algo tão vivo? É melhor seguir o conselho dos autores acima, e deixar quieto. Mas não posso deixar tão quieto também. É por isso que aponto à direção desse alvoroço, para não bagunçar as ideias por aqui, mas sugiro que rememoramos (Santos, 2022a) Sankofa, para que aprendamos com o passado e sigamos avançando com sabedoria em nosso caminhar em prol de uma sociedade em que a diversidade seja respeitada.

Estávamos na UERJ, no 10º andar, onde fica o curso de Psicologia. Embora a UERJ seja um prédio cinzento, e estivéssemos praticamente em uma montanha gelada, em um gabinete um tanto escuro, conseguimos transmitir comunitariamente um saber vivo, que não era uma enciclopédia seletiva, mas um saber que se sustentava na presença de cada pessoa ali. A professora Alexandra Tsallis iniciava a disciplina, convidando-nos a estar em roda, e a cada aluna/o/e que entrava em sala, recebia sempre com um cumprimento gentil. Hoje, com mais contato com a filosofia Ubuntu, percebo que aquela atitude ia de encontro com o conceito de comunidade em Ubuntu:

O pensamento ocidental perdeu a noção de comunidade nessa corrida louca por títulos que denominamos conhecimento. Ao engordar currículos, sucumbem anoréxicas as relações. Caminhamos a passos largos para longe da sabedoria, parindo enlouquecidamente diplomados que não sabem conviver (Lopes; Simas, 2020, p. 10).

Como parte de um compromisso de mudar o mundo e uma política de acessibilidade, Alexandra nos apontava a importância da audiodescrição. Cada um e cada uma de nós, ao iniciarmos nossa fala, compartilhamos o que nos constitui como seres humanos, nossos nomes, nossas peles, e o que mais quiséssemos compartilhar. A proposta da disciplina era compartilhar a cada semana uma lição da filosofia Ubuntu, entre as pessoas que ali estavam, a fim de que percebêssemos o quanto o Ubuntu está presente em nossas vidas. As lições são: **1:** Veja-se nos outros; **2:** A força está na união; **3:** Coloque-se no lugar do outro; **4:** Escolha ver a perspectiva mais ampla; **5:** Tenha dignidade e respeito por si e pelos outros; **6:** Acredite no bem que há em todos; **7:** Escolha esperança em vez de otimismo; **8:** Procure maneiras de

se conectar; **9:** O poder da palavra com P: Perdão; **10:** Abrace nossa diversidade; **11:** Aceite a realidade (mesmo que machuque); **12:** Encontre humor em nossa humanidade; **13:** Por que as pequenas coisas fazem uma grande diferença; **14:** Aprenda a escutar para poder ouvir. Alexandra nos diz que o seu objetivo não é só o de nos formar profissionalmente, mas nos formar como seres humanos. Só agora pude perceber o quanto essa fala contém uma riqueza, pois quer dizer que quando nos formamos como seres humanos, construímos um mundo, que não se limita apenas ao nosso exercício profissional, porém na dimensão de um mundo possível para todos os seres. “Quem tem ubuntu tem o cuidado de andar pelo mundo como alguém que reconhece o valor infinito de todos com quem se relaciona. Portanto, não é simplesmente uma maneira de se comportar; é, de fato, uma maneira de ser” (Ngomane, 2022).

Lembro que Alexandra chegava contando sobre a lição, de um modo muito convidativo, com a certeza de estar distribuindo um presente valioso para quem estava ali. De fato é. Ela contava, calmamente, sobre a lição, como quem conta a uma pessoa querida sobre as boas novas. Ela pedia para que alunas/os/es pudessem registrar o que tinham entendido. Em algumas vezes, Alexandra fazia uma dinâmica com a turma para que a lição ficasse ainda mais viva em nós. Recordo-me especialmente de algumas, como uma em que grupos foram divididos e escreviam o que aprenderam sobre a lição, em seguida havia a troca das páginas escritas com outro grupo, a fim de que cada um pudesse contribuir a partir de suas percepções para criar um aprendizado coletivo, em que cada pessoa é importante para enriquecer a compreensão da outra. Essa foi a lição 4 **Escolha ver a perspectiva mais ampla:**

Mais do que tentar se colocar no lugar do outro, escolher ver a perspectiva mais ampla da vida pode ser um desafio - a ideia vai além de apreciá-la do ponto de vista de outra pessoa, o ubuntu nos ensina que devemos observar o mundo sob todas as perspectivas, de todos os ângulos. Ao fazer isso, podemos extrair o máximo de compreensão possível sobre uma situação (Ngomane, 2022).

Outra lição que me marcou foi a 12 **Encontre humor em nossa humanidade** em que compartilhamos entre nós situações engraçadas de nossas vidas, pois na filosofia Ubuntu o riso é uma forma importante de viver, que nos faz bem e nos ajuda a lidar com situações difíceis na vida. Daniele Miranda, uma das mulheres que estavam comigo entre as estagiárias docentes, é palhaça, e compartilhou conosco o que aprendeu em uma das oficinas de palhaçaria, que é o Cabaré de Fracassos, que consiste em expor através do humor alguma situação de fracasso ou constrangedora que viveu. Ela então começou contando sobre uma situação que viveu em sua

adolescência e convidou às demais pessoas que se sentissem à vontade, a compartilharem as suas também. Lembrei-me, então, da vez que eu caí da esteira na academia e que, a partir disso, todas as pessoas seguiram por semanas falando ao me encontrarem que não era para desistir. Essas histórias provocaram gargalhadas entre nós, criando vinculações através dos risos:

Todos nós gostamos de rir. O riso faz com que nos sintamos melhor. É bom para a saúde do coração, reduz os hormônios do estresse e aumenta a sensação de bem-estar, além de criar vínculos. Quando fazemos alguém rir, muros são derrubados e conexões são criadas. Essa é a essência do ubuntu (Ngomane, 2022).

Também me recordo de uma outra lição, a 2 **A força está na união** em que é ensinado o poder de estarmos em união e o quanto de coisas podemos fazer quando compartilhamos nossas forças coletivamente. Nesse dia, estava pensando sobre essa lição e de como poderia repassá-la, trabalhando-a em sala de aula. Sentada no trem à caminho da UERJ, começo a escutar a música do meu *rapper* preferido que é o Emicida. Logo fui tocada pelo sentimento de união e do quanto ficamos mais fortes quando sentimos que não estamos sós. À seguir compartilho a letra da música *Sobe Junto*:

Operário numa construção grande
 Time centrado, foco, revanche
 Coletividade e visão além do alcance
 Pega essa avalanche
 Quem sonha junto, sobe junto, hã
 Quem sonha junto, sobe junto (yeah)
 Quem sonha junto, sobe junto
 Quem sonha junto, sobe junto
 Escritório? Um Nokia véio e uma mochila (lembra, Fióti?)
 Dali veio todas verde, clorofila (tendeu? Verde)
 Violão tonante, inferno Dante, isso era vila (isso era vila)
 Um big bang entre pedi um teco e chamar tequila (universo inteiro, mano)
 Voamos sem deixar rastro, como os pardais
 Pernilongos se achando drácula, tão demais (sai, sai, sai!)
 Preço impressiona no início, são questões hormonais (é sério memo)
 Com maturidade, os valores falam mais (calma)
 Tipo scarface, o neon grita que o mundo é meu
 Sabe o que disse pros meu?
 Motivo do brinde tem que valer mais que o drink
 Nem todos entendeu
 Tijolo amarelo do meu caminho
 Fundamento antigo, igual pergaminho
 Serve pra Kombi e pro jatinho
 Resumo, ninguém sonha sozinho, é isso
 Quem sonha junto, sobe junto
 Eu já rodei por todo o mundo
 À minha família eu sou leal
 Tem muito pra alcançar, nada vai nos desviar
 Eu sei que quando caminhamos juntos
 O sonho pode ser maior que o mundo (pode ser maior)
 Eu sigo tranquilo

Até na contramão fazemos nosso fluxo
 Mantenho minha esperança e um bom futuro
 Nunca vão me pegar em cima do muro
 Meu tesouro, meu porto seguro (minha família)
 Quem sonha junto é que sobe junto
 Num mundo caótico, sonhar é sobrevivência
 União e um propósito, subir junto nesses pódios
 Enfrentamo' dez leão por dia, pra zerar juntos esses jogos
 Brasil, Round 6 num nível hard, mas temos coragem que enche os olhos
 Meu canto nunca foi só meu, vem de longe, papo de séculos
 Eu não carrego o mundo só, mesmo quando é eu e meus cadernos
 Caminhamo' junto até no incerto, nada paga a fé que em mim investem
 Dos coros até esgotar ingressos, mãe, sou resultado das suas preces
 É por nós, quando 'to no mic
 Fortalecida pro combate
 Às vezes, o corre é sem massagem
 E esses abraços são resgate
 Quem sonha junto, sobe junto (é quente)
 Sonha junto, sobe junto (por nós)
 Quem sonha junto, sobe junto (é isso)
 Ninguém sonha sozinho nesse mundo
 Hip-hop é sobre vencer coletivamente, certo?
 Se você vencer sozinho, a vitória é do sistema
 Quem sonha junto, sobe junto
 É isso
 Paz (Sobe..., 2022)

Essas lições compartilhadas, me fazem pensar em uma formação em Psicologia que se faça COM e não sobre (Moraes, 2010). Dessa forma, todos os actantes importam e nos fazem-fazer. Isso se traduz desde a forma como a disciplina é composta, em que a participação de todas/os/es é fundamental para que cada lição seja aprendida. Esses ensinamentos nos ajudam a fazer uma Psicologia que não está dada, mas que está sempre se construindo, tal como o social de Latour (2012). Nos faz perceber a singularidade de cada actantes e do quanto temos que estar abertas(os) para o que advém dessa união com esses. Laura Quadros (2011), mulher branca, gestalt-terapeuta, nos aponta para a importância de um exercício profissional que seja construído e não aplicado “Nesse sentido, a intervenção pode ser um processo de construção entre os participantes ao invés de ser uma técnica aplicada para produzir um determinado efeito” (p. 40). Isso nos é considerável enquanto profissionais de Psicologia, pois cada lição nos ensina como podemos construir nossas práticas, de forma singular e o mais importante: em união. O Ubuntu nos ensina, como profissionais, e especialmente como seres integrantes do mundo, a ir além de nós mesmos, a considerar como importante não só a si próprio, mas o mundo de forma integral. Dessa forma, ao abraçarmos o Ubuntu na formação em Psicologia, afirmamos nosso compromisso com um mundo em que a pluralidade seja respeitada, tanto de si quanto dos demais seres que o integram conosco.

3.4 Nas voltas do tempo: mundos possíveis na pós-graduação em psicologia social

Nas voltas que o tempo faz, pude experienciar um jeito de fazer pesquisa envolvente, que cria mundos, ao invés de destruí-los, escrevo com o coração aquecido, com um desejo de construir futuro. Não seria justo se eu não colocasse aqui os actantes, humanos e não-humanos, que inflaram isso em mim. Começo contando sobre uma disciplina que estou/estive tendo na pós, escrevo dessas duas formas, para que eu possa tanto abarcar a experiência presente como a passada. Na disciplina, juntamos duas áreas distintas, a Antropologia e a Psicologia, para que a partir dessa união fosse possível um diálogo entre ambas, auxiliando-nos a pensar a forma como fazemos as nossas pesquisas.

As professoras, Alexandra Tsallis, que é a minha orientadora nesta pesquisa circular, e Flávia Pires, mulher branca, antropóloga possibilitaram o encontro entre o mundo da Psicologia e Antropologia, com uma disciplina nomeada como **ATELIÊ DE PESQUISAS DE CAMPO: DIÁLOGOS ENTRE A ANTROPOLOGIA E A PSICOLOGIA**. Quando entrei em sala de aula me deparei com colegas negras/os/es, brancas/os/es, dos mais variados lugares do Brasil, sentadas/os/es em círculo.

A circularidade também remete à coletividade dentro dos valores da cultura afro-brasileira. Também tem ligações com o movimento e os processos de renovação. O conhecimento é transmitido dentro das rodas, como nas rodas de samba, de capoeira e de dança afro. Nesta circularidade não temos um início nem um fim, o conhecimento circula pela roda sem sabermos onde começa ou onde termina (Santos *et al*¹⁸, 2023, p. 11).

Houve também quem não pudesse estar presente fisicamente, mas que com a ajuda da *internet* pôde se juntar conosco. Daniele Miranda, uma vez me ensinou que para estar junto, não é necessário estar fisicamente. Mas, para mim, foi tão importante ter a presença física de pessoas tão parecidas comigo. Um tempo atrás, em muitas das conversas que tive com o Laboratório afeTAR, relatei o quanto me sentia sozinha na pós-graduação e que me fazia falta não conhecer mais colegas negras/os/es.

O reconhecimento é uma maneira importante de começar o processo de enfrentamento e transformação, de união. Não é uma ocasião para desespero. Identificar como participamos da perpetuação da supremacia branca, da dominação racista, expande nosso potencial para intervenção e

¹⁸ O Santos *et al* é composto por várias pessoas, como aprendemos com o Ubuntu “uma pessoa só é uma pessoa, através de outras”. Mas é necessário que também as apresentemos: Hebert Silva dos Santos é um homem negro, gay, mestre em Psicologia, que carrega tantas outras pessoas em seu sobrenome, como Loíse Lorena do Nascimento Santos, mulher negra, mestre em Psicologia, Laura Cristina Quadros e Alexandra Cleopatre Tsallis, ambas mulheres brancas, doutoras em Psicologia.

transformação. Reunir-se para conversar uns com os outros é um importante ato de resistência, um gesto que demonstra nosso interesse e nossa preocupação; nos permite enxergar que somos um coletivo, que podemos ser uma comunidade de resistência. Juntos podemos esclarecer nossa compreensão da experiência negra, da similaridade e da diferença à medida que determinam nossas relações sociais, enquanto compartilhamos maneiras de permanecer autoafirmativos e completos conforme fazemos nosso trabalho acadêmico (hooks, 2019, p. 156).

Essa disciplina serviu como uma forma de intervenção e transformação em um espaço institucional em que, muitas das vezes, não abraça a diversidade. No início, foi proposto que cada pessoa se apresentasse às outras, de forma em que pudéssemos nos conhecer. Era necessário que fôssemos até o centro da roda, para que, tanto quem estivesse fisicamente ou virtualmente, soubessem quem éramos “Enquanto a sociedade se faz com os iguais, a comunidade se faz com os diversos” (Santos, 2023a).

Ao final das apresentações, foi realizada uma atividade, que consistia em dar pulinhos cada vez que nós apresentássemos a turma. Confesso, que em um primeiro momento, fiquei meio receosa com isso, pois pensei: estou em uma sala de pós graduação, com adultos, pulando feito uma criança. O que os outros irão pensar? Quando acabamos de pular, a professora Alexandra, falou que essa dinâmica era para que pudéssemos trazer nossos corpos para a pós graduação, pois concebemos esse lugar como se fosse da mente e esquecemos os nossos corpos. Uma vez ao participar da qualificação de uma grande amiga Angél, escutei a professora Débora apontar que a separação do biológico e social faz parte do pensamento ocidental e que o trabalho da minha amiga era criar rupturas com o Ocidente. Para mim, isso me fez perceber ainda mais o quanto o nosso corpo é importante.

Ouvi-las me fez reconectar com a minha pesquisa, e fez pensar: olha o Ubuntu aí, mais uma vez “A capacidade de ouvir está no coração do ubuntu. Trata-se de dedicar tempo e atenção aos outros, permitindo que eles se sintam ouvidos e saibam que são importantes” (Ngomane, 2022). Digo isso, pois o ubuntu nos ensina que somos seres inteiros, que existimos com nosso corpo e cabeça, e em cada ser que compõe esse mundo conosco “O Ubuntu valoriza a coletividade, o respeito e a solidariedade, ampliando nossos olhares e interações na pesquisa e psicologia. A diversidade é propositiva, enriquecedora e cria conexões significativas” (Santos *et al*, 2023, p. 4).

A todo momento essa disciplina, nos convidava a trazer para o nosso cotidiano as nossas pesquisas, que na maior parte das vezes, está ofuscada e trancafiada entre

as telas de computadores ou em papéis. Certa vez, estava no aniversário de meu sobrinho e precisava continuar com a escrita deste texto, então levei os equipamentos que me eram necessários e sentei em um canto do local em que a festa acontecia. Em meio ao barulho de música, de conversas, percebi que também podia fazer ciência dessa forma, compartilhando com/do mundo.

Desde muito cedo somos incentivados a pensar como indivíduos e a focar em nossas realizações individuais; a almejar o “primeiro lugar”. Então, muitos de nós passam a vida profissional em silêncio, diante de uma tela de computador, isolados em um cubículo ou presos em uma função na qual há pouco tempo para uma cultura que abre espaço para conversas pessoais, ou simplesmente não há tempo algum (Ngnomane, 2022).

Em meio ao processo de escrita, aquelas pessoas me nutriam não só com palavras, me colocando na roda da conversa, mas também me oferecendo as comidas que tinham na festa. Naquele dia, eu fiquei encantada por uma pesquisa que se produz na confluência.

Não há festa sem comida nem comida sem festa, assim como não há comida sem plantio. As comidas típicas de cada festa acompanham o modo de vida compartilhado e o ciclo de plantio. No tempo da festa, quem não planta também tem acesso aos produtos. A comida alimenta o corpo e alimenta a alma – a comida para nós não é só comida. O feijão que sai do supermercado e vai para as nossas festas passa a ser outro produto, incorporando outras vidas, outros espíritos. Não é mais aquele feijão, passa a ser outra coisa (Santos, 2023a).

Pensar na minha pesquisa de forma livre e espontânea, resgatar meu ânimo, me faz pensar “é por isso que eu estudo Ubuntu”. É porque eu acredito em um fazer coletivo, na força da união e do que advém quando estamos em contato com aquilo que nos cerca.

Durante a semana que estive vivendo essa disciplina coletivamente, as professoras enviavam sempre de manhã pelo *WhatsApp* perguntas que nos faziam sentir que a nossa pesquisa caminhava conosco o tempo todo. À seguir, compartilho com vocês algumas delas:

P: Aonde estão? Como estão? Pensem na pesquisa que fazem, ela está aí com vocês?

R: Estou em casa, me preparando pra ir a UERJ. Estou cansada, pois essa semana tive que mudar um pouco a rotina para que eu pudesse viver esse ateliê com vocês. A minha pesquisa está comigo a todo momento e também ao meu redor. Seja na linda paisagem do Rio compartilhada aqui, nos relatos dos colegas que li com bastante empolgação, estar conectada com o que está ao meu redor, me faz reencontrar o

motivo pelo qual eu pesquiso o Ubuntu na formação em Psicologia. É porque eu acredito no poder da união. Em um mundo interligado e coabitado com/entre seres. Lindo demais poder tá vivendo isso! Gratidão

P: Com quê e como a sua pesquisa sonha?

R: Bom dia, pessoal. Muitas mensagens. Estou tentando ler todas, mas algumas estão embarçando aqui para mim. Peço perdão se eu não responder a reflexão corretamente. Mas enquanto lia as mensagens, fiquei pensando na metodologia que utilizo na dissertação, que é a Teoria Ator Rede (TAR). Lembro que na TAR não caminhamos em linha reta, mas em circularidade. Acho que até convém eu estar me sentindo assim durante esses dias nos quais me encontro com vocês. É uma circularidade de afetos, de trocas, potências, de saberes... Estar com vocês me faz ter um sonho-pesquisa, pois é do meu sonho em viver uma formação com Ubuntu, que me faz prosseguir à diante. Agradeço imensamente à vocês, por estarem presentes neste sonho, que vai se materializando em meu cotidiano e no meu pesquisar. Que gostoso é fazer pesquisa dessa forma! Dá gostinho de quero mais!

Em nosso último encontro, cada pessoa pôde falar de como se sentiu durante esse compartilhamento de saberes que foi esta disciplina. Ao chegar minha vez, disse que me chamou atenção o quanto eu repeti ao longo da semana a palavra “gostoso”. Agradei ao grupo por estarem comigo e contei-lhes que durante muitos momentos do mestrado, eu me esqueci do quanto era prazeroso fazer pesquisa. Em meio às demandas universitárias, que envolvem prazos, burocracias, vamos nos esquecendo de sermos felizes no caminho. Minha orientadora sempre nos rememora do quanto temos que trabalhar com alegria.

Devemos nos tornar tão articulados ao nomear nossas alegrias quanto somos ao nomear nosso sofrimento. Thich Nhat Hanh nos ensina: "Quando você já sofreu, você sabe apreciar os elementos do paraíso presentes no agora. Se você permanece apenas em seu sofrimento, deixa o paraíso escapar". Para mim, a sala de aula continua a ser um espaço onde o paraíso pode ser concretizado, um lugar de paixão e possibilidade, um lugar onde o espírito tem valor, onde tudo o que aprendemos e tudo o que sabemos nos leva a uma conexão ainda maior, a uma compreensão maior da vida em comunidade (hooks, 2021a, p. 274).

Dessa forma, pude perceber o quanto a pós-graduação pode ser um lugar em que me sinta feliz, repleta de possibilidades. Isso me faz refletir também que o Ubuntu

nos ensina a ter esperança, pois mesmo diante das inúmeras dificuldades encontradas no meu percurso de me tornar mestra, pensar no porquê eu estava li e de que todo o meu esforço poderia permitir que o trajeto fosse menos desafiador para outras pessoas, em especial as negras, foi o que me deu força.

Fazer um esforço para nutrir nossa tendência humana a sentir esperança é uma maneira poderosa de ajudar a alcançar nossas ambições na vida. Como em todos os objetivos que almejamos, haverá desafios. Nenhum caminho corre sem obstáculos. São nesses momentos que nossa determinação é testada, mas, se acreditarmos na esperança, ganharemos resiliência (Ngomane, 2022)

Quando me percebo como futura mestra, lembro do que falei na minha qualificação, de que meu trabalho serviria para que uma banca composta majoritariamente por professoras/es negras/os/es não fosse uma raridade. Lembro-me dos ancestrais, de pessoas negras que pude conhecer na pós, da professora Débora, e me percebo incluída também nessa circularidade da vida. Há vida para pessoas negras, e pode ser uma em que possamos estar em todos os espaços. Pois como aprendi com Rico Dalassam, homem negro, cantor:

Porque a melhor versão de nós nunca foi na agonia
Na confusão dos ódios, na distração dos brancos
Cuide
Você é parte da minha parte viva, ô
E a gente ainda é a parte viva do mundo (DDGA, 2021)

Como futura professora quero promover ensinamentos que sejam circulares, que permitam que as pessoas tenham esperança em suas vidas, que inspirem uma formação em que a universidade possa ser um lugar de liberdade, pois como diz bell hooks (2021a, p. 53):

Professores que se importam e servem a seus estudantes estão, em geral, em dissonância com o ambiente em que ensinamos. Com muita frequência, trabalhamos em instituições nas quais o conhecimento foi estruturado para reforçar a cultura do dominador. Servir como forma de resistência política é fundamental, pois é uma prática de entrega que afasta a ideia de recompensa. A satisfação está no ato de se entregar, de criar o contexto para que estudantes possam aprender livremente. Quando, como professores, nos comprometemos com o servir, somos capazes de resistir à participação em formas de dominação que reforçam regras autocráticas. O professor ou a professora que continuamente servem afirmam, por meio da prática, que educar é seu interesse primordial, e não a autopromoção ou a afirmação do poder individual.

O Ubuntu para mim é a ferramenta que permite essa transformação, pois quando convido-o para a formação em Psicologia, compartilho de um objetivo que é o de possibilitar outros futuros, de promover ensinamentos que sejam capazes de manter vidas e de criar tantas outras. Que eu possa ter a sabedoria de tantas/os mestras/es que nos ensinam modos de viver mais para além dos que são mestras/es pela

academia. Mas quando me torno mestra na academia, eu faço o que Nêgo Bispo (Santos, 2023a) aponta “Fui para a escola escriturada para ser necessário, não para ser importante. Para poder contribuir com a resolutividade da nossa comunidade”.

CONSIDERAÇÕES ESPIRALARES

Não faz sentido eu escrever sobre considerações finais, pois a todo tempo falei da importância de uma pesquisa que se faz organicamente com o tempo, de forma circular. Durante a dissertação a linearidade dos prazos foi dificultando minha escrita. Como uma mulher negra, eu sofri muito com o medo de não entregar um trabalho importante. Que bom que pude aprender com Nêgo Bispo (Santos, 2023a), que ser importante não é algo grandioso, mas que ser necessário é o que te faz ser grande. Ah! Durante esse período final, ou melhor dizendo, de transição, pois também aprendi que somos seres orgânicos e que temos que ter uma relação com a vida que demonstre essa organicidade, pude aceitar que esse trabalho precisava completar a sua volta, assim como a Terra completa circula em torno do Sol. bell hooks, com toda sua sabedoria de vida e acadêmica, alerta-nos para o perigo que corremos quando queremos atrasar a circularidade do tempo:

Minha maior preocupação era que ela terminasse o mestrado em um tempo razoável em vez de revisar e revisar para atingir uma posição de destaque aos olhos de um único professor. Mulheres de todas as raças e homens não brancos têm sido os estudantes que, com maior frequência, vejo paralisados por medo de não entregar um trabalho de excelência. Em casos assim, sempre penso que é melhor ser menos perfeccionista e mais preocupado em concluir o trabalho a tempo (hooks. 2021, p. 152)

Voltando às águas, lembro-me de uma história que a minha mãe contou sobre o meu nascimento. Ela disse que eu passei da hora de nascer, o que fez com que a equipe médica considerasse que eu estivesse morta. Ela diz que foi necessário que eu recebesse três palmadas para que enfim eu pudesse chorar. Isso me faz pensar na música que abre essa dissertação “Sobe Junto”, que tem um trecho assim “Às vezes o corre é sem massagem e esses abraços são resgate”. Meu corre na vida não teve massagem, essas palmadas dadas para que eu chorasse, foram dadas também a muitos de meus ancestrais. Mas como o tempo carrega consigo uma sabedoria, pude receber a massagem através do afago dos braços de minha mãe e por meio de mim tantas outras pessoas quando estiverem cursando a formação em Psicologia também receberão.

Dessa forma esse trabalho vai ser concluído a tempo, pois é necessário que ele nasça, entre na circularidade da vida, mas ele não vai se findar. O Ubuntu vai me acompanhar em toda a minha jornada, pois trata-se de um modo de vida.

Todo professor zeloso sabe que nossas ideias estão sempre em processo. Diferentemente de outras profissões, temos a oportunidade de retornar ao

nosso trabalho escrito e melhorá-lo. Infelizmente, estudantes de grupos marginalizados que não tiveram longa trajetória na academia (eles são, em geral, a primeira geração da família a cursar o ensino superior) ficam arrasados quando o trabalho que realizam é bom, mas não de excelência. O pensamento perfeccionista reforçado por professores os impede de perceber que ninguém é excelente o tempo inteiro. Ao contrário de muitas falsas crenças populares que sugerem que estudantes negros têm desempenho inadequado na faculdade por serem indiferentes ou preguiçosos, grande parte da inadequação que vejo é causada por medo de ser menos do que perfeito, de tentar atingir padrões inatingíveis. Isso leva estudantes ao desespero e à autossabotagem (hooks, 2021, p.152).

Embora eu seja a primeira de minha família a cursar uma universidade, o meu trabalho vai possibilitar que tantas outras se sintam inspiradas e convidadas a construir seus futuros. O Ubuntu não se esgota em mim, nesta pesquisa, mas se faz presente em cada pessoa que reconhece que somos seres individuais mas também coletivos “Quando falam de indivíduo, falam de unicidade. Nós, quando falamos de indivíduo, estamos falando de unidade, estamos dizendo “um”, mas esse “um” é parte do todo, do universo” (Santos, 2023a). Na circularidade da vida, haverá de existir outros actantes que farão parte dessa roda, com seus saberes, que compartilharão o mundo e farão com que o universo prossiga sem que sejamos capazes de mensurar o seu término.

Agora é hora de eu poder me tornar mestra. É hora de ir como Emicida diz “ir atrás desse diploma, com a fúria da beleza do sol, fazer isso por mim, por nós”. Quando eu pegar esse diploma não vai ser só minhas mãos que estarão ali, mas a de multidões de seres que me permitiram estar aqui.

Deixo com vocês o que eu falei na palestra que fiz, não vivam a formação de modo solitário, mas criem espaços de união. Saibam encontrar forças em pessoas, lugares, na natureza, nas águas, ou seja, em todos os actantes que façam circular a força vital. Aceitem o Ubuntu em suas formações, tanto a de Psicologia, como a de seres que estão em constante processo de construção. Assim ao fazê-lo estarão transmitindo o presente que a África do Sul deu ao mundo.

Em um dia qualquer, cada um de nós recebe muitas oportunidades de ser a pessoa que, por meio de palavras, ações, ou até mesmo do silêncio e da inação, oferece espaço àqueles que encontra, para que possam experimentar o cuidado e o convívio (Ngomane, 2022).

Como profissionais em psicologia seremos essa pessoa, que por meio de nosso trabalho, de nossa escuta atenta, oferecemos como possibilidade o cuidado e convívio a tantas outras. Porém, para que façamos isso da melhor forma, temos que

começar por nós e pela nossa comunidade, que é onde nos formamos mutuamente. Não podemos oferecer a outra pessoa, aquilo que nós próprios não temos:

Se decidirmos viver com ubuntu em nossa vida, devemos cuidar de nós mesmos. Temos que nos dar o que necessitamos, tanto física como mentalmente, para que nosso corpo e nossa mente não deem conta apenas de nossos assuntos diários, mas que também haja espaço para outras demandas (Ngomane, 2022).

Ao decidir viver o Ubuntu em nossas vidas e formação, temos que aprender que também somos pessoas e, portanto, necessitamos experimentar o poder de estar em união com todos os seres que coabitam este planeta conosco. Temos que experimentar o quanto sabendo que somos formados por tantas outras pessoas e seres, não faz com que deixemos de ser singulares, mas que permite que convivamos nesse mundo com cuidado e responsabilidade.

“Sawubona!” Saudação sul-africana que significa “Eu vejo você!”¹⁹.

¹⁹ Ngomane (2022).

REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- AIRES, Jackeline Sibelle Freire. "**Quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro**": experiência de formação de psicólogas(os) com o PET-Saúde/GraduaSUS UERJ. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:
https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/15241/1/Dissert_Jackeline%20Sibelle%20Freires%20Aires.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.
- AKBAR, Na'im. Psychological Legacy of Slavery. In: AKBAR, Na'im. **Breaking the Chains of Psychological Slavery**. Tallahassee: Mind Productions & Associates, 1996. p 1-25. Traduzido para fins didáticos por Roberta Maria Federico.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Apology to People of Color for APA's Role in Promoting, Perpetuating, and Failing to Challenge Racism, Racial Discrimination, and Human Hierarchy in U.S.** [S. I.]: American Psychological Association, 2021. Disponível em:
<https://www.apa.org/about/policy/racism-apology>. Acesso em: 7 jan. 2024.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração, 2013.
- ARENDT, Ronald. Considerações sobre os conceitos de recalcitrância e de plasma e sua relação com o conceito de não domínio na obra de Bruno Latour. *In*: JORNADAS Latino-Americanas de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias, 7., 2008, Rio de Janeiro. **[Anais ...]** Rio de Janeiro: ESCOCITE, 2008. p. 1-16. Disponível em: <http://www.necso.ufrj.br/esocite2008/resumos/35867.htm>. Acesso em: 6 jan. 2024.
- BENTO, Maria Aparecida Bento. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRITO, Monique Araújo de Medeiros. **Retirância-mulher**: uma epistemologia nordestina produzida COM as extra-vagâncias e assentamentos da vida. 2021. 199 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em:
<https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/17459/5/Tese%20->

%20Monique%20Ara%c3%ba%20de%20Medeiros%20Brito%20-%202021%20-%20Completa.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Educação) – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2005. Disponível em:

<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outrocomo-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Código de ética profissional do psicólogo**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 21 de julho de 2005.

Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Quem faz a Psicologia**

Brasileira?: Um olhar sobre o presente para construir o futuro. Brasília, DF:

Conselho Federal de Psicologia, 2022. [https://site.cfp.org.br/wp-](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1_WEB.pdf)

[content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1_WEB.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1_WEB.pdf). Acesso em: 6 jan. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Relações Raciais:** referências técnicas para atuação de psicólogas/os. Brasília, DF: CFP, 2017. 147 p.109.

Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf)

[content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf). Acesso em: 6 jan. 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Resolução CPF Nº 018/2002**.

Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002. Disponível em:

https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF. Acesso em: 6 jan. 2024.

COSTA, Eliane Silvia; SCHUCMAN, Lia Vainer. Identidades, Identificações e

Classificações Raciais no Brasil: o pardo e as ações afirmativas. **Estudos e**

Pesquisas em Psicologia, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 466-484, 30 jun. 2022. Disponível

em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/68631/42642>. Acesso em: 7 jan. 2024.

DDGA. Intérprete: Rico Dalasam, Dinho. Compositores: Dinho, Rico Dalasam. In:

Dores dala guardião do alívio. Intérprete: Rico Dalasam. [S. l.]: Rico Dalasam, 2021.

Álbum digital, faixa 1.

ENQUANTO durmo. Intérprete: Luedji Luna. Compositor: Luedji Luna. In: BOM mesmo é estar de baixo d'água Deluxe. Intérprete: Luedji Luna. [S. l.]: Altafonte, 2022. Álbum digital, faixa 6.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, c2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

Fanon, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, c1994.

FRANCO, Marielle. [Correspondência eletrônica enviada aos bolsistas da PUC-Rio]. Destinatário: Coletivo Bastardos da PUC-Rio. 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/aos-bastardos-da-PUC-com-carinho/>. Acesso em: 6 jan. 2024.

FRICOTE. Intérprete: Luiz Caldas. Compositores: Luiz Caldas, Paulinho Camafeu. In: MAGIA. Intérprete: Luiz Caldas. [S. l.]: Polygram, 1985.

GOBBI, Nelson. Conheça a tela "A redenção de Cam", de 1896 destaque em mostra no MNBA. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 4 jun. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/conheca-tela-redencao-de-cam-de-1895-destaque-em-mostra-no-mnba-22740416>. Acesso em: 7 jan. 2024.

GOLIN, Tau. Os cotistas desagradecidos. In: PORTAL Geledés. [S. l.], 7 jun. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-cotistas-desagradecidos/>. Acesso em: 6 jan. 2024.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro, Record, 2022. *E-Book*

GUIMARÃES, Letícia da Silva Lapa, FONSECA, Sonalle Cristina de Azevedo;

TSALLIS, Alexandra Cleopatre. Pele Alva e Pele Alvo: O Lugar de Pessoas Brancas na Luta Antirracista. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 22. Niterói, **Anais [...]**. Niterói, Associação Brasileira de Psicologia Social, 2023. No prelo.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 1995. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 6 jan. 2024.

HOFBAUER, Andreas. Branqueamento e democracia racial: sobre as entranhas do racismo no Brasil. *In*: ZANINI, Maria Catarina Chitolina. (Org.). **Por que "raça"?** Breves reflexões sobre a questão racial no cinema e na antropologia. Santa Maria: EDUFMS, 2007, p. 151-188.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021a.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua anual**: Tabela 6408:População residente, por sexo e cor ou raça. [S. l.]: Sistema IBGE de recuperação de dados, 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6408>. Acesso em: 7 jan. 2024

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD contínua**: Educação 2022. [S. l.]: 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102002_informativo.pdf. Acesso em 07 set. 2023.

ISMÁLIA (part. Larissa Luz e Fernanda Montenegro). Intérpretes: Emicida, Larissa Luz e Fernanda Montenegro. Compositores: Emicida, Nave e Renan Samam. *In*: AMARELO. Interprete: Emicida. [S. l.]: Sony Musica Entertainment Laboratório Fantasma, 2019. Álbum digital, faixa 8.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. *E-Book*.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], n. 19, p. 20-28, abr. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782002000100003>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 6 jan. 2024.

LATOURE, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: EDUFBA; Bauru, SP: EDUSC, 2012.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011. *E-Book*.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias africanas**: uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. *E-Book*.

Lorde, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MANDARINO, Ana Cristina; GOMBERG, Estélio. Água e ancestralidade Jeje-Nagô: possibilidade de existência. **Textos de História**, v. 17, n. 1, p. 143-161, 2009.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/28057/24106>.

Acesso em: 6 jan. 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

MASSIMI, Marina. Ideias psicológicas na cultura luso-brasileira, do século XVI ao XVIII. JACÓ-VILELLA, Ana Maria; FERREIRA, Arhtur Arruda Leal; Portugal Francisco Teixeira (Orgs.). **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro, Nau Editora, 2006. p. 75-84.

MASSIMI, Marina. **História da psicologia**: da época colonial até 1934. São Paulo: EPU, 1990.

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. *In*:

MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia (Org). **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010. p. 26-51.

MORAES, Márcia.; TSALLIS, Alexandra Cleopatre. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência / Storytelling, populate the world: academic writing and the feminine in science. **Revista Polis e Psique**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 39–50, 2016. DOI: 10.22456/2238-152X.61380. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/61380>. Acesso em: 13 dez. 2023.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira)**, Niterói, n. 5, p. 15-34, 2004. Disponível em: <http://penesbi.uff.br/wp-content/uploads/sites/573/2019/02/Penesb-5-Texto-Kabenguele-Munanga.pdf>. Acesso em: 6 jan 2024.

MUNANGA, Kabengele: As ambiguidades do racismo à brasileira. *In*: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil: Questões Para a Psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 33-44.

Ngomane, Mungi. **Ubuntu todos os dias: eu sou porque nós somos**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2022. *Ebook*.

NOBLES, Wade W. Sakhu Sheti: Retomando e reapropriando um foco afrocentrado. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Nagro, 2009. p. 277-297.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 19, n.1, p. 287-308. nov. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/MyPMV9Qph3VrbSNDGvW9PKc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 jan. 2024.

NOGUERA, Renato. Infância em perspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (Resafe)**, [S. l.], n. 31, p. 53-70, maio-out. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.26512/resafe.vi31.28256>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28256>. Acesso em: 06 jan. 2024.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 3, n. 6, p. 147-150, 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/358/331>. Acesso em: 6 jan. 2024.

O QUE é ubuntu? Aza Njeri [S. l.: s. n.], 2022. 1 video (7 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lwf_RFAI6Z4. Acesso em: 7 jan. 2024.

O TEU cabelo não nega. Intérprete: Castro Barbosa. Compositor: Lamartine Babo. In: Eternos carnavais. Intérpretes: Vários. [S. l.]: GDD Records, 1930. Álbum digital, faixa 3.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (Resafe)**, [S. l.], n. 18, p. 28-47, maio-out. 2012.

<http://dx.doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4456>. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4456/4068>. Acesso em: 6 jan. 2024.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. O sistema classificatório de cor ou raça do IBGE. **Texto para Discussão**, Rio de Janeiro, n. 996, p. 7-50, 2003. Disponível em:

https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2958/1/TD_996.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.

PASSOS, Rachel Gouveia. “Holocausto ou Navio Negroiro?”: inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira/Holocaust or “The Ship Negroiro?”: concerns for the Brazilian Psychiatric Reform. **Argumentum**, v. 10, n. 3, p. 10-23, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/21483/15672>. Acesso em: 6 jan. 2024.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, jul.-dez. 2024. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v9n2/11.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2024.

PIZA, Edith; ROSEMBERG, Fúlvia. Cor nos censos brasileiros. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PRESTES, Clélia R. S. Não sou eu do campo psi? Vozes de Juliano Moreira e outras figuras negras. **Revista da ABPN**, [S. l.], v. 12, Fascículo Especial, p. 52-77, 30 out. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.31418/2177-2770.2020.v12.c3.p52-77>.

Disponível em: <http://www.ammapsique.org.br/baixar/nao-sou-eu-do-campo-psi.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2024.

PRINCIPIA (feat. Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira & Pastoras do Rosário).

Intérprete: Emicida, Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário.

Compositores: Emicida e Nave. In: AMARELO. Intérprete: Emicida. [S. l.]: Sony Music Entertainment; Laboratório Fantasma, 2019. Álbum digital, faixa 1.

PSIU. Intérprete: Liniker. Compositora: Liniker. In: INDIGO borboleta anil. Intérprete: Liniker. [S. l.]: Liniker, 2021. Álbum digital, faixa 4.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo. **A construção artesanal do fazer clínico na psicologia**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia Social). - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/15186/1/Tese_Laura%20Cristina%20de%20OT%20Quadros.pdf. Acesso em: 7 jan. 2024.

RAMOSE, Mogobe B. A ética do ubuntu. Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/mogobe_b._ramose_-_a_%C3%A9tica_do_ubuntu.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023a. *E-Book*.

SANTOS, Hebert Silva dos *et al.* Corp(o)ralidade como metodologia: composições possíveis entre escrevivência e filosofia Ubuntu. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/9JfmsczfYMGqkBWt6ZYZKxr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 6 jan. 2024.

SANTOS, Hebert Silva dos Santos. **[Comentário realizado pelo Documentos Google]**. Destinatário: Laboratório afetar. Rio de Janeiro, 17 out. 2023.

SANTOS, Hebert Silva dos. **Corp(O)ralidade no dançar afro e seus impactos para a população negra: desafios e lutos de um pesquisador na pandemia**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022a.

SANTOS, Loíse Lorena do Nascimento *et al.* Racializando a fronteira, com-pondo uma pele coletiva. In: ALVIM, Mônica; BARROS, Paulo; ALENCAR, Silvia; BRITO, Vanessa (orgs.). **Por uma Gestalt-terapia crítica e política: relações raciais**,

gênero e diversidade sexual. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022. *E-Book*. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1AJ42zEcYN1p0B0hTDikPQ_Q-qVsVtdNy/view. Acesso em: 6 jan. 2024.

SANTOS, Loíse Lorena do Nascimento. **Grupo de atendimento com-por pessoas negras: afrofuturismo em ação**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022b.

SANTOS, Loíse Lorena. **[Diário de campo]**. Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Loíse Lorena. **[Diário de campo]**. Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, Neusa de Souza. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigena.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.

SIQUEIRA, Ángel. **[Comentário feito pelo Google Docs, 1.]**. Destinatário: Laboratório afeTAR. Rio de Janeiro, 12 jun. 2023a.

SIQUEIRA, Ángel. **[Comentário feito pelo Google Docs, 2.]**. Destinatário: Laboratório afeTAR. Rio de Janeiro, 12 jun. 2023b.

SIQUEIRA, Ángel. **[Comentário realizado pelo Google Documentos, 1.]**. Destinatário: Laboratório afeTAR. Rio de Janeiro, 12 jun. 2023c.

SIQUEIRA, Ángel. **[Comentário realizado pelo Google Documentos, 2.]**. Destinatário: Laboratório afeTAR. Rio de Janeiro, 12 jun. 2023d.

SOBE junto (feat. Drik Barbosa, Matuê). Intérprete: Emicida, Drik Barbosa e Matuê. Compositores: Drik Barbosa, Emicida, Grou, Matuê, WIU. [S. l.]: Laboratório Fantasma, 2022.

TSALLIS, Alexandra Cleopatre *et al.* Do anonimato à política de nomes: pesquisas de campo com teoria ator-rede. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 10, n. 1, p. 184-204, 2020 Disponível em:

<https://revista.psico.edu.uy/index.php/revpsicologia/article/view/614>. Acesso em: 6 jan. 2024.

TSALLIS, Alexandra Cleopatre *et al.* O que nós psicólogos aprender com a teoria ator-rede. **Interações**, v. 12, n. 22. p. 57-89, jul-dez. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/354/35402204.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2024.

TSALLIS, Alexandra Cleopatre. Ressonâncias metodológicas: o dia a dia do Pesquisar COM. In: BERNARDES, Anita Guazzelli; TAVARES, Gilead Marchezi; MORAES, Márcia (Org.). **Cartas para pensar políticas de pesquisa**. Vitória: EDUFES, 2014, p. 123-130.

TSALLIS, Alexandra *et al.* Sobre afectAR: del campo a la escritura como laboratorio. **Scicomm Report**, [S. l.], v. 2, p. 1-13, 15 jul. 2022.

<http://dx.doi.org/10.32457/scr.v2i1.1645>. Disponível em: <https://revistas.uautonoma.cl/index.php/scr/article/view/1645/1303>. Acesso em: 6 jan. 2024.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 244-248, 4 set. 2019. DOI: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/29000/20061>. Acesso em: 6 jan. 2024.